



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E CULTURA  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ

JOATAN SOARES DE SOUSA

**SABERES TRADICIONAIS DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS  
DA COMUNIDADE UMARIZAL (BAIÃO/PA)**

CAMETÁ-PÁ

2018

**JOATAN SOARES DE SOUSA**

**SABERES TRADICIONAIS DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS  
DA COMUNIDADE UMARIZAL (BAIÃO/PA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como requisito parcial para obtenção de Título de mestre em Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira.

CAMETÁ-PA

2018

**JOATAN SOARES DE SOUSA**

**SABERES TRADICIONAIS DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS  
DA COMUNIDADE UMARIZAL (BAIÃO/PA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como requisito parcial para obtenção de Título de mestre em Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem

Data da Aprovação: 14/09/2018.

**BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_ - Orientadora  
Profa. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira.  
Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEDUC)

\_\_\_\_\_ - Membro Interno à Instituição  
Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes  
Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEDUC)

\_\_\_\_\_ - Avaliador Externo à Instituição  
Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa  
Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGCITI)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por terem me acompanhado durante todas as minhas dificuldades, ao entrar no mestrado e durante o desenvolvimento de meus estudos e pesquisas neste trabalho.

À minha querida Professora e orientadora, Mara Rita Duarte de Oliveira, por ter sido peça fundamental nesta pesquisa, em que pude compreender e crescer com a sua grande intelectualidade, ajuda e compreensão, durante as minhas dificuldades nessa empreitada.

À professora Odete Cruz Mendes, pelo incentivo em buscar mais uma conquista e galgar mais um degrau na minha vida acadêmica, e por me achar, em meio a tantos, capaz de fazer parte de um grupo seletivo de trabalhos e estudos na Universidade Federal do Pará (UFPA).

À existência de minha amada e abençoada esposa, Priscila Costa Prestes de Sousa, que me ajudou a enfrentar essa jornada, incentivando-me nos meus estudos e me acompanhando em minhas viagens e organizações de materiais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus filhos, Ayla e Arthur, por me alegrar nos momentos que precisei, dando-me forças em continuar essa minha trajetória.

A uma pessoa muito especial, que, durante a finalização deste trabalho, pôs em meu coração a maior dor que um ser humano pode aguentar, a da separação e da saudade de sua presença, em que, muitas vezes, ao chegar de minhas enfadonhas viagens, recebia-me com grandes abraços, e seu rosto em minhas apalpadelas e o seu cabelo em meus lábios ao beijá-lo, traziam-me alívios e fortalecimento, encorajando-me a encarar, mais uma vez, a busca de um resultado para colocar em seu colo, meu amado e saudoso pai Luís Batista de Sousa.

À minha mãe, Maria Soares Raposo de Sousa, que sempre acreditou em minhas lutas, estimulando-me com palavras carinhosas e orando a Deus por minhas conquistas em meus estudos e capacitação profissional.

Aos meus irmãos, Jônatas, Marta, Joabe e Mara, pelo entusiasmo dispensado quando precisei.

Aos meus sogros, Renilda Prestes e Raimundo Prestes, pelas orações e pela torcida, juntamente com as minhas cunhadas e suas famílias.

A todos os meus colegas de turma de mestrado, que me apoiaram durante as minhas frequências em sala e me deram forças durante as minhas estadias na cidade de Cametá.

Ao professor Jorge Domingues, pela companhia em vários momentos que precisei, sendo sempre presente em minhas chegadas na cidade de Cametá, onde compartilhei muitas

experiências acadêmicas quando necessitei argumentar assuntos pertinentes sobre a minha pesquisa, entre outros.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura (PPGEDUC), por compreenderem as minhas necessidades e ao se esforçarem em me ensinar e contribuir com conhecimentos e experiências durante as aulas.

Agradeço, enfim, a todos aqueles que contribuíram de forma direta e indireta para a construção deste trabalho de pesquisa, em que as ajudas foram muitas. Registro aqui, o meu muito obrigado!

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus, por ter me ajudado durante toda a minha jornada de pesquisa e estudos. Ao meu pai, Luís Batista de Sousa, que me inspirou, muitas vezes, durante as minhas lutas e concentrações.

Não há saber mais ou saber menos: Há  
saberes diferentes.

*Paulo Freire.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S676s Soares de Sousa, Joatan  
SABERES TRADICIONAIS DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DA  
COMUNIDADE UMARIZAL (BAIÃO/PA) / Joatan Soares de Sousa. — 2018  
101 f.: il. color

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Campus  
Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira

1. Saberes tradicionais. 2. Identidade. 3. Memória. 4. Cultura. I. Duarte de Oliveira,  
Mara Rita, orient. II. Título

CDD 307.098115

---

## RESUMO

A presente investigação nasceu do interesse sobre os quilombolas da comunidade Umarizal (Baião/PA), despertado a partir do contato com esse povo, que ocorreu por meio de uma pesquisa de especialização em Cultura Afro-brasileira, realizada em 2010. A dimensão da realidade desse quilombo apontou elementos instigantes que levou a entender o quão era importante tratar de assuntos pertinentes aos saberes locais desses remanescentes de quilombolas do Umarizal. Neste sentido, a pesquisa partiu de questionamentos sobre *os Saberes Tradicionais que caracterizam a Comunidade Quilombola do Umarizal, e como esses saberes estão sendo transmitidos de geração em geração*. Assim, definiu-se como objetivo geral analisar os saberes tradicionais que caracterizam a Comunidade Quilombola do Umarizal, tendo em vista a transmissão desses saberes por meio de experiências cotidianas, considerando os aspectos culturais importantes que são preservados de geração em geração. As discussões foram embasadas nos seguintes autores GEERTZ (1989;1997), PINTO (2002; 2004; 2011), DIEGUES (2000), SANTOS (2012), DA SILVA E NASCIMENTO (2000), SILVA e SILVA (2006), MONTEIRO e GARCIA (2012), entre outros. A metodologia de pesquisa foi realizada por meio de análise documental, pesquisa em campo, observação em lócus e, como recurso para coleta de dados, foi feito o uso da história oral. As categorias de informantes foram selecionadas segundo critérios de participação nos movimentos organizados pela comunidade. Apontou-se: jovens; ponto de vista das relações conjugais; liderança da representatividade da associação quilombola; famílias que participam ativamente da conjuntura atual dos movimentos realizados no quilombo; e, indivíduo que habita na comunidade, mas que não se considera quilombola. Essas categorias foram fontes orais no desenrolar deste trabalho, e foram chamados pelos nomes próprios, de acordo com a declaração de Livre esclarecido. Por meio desse recurso, ou seja, a história oral, foi possível coletar informações a respeito da importância dos saberes tradicionais para a comunidade. O lócus de pesquisa é a comunidade do Umarizal, distrito da cidade de Baião-Pará. Os saberes tradicionais da comunidade Quilombola do Umarizal, objeto desta pesquisa, são encontrados na medicina natural, como nas plantas e raízes usadas para remédios caseiros; nos trabalhos de partos, realizados em casa; nas danças e músicas com instrumentos da cultura afro-brasileira; nas festas religiosas; no preparo da terra para a agricultura de subsistência; e, no extrativismo vegetal.

**Palavras-chave:** Saberes tradicionais - Identidade - Memória – Cultura

## ABSTRACT

The present research was born out of the interest in the quilombolas of the Umarizal community (Baião / PA), awakened from the contact with these people, which occurred through a specialization research in Afro-Brazilian Culture, held in 2010. The dimension of reality of this quilombo pointed out instigating elements that led us to understand how important it was to deal with matters pertinent to the local knowledge of these remnants of quilombolas from Umarizal. In this sense, the research was based on questions about the Traditional Knowledge that characterize the Quilombola Community of Umarizal, and how these knowledge are being transmitted from generation to generation. Thus, we defined as a general objective to analyze the traditional knowledge that characterize the Quilombola Community of Umarizal, taking into account the transmission of these knowledge through everyday experiences, considering the important cultural aspects that are preserved from generation to generation. The discussions were based on the following authors: GEERTZ (1989, 1997), PINTO (2002, 2004, 2011), DIEGUES (2000), SANTOS (2012), DA SILVA E NASCIMENTO (2000), SILVA e SILVA GARCIA (2012). The research methodology was performed through documentary analysis, field research, locus observation and, as a resource for data collection, oral history was used. The categories of informants were selected according to participation criteria in the movements organized by the community. It was pointed out: young people, point of view of conjugal relations; Leadership of the representativeness of the quilombola association; families that participate actively in the current conjuncture of the movements carried out in the quilombo and; individual that lives in the community, but is not considered a quilombola. These categories were oral sources in the course of this work and were called by their proper names, according to the declaration of Free informed. Through this resource, that is, oral history will be able to collect information regarding the importance of traditional knowledge to the community. The locus of research is the community of Umarizal, district of the city of Baião-Pará. The traditional knowledge of the Quilombola community of Umarizal, object of this research, are found in natural medicine, as in the plants and roots used for home remedies; in labor performed at home; in dances and songs with instruments of Afro-Brazilian culture; at religious festivals; in the preparation of land for subsistence agriculture; in vegetable extractivism.

**Keywords:** Traditional knowledge - Identity - Memory - Culture

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
TRAJETÓRIA DE PESQUISA.....	15
METODOLOGIA DE PESQUISA .....	23
CAPÍTULO I.....	30
1. FORMAÇÃO TERRITORIAL, CULTURAL E ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO UMARIZAL .....	30
1.1. CARACTERIZAÇÕES DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO UMARIZAL .....	30
1.2. LÓCUS DE PESQUISA .....	32
1.2.1. A Comunidade Quilombola do Umarizal.....	32
1.3. INFORMANTES .....	53
1.3.1. Perfil dos Entrevistados .....	53
CAPÍTULO II.....	56
2. CARTOGRAFIA DOS SABERES TRADICIONAIS EM UMARIZAL E DIÁLOGO TEÓRICO-CONCEITUAL .....	56
2.1. ATIVIDADE DE PARTEIRA.....	56
2.2. REMÉDIOS CASEIROS COM PLANTAS MEDICINAIS .....	59
2.3. PRODUÇÃO AGRÍCOLA .....	61
2.4 EXTRATIVISMO NATURAL .....	67
2.5 SAMBA DE CACETE .....	68
CAPÍTULO III .....	71
3. DESDOBRAMENTOS SOBRE OS SABERES.....	71
3.1. SABERES TRADICIONAIS E A CONTINUAÇÃO DA CULTURA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO UMARIZAL .....	72
3.2. OS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DO UMARIZAL: RESISTÊNCIA E LUTA.....	73
3.3. AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE UMARIZAL .....	78
3.4. ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO UMARIZAL.....	85
3.5. MOVIMENTOS DE MANUTENÇÃO DAS IDENTIDADES QUILOMBOLAS ..	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	95
REFERÊNCIAS .....	99
FONTE DOCUMENTAL.....	102

## LISTA DAS IMAGENS

Figura 1: Localização da área de estudo na Comunidade Quilombola do Umarizal (mapa do município de Baião).....	35
Figura 2: Mapa de localização do Município de Baião - Montagem de B. Celeste Pinto e José Danúzio Pompeu.....	36
Figura 3: Certidão de autorreconhecimento de Umarizal.....	38
Figura 4: Cenário misto de casas na Comunidade Quilombola de Umarizal.....	39
Figura 5: Casa antiga do Vilarajo, construída de barro.....	41
Figura 6: Casas vizinhas sem separação de muros ou cercas.....	42
Figura 7: criação de galinhas para subsistência familiar.....	43
Figura 8: Criação de porcos.....	44
Figura 9: Obelisco levantado em meio à praça de Umarizal.....	46
Figura 10: Ata de fundação da Associação das comunidades de quilombo Umarizal -centro, Umarizal-beira, Boa vista, Paritá miri e Balieiro, ACORQBU.....	52
Figura 11: Dona Aldenora, parteira com mais experiência dentro do Vilarajo.....	57
Figura 12: Aprendizes e dona Aldenora separando as ervas para o preparo dos remédios.....	59
Figura 13: Plantação de arroz.....	62
Figura 14: casa de palha construída para dar suporte aos donos das plantações, e animais domésticos que ajudam na vigilância da plantação.....	64
Figura 15: Moradora preparando o almoço na casa de palha.....	64
Figura 16: Estutura interna da casa de palha.....	65
Figura 17: Pote de armazenar água.....	65
Figura 18: Fogão.....	66
Figura 19: Palha de buriti.....	66
Figura 20: Rádio.....	67
Figura 21: demonstração do samba de cacete.....	69
Figura 22: Certidão de Auto-Reconhecimento da Comunidade de Umarizal como Quilombo.....	76
Figura 23: Lanche da tarde em Umarizal.....	81
Figura 24: Associação das Comunidades Remanescentes Quilombola do Umarizal.....	86
Figura 25: Entrada para reserva do castanhal.....	89

## **LISTA DAS SIGLAS**

PA – Pará.

PPGA – Programa de Pós-graduação em Antropologia.

UFPA – Universidade Federal do Pará.

CF – Constituição Federal.

ACORQBU – Associação das Comunidades de Quilombo Umarizal-centro, Umarizal-beira, Boa vista, Paritá-miri e Balieiro.

UNERT – União dos Estudantes da Região Tocantina.

## INTRODUÇÃO

A história dos povos e comunidades tradicionais afro-brasileiras encontra-se registrada na tradição oral, na preservação da memória coletiva, que é vivida e transmitida de geração em geração. Assim, a presente pesquisa nasce do interesse acerca da ancestralidade<sup>1</sup> dos quilombolas da comunidade Umarizal (Baião/PA), despertado a partir do contato com esse povo, que ocorreu por meio de uma investigação, realizada em 2010, para a produção da monografia do curso de uma especialização em História da Cultura Afro-brasileira. Na pesquisa, sobre a Comunidade do Umarizal, elaborou-se uma monografia com o tema **QUILOMBOS E A MATERIALIZAÇÃO DE DIREITOS ATRAVÉS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: UM ESTUDO SOBRE A "DESCOBERTA" DA COMUNIDADE UMARIZAL NO MUNICÍPIO DE BAIÃO/PA**, em que foram discutidos assuntos relacionados à política de direitos da comunidade e o reconhecimento do território quilombola.

A dimensão cultural, política e econômica da comunidade levou a entender a importância de abordar com mais profundidade as questões relacionadas aos saberes locais dos remanescentes de quilombolas da comunidade do Umarizal. Saberes estes em que se encontram as práticas sociais e culturais, representadas através da religiosidade, da agricultura de subsistência, da medicina natural, das extrações de produtos de coletas de frutos e materiais vegetais e minerais, capturas de peixes, aves e animais, artesanato, músicas, danças e outros.

Percebeu-se, também, a preocupação dos moradores, por meio da representatividade e luta de sua associação para a continuação da cultura. O respeito dos mais novos para com os mais velhos de Umarizal é algo muito nítido. Esses idosos contribuem para a permanência da história do Umarizal e conservam a memória viva da comunidade, uma vez que essa memória faz parte da história desse povoado. Também deixam os conhecimentos a respeito da cultura afro-brasileira, a saber, os saberes tradicionais de um povo que conseguiu superar suas dificuldades de formação inicial do grupo e manteve a permanência no território.

O interesse pela temática se aprofundou quando houve uma participação, na condição de aluno-ouvinte no PPGA (Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social), na UFPA (Universidade Federal do Pará) em Belém, no ano de 2014, em que se pode compreender a importância de estudar questões relacionadas à cultura das sociedades tradicionais. Esse evento oportunizou a aproximação com teóricos como: GEERTZ (1989, 1997); TODOROV (1982); MALINOWSKI (1978); LÉVI-STRAUSS (2008); LE GOFF (1990); CLIFFORD

---

<sup>1</sup> Particularidade ou estado do que é ancestral (que se refere aos antepassados ou antecessores).

(2011); ALMEIDA (2000); SCHAAN (2001); BALLÉE (1993) entre outros. Autores da Antropologia que, certamente, marcaram tal pesquisa; pois foi necessário estudar as relações humanas, ou seja, os comportamentos das populações tradicionais, através de um olhar antropológico, que contribuiu significativamente para o entendimento da organização social desses povos no sentido de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa.

Ainda pelos estudos realizados no PPGA, a disciplina História do Conhecimento possibilitou o entendimento de que o surgimento dos povoados quilombolas é fruto das fugas de escravos, ação de negros revoltosos que se organizaram para formar uma nova sociedade. O cenário natural, a localização geográfica, os feitos na terra, até mesmo os objetos produzidos pelos quilombolas de Umarizal, marcam a forma como vivem e a resistência à escravidão.

Para esta pesquisa trouxemos para a discussão 56 autores incluindo os documentos oficiais, legislação e decretos que versam sobre as temáticas desenvolvidas no trabalho. Há entre esses autores, alguns que se aproximam da temática defendida nesta pesquisa. Podemos citar como exemplo de referência, Benedita Celeste Pinto (2002, 2004, 2011), trabalha com a ausência de fragilidade e dependência da mulher negra, traz o histórico da comunidade de Umarizal, mas não fala a respeito dos saberes tradicionais, em outro trabalho fala dos saberes das parteiras, mas vai pelas experiência e práticas das mesmas, mas não faz análise dos saberes dentro da comunidade. Trabalhamos, também com a dissertação de Oberdan Medeiros que disserta sobre as dinâmicas de vida de uma comunidade quilombola, mas também não analisa de forma profunda os saberes tradicionais que passam de geração para geração e, os demais autores que embasaram essa pesquisa não focam os mesmos saberes.

### **TRAJETÓRIA DE PESQUISA**

Como toda pesquisa, as dificuldades foram diversas nessa trajetória de estudos teóricos e práticos no campo, o que tornou ainda mais interessante tal trabalho, proporcionando o encontro com literaturas a respeito da comunidade de Umarizal, e um pouco do conhecimento de sua história por meio de artigos e livros acadêmicos publicados, dando um norte nas buscas de informações teóricas sobre a pesquisa. Haja vista a superficialidade de conhecimento, pode-se, assim, contar com essas publicações, obtendo-se uma gama de dados necessários ao entendimento do assunto abordado, indo de encontro ao objeto esclarecido, dentro do contexto de remanescente de quilombo de Umarizal.

O contato com pessoas moradoras de Umarizal também foi um outro fator contribuinte para uma maior aproximação com a comunidade, dando forma à pesquisa e levando indagações às ideias para um esclarecimento a respeito do povoado e seus aspectos sociais, enquanto remanescente de quilombo, como: Quais as relevâncias de suas tradições e como acontece a transmissão destas enquanto saberes? No povoado, acontece em seus movimentos comemorativos, em que os saberes tradicionais são transmitidos através da presença de muitos visitantes de outras comunidades e do retorno de muitos moradores, de tempo em tempo, para dentro do vilarejo, tornando-se encontros marcantes com características identitárias distintas.

No decorrer desta pesquisa, as adversidades encontradas e enfrentadas levaram a concluir, segundo concepções do pesquisador, que o fato deste ter sido acometido pela perda de visão total, pôs em xeque alguns pontos aqui discutidos. No entanto, a cegueira não é pretexto para que a ciência seja restrita apenas às pessoas videntes, mas pode se abranger àquelas pessoas que têm deficiência visual, dando-lhes oportunidade de mostrar o desejo de contribuir para o desenvolvimento das ciências, através de investigações sobre as diversas temáticas existentes nos programas de pesquisas em universidades. Porém, ser um pesquisador cego, tornou-se espantoso para muitas pessoas dentro e fora da universidade, por se tratar de algo ainda raro nos cursos de *lato e stricto sensu*.

Os desafios não eram postos apenas nas acessibilidades arquitetônicas prediais e geográficas, durante os estudos de disciplinas e pesquisa de campo, mas nos rostos das pessoas quando percebiam que não se tratava de uma pessoa vidente pesquisadora, mas, sim, um cientista cego que buscava informações de dados e teorias para um resultado de um trabalho científico. Foram mais evidentes as expressões de espanto, com relação à cegueira do pesquisador, no rosto das pessoas dentro da universidade, na qual se encontra o programa, do que naquelas que estavam no campo de pesquisa deste trabalho. Ser um pesquisador de gabinete, ou seja, um cientista teórico, parece ser mais conveniente, com comodidade e facilidade em escrever um texto científico para muitos, principalmente para as pessoas com deficiência. Mas, uma pesquisa de campo, sendo realizada no interior da Amazônia, é algo muito mais que desafiador para muitos videntes, ainda mais para um cego.

Colocando em questão todas as dificuldades descritas em pesquisas já realizadas por outros autores, pode-se se fortalecer nas superações de cada trabalho concluído pelos pesquisadores. Dificuldades a respeito do *locus* de pesquisa, do traslado, do desenvolvimento metodológico, das entrevistas, conforme o tema da investigação, da aceitação dos sujeitos e outros, que estão imbuídos no contexto de pesquisa. Portanto, os desafios são muitos, que a cada ponto vai sendo buscado no sentido de compreender a

realidade pesquisada, de modo quantitativo ou qualitativo, em suas atribuições textuais produtivas no campo de pesquisa.

Durante a permanência do pesquisador no programa de curso de pós-graduação, na Universidade Federal do Pará, no Campus de Cametá, pode-se compreender a densidade teórica dos diversos assuntos que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. No entanto, enfrentou-se dificuldades ao perceber que a acessibilidade aos materiais de estudos cedidos pelos docentes do programa, por mais que os técnicos, juntamente com os docentes, se esforçassem em deixar mais acessíveis as disciplinas, ainda eram superficiais aos acompanhamentos, por conta de se ter, pela primeira vez, um cego mestrando no programa. E, ainda que estivesse sendo implantado um núcleo de atendimento às pessoas com deficiência, dentro do campus da referida Universidade, este se encontrava desestruturado para as demandas do programa de curso de pós-graduação do campus. As dificuldades começaram pela falta de conhecimentos específicos necessários, para dar suporte às pessoas com deficiência visual pelo programa; mas que, mesmo ignorando tal habilidade, não mediram esforços para mostrar-se aptos em atender da melhor forma possível.

E, no que se refere ao pesquisador, a maior dificuldade enfrentada foi encarar as jornadas de viagens por lancha e ônibus pelas vias terrestres e portos sem estruturas adequadas de acessibilidade. Porém, gradativamente, esse problema foi superado pelos ajustes ocorridos no decorrer do trabalho, assim como os estudos das disciplinas em classe com a colaboração de todos. Pode-se contar com a colaboração de muitos colegas durante a estadia em Cametá, sobremaneira aos estudos corriqueiros, a respeito do conhecimento teórico e sobre a linha de pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, abrindo caminho para o desenrolar do trabalho em campo, à luz do saber teórico de autores que permeiam toda a parte metodológica, além das experiências em lócus que contribuíram para o esclarecimento de como fazer pesquisa, que partiram de todas as formas; desde a companhia para o café, almoço e jantar, até o traslado feito dentro e fora do município onde está situado o campus, onde foi possível perceber o calor receptivo do povo cametaense, com suas atenções e curiosidades a respeito de uma pessoa cega mestrando.

Foi uma experiência ímpar, a cada viagem feita até o campus e para o campo de pesquisa. Enfrentou-se o itinerário da viagem, com 210 quilômetros de estrada de terra com quinze pontes, sendo todas de madeira, cabendo apenas um só carro por vez em sua travessia. Ora verão ora inverno, aparecendo em cada período as suas mazelas, deixando cada viagem com sua surpresa. Eram ônibus e micro-ônibus, os transportes de linha que circulavam pela BR 422, conhecida como TransCametá. A cada viagem, uma nova história, integrando-se no

rol de conhecimento de experiência a ser compartilhada, durante o ano de 2016, um ano de estudos de disciplinas para o conhecimento teórico, em que as viagens eram praticamente feitas semanalmente. Por três vezes, o micro-ônibus quebrou, por duas vezes foi furado um pneu, e uma vez um outro estourou. O ônibus, também, ficou quebrado por uma vez, sendo que, em uma dessas viagens de ônibus, viajou-se, em média, vinte e cinco (25) quilômetros sobressaltados, por conta de avisos de policiais que estavam na estrada à procura de bandidos foragidos na mata.

Os policiais passaram o comando de que não parassem na estrada para ninguém que pedisse parada ao motorista do veículo, pois os bandidos estavam em fugas e armados, e poderiam tentar invadir o ônibus. Porém, o motorista não obedeceu à ordem dos policiais, fazendo várias paradas, apanhando passageiros, inclusive aqueles que estavam fugindo da região por causa da ação policial. Mas, apenas foi visto um dos bandidos às margens da estrada, já descalço e com aparência debilitada pela fome e pelo medo, ficando para trás, conforme os relatos dos passageiros no ônibus.

Por duas vezes, durante essa jornada de viagens terrestres, ocorreu bloqueio na BR 422, sendo feito um manifesto pelos indígenas, os Assurini, na ponte do quilômetro 25, dentro da reserva Trocará. Em uma dessas eventualidades, o motorista do micro-ônibus teve que optar por um atalho que passava por fora da reserva Trocará, um caminho de difícil acesso, com quase trinta quilômetros, para garantir a chegada dos passageiros à cidade de Tucuruí, antes que caísse a noite. Também foram enfrentadas travessias a pé, por duas vezes na ponte do rio Anauerá. O ônibus de passageiros não poderia passar, graças à reforma da ponte que estava sendo realizada na época. Equilíbrios por cima de finas toras de madeira levou o pesquisador a viver uma aventura de sentir que a vários metros de altura abaixo estava um profundo rio de águas frias, tendo como apoio apenas um braço de um trabalhador que estava reformando a ponte.

Em uma dessas muitas viagens, o pesquisador sofreu um atentado de assalto, quando retornava, em uma camionete, no início de uma noite do mês de setembro de 2016, havendo uma perseguição por dois motoqueiros, no trajeto de trinta e dois quilômetros até o povoado do quilômetro 50, onde, ao se alojarem, em uma casa comercial de um conhecido, pode-se inibir os meliantes com a presença de várias pessoas que se encontravam no local. Depois de um certo tempo, naquela noite, quando não havia mais a presença dos motoqueiros assaltantes, o motorista e o pesquisador continuaram a viagem com muita atenção, sendo mais de dez horas da noite, em uma estrada com muita poeira, mantendo uma velocidade além do

permitido na BR 422, vulgo Transcametá, indo em direção à cidade de Tucuruí, onde se chegou com tranquilidade em suas residências.

Os fatos, relatados acima, aconteceram durante as viagens para o desenvolvimento da pesquisa, a cada visita ao campus, local onde se encontra o programa de pós-graduação, e ao lócus de pesquisa, deixando alguns momentos cheios de adrenalina e apimentando o trabalho. Portanto, em nenhum momento, as dificuldades foram empecilhos para a execução da pesquisa, e tampouco foi cogitada uma desistência de buscas de dados acadêmicos e do senso comum para exprimir o objeto em discussão, a saber, a transmissão dos saberes aos jovens no vilarejo de Umarizal. No entanto, não foi fácil encarar as dificuldades encontradas, durante essas buscas de informações a respeito dos saberes tradicionais em Umarizal, os quais serão vistos durante a leitura deste trabalho.

As viagens para o campus de Cametá e para o lócus de pesquisa seguia o mesmo trajeto por via terrestre. O primeiro a 210 quilômetros de Tucuruí e o segundo a 117 quilômetros de Tucuruí, indo em direção à Cametá, onde o vilarejo de Umarizal fica localizado à direita da BR 422, a cinco quilômetros das margens da BR, nas proximidades do Rio Tocantins, onde a história da comunidade começa logo ao descer do ônibus, sendo a entrada do povoado o antigo Paxiubal, apenas com uma casa com um pequeno comércio e alguns moto-taxistas da própria comunidade, à espera de passageiros que adentram no vilarejo.

O desafio enfrentado nesta pesquisa não ocorria somente nas estradas. – ora poeira ora lama, encontrados na BR 422 – mas, também, em meio ao rio Tocantins, com seu percurso seguindo embaixo de muito sol, entre as maresias e marolas das águas, às vezes, sendo acompanhado de chuvas. Muitas viagens foram feitas de barcos, denominados lanchas<sup>2</sup>, pelo rio. Portanto, interpretar tudo isso como parte de um trabalho do cenário geográfico amazônico, quando se trata dos remanescentes dessa região, cuja formação processou-se às margens dessas estradas e do rio, é compreender todo um contexto, em que, cada lugar representa um tempo, uma história, uma memória, e, porque não dizer, tradições, por meio dos saberes encontrados em meio à comunidade de Umarizal.

Partindo de Tucuruí, à primeira visita à comunidade de Umarizal, indo dentro do ônibus, já se encontrou vários moradores e ex-moradores, todos indo ao vilarejo. Algumas conversas iniciais sobre o povoado já partiam dali, em que esses moradores relataram, parcialmente, o movimento do remanescente, transmitindo um clima quilombola, fluindo, da

---

<sup>2</sup> Pequeno barco de apoio a motor

maioria, a sua naturalidade de cultura, identidade, raça. A fluidez das características umarizalense, iam de encontro com a pesquisa, de acordo com o aprofundamento das perguntas a respeito dos aspectos do povoado. E sem perda de tempo, de forma direta, foram feitas as aplicações de questionamentos a respeito dos saberes e a participação da juventude nesse processo, com uma abordagem aleatória, sem seleção de indivíduos, direcionando as perguntas a quem fazia parte do grupo e a quem quisesse responder.

Ao descer do ônibus, na entrada da comunidade, alguns moto-táxis estavam à espera de passageiros. Foi-se adentrando pela estrada de chão, rumo à comunidade, num trajeto de cinco quilômetros até o interior do remanescente de Umarizal. Ali, a cada metro de terreno que avançava-se, a tranquilidade e o clima puro das matas ao redor, inspirava a memória histórica daquela gente. Pois, para um pesquisador cego, conta muito a sensibilidade, ao sentir na pele o calor do sol e o frescor das matas ainda existente no povoado; o cheiro do rio que se confunde com o perfume das árvores e plantas da região, e outros elementos que contribuem para o desfecho do cenário quilombola. Muitas vezes, ao ir e vir com os moto-taxistas, conversas paralelas sobre a comunidade sempre eram levantadas, em busca de fatos presentes em Umarizal, com o intuito de contribuir com esta investigação.

Para a realização da pesquisa, foi feita uma seleção de entrevistados. Mas, muitas observações ocorreram através do contato direto com muitas pessoas da comunidade. Crianças, jovens, adultos e até mesmo vários idosos fizeram parte de conversas aleatórias a respeito de Umarizal. Esses diálogos não entraram para as gravações e nem para as anotações escritas. Porém, ajudaram a entender a dinâmica do povoado e propiciaram as comparações de relatos, até mesmo com as entrevistas realizadas durante esta pesquisa. Portanto, somente foram registradas as entrevistas com as pessoas que estão destacadas nas anunciações do terceiro capítulo desta dissertação.

Durante a estadia do pesquisador no vilarejo, sua presença arrancava olhares de desconfiança dos moradores de Umarizal, onde, mais uma vez, passava por ali um pesquisador em busca de informações inerentes à cultura e à territorialidade do remanescente. E formava-se a curiosidade de saberem quais os benefícios da pesquisa para os moradores da comunidade. Esses interesses partiam dos diretores da Associação de Umarizal, visto que os mesmos alegavam que o povoado precisava de apoio de pessoas de fora para ajudá-los a entender quais os seus direitos, através de estudos desenvolvidos dentro do vilarejo e por meio do conhecimento desses pesquisadores, canalizando ideias e alguma articulação a respeito de ajuda de autoridades, por intermédio das políticas públicas.

Outros olhares de moradores da comunidade também eram fitados ao perceber que o pesquisador era cego, já que, pela primeira vez, muitos puderam ver alguém cego como pesquisador na comunidade. Eram levantadas perguntas da capacidade de como conseguiria realizar a tal pesquisa; como era a vida acadêmica e pessoal de uma pessoa cega. Mas, esses olhares não tiraram o foco do trabalho, apenas contribuíram para a aproximação do pesquisador para com os pesquisados, proporcionando um estreitamento de relações de convivências na comunidade, os quais já faziam parte das observações do pesquisador como sujeitos envolvidos nos saberes tradicionais, buscados pela pesquisa deste trabalho em lócus.

As pessoas pesquisadas foram selecionadas conforme o perfil definido na pesquisa, as famílias, os jovens, a liderança, e a participação, expressa em gravações, com fortes envolvimento nas ações dentro do povoado de Umarizal. Essas pessoas foram encaixadas dentro dos padrões de pesquisa, numa proximidade de contemplação das perguntas para o desenrolar deste trabalho, visando manter sempre uma livre escolha sobre os indivíduos que poderiam estar presentes com as suas falas, gestos, danças, monocultura e outros. A observação foi feita por meio da organização sensorial (tato, olfato, paladar e audição), para absorção de como interpretar por meio das análises de dados. Eram transmitidas as informações, podendo colhê-las com o máximo de cuidado possível, já que a visão seria um dos instrumentos sensoriais mais usados por muitos pesquisadores. As análises foram feitas, a respeito das imagens, conforme o ponto de vista do pesquisador sobre Umarizal.

Tudo o que diz respeito ao que foi e o que se tem sobre saberes tradicionais durante a pesquisa, foi feito utilizando fotos e gravações, em vídeos e em áudio, de acordo como o pesquisador pedia os ângulos dos lugares e o que realmente queria para usufruto de seu trabalho. Sobre o áudio-descrição das paisagens do vilarejo de Umarizal, feitos pelos auxiliares do pesquisador, sempre alguma coisa ficava a desejar. Mas, isso o levava a recobrar, de imediato, melhores detalhamentos, e as dúvidas eram transparecidas, tornando, assim, mais fácil a compreensão daquilo que realmente se queria para complementar a escrita sobre a transmissão dos saberes dentro da comunidade.

Andar pelas ruas, pela praça, pelo porto, pelo bosque da reserva de castanhal, no cemitério, tomar banho na praia, visitar a associação quilombola, no campo de futebol, no salão de festejos, nas roças, nas casas das famílias, nas igrejas e outros, em cada ponto de visita pode-se perceber uma atmosfera diferente dentro do seu contexto histórico antropológico social, onde as tradições, de diversos modos, apareciam, caracterizando a cultura e a identidade presentes na memória dos saberes transmitidos pelas ações encontradas

em cada espaço construído pelos quilombolas e pelos individuais<sup>3</sup> do povoado de Umarizal. Logo, conclui-se a trajetória para o desenrolar deste trabalho, dizendo que, mesmo o pesquisador sendo uma pessoa cega, é possível sentir e se comunicar em um lócus de pesquisa, podendo realizar, de modo científico, uma produção acadêmica à luz do saber teórico de diversos autores, com um conhecimento prévio do lócus onde há de se pesquisar.

Neste sentido, tal pesquisa parte do questionamento: Que saberes tradicionais caracterizam a Comunidade Quilombola do Umarizal e como esses saberes estão sendo transmitidos de geração em geração?

E definiu-se como objetivo geral analisar os saberes tradicionais que caracterizam a Comunidade Quilombola do Umarizal, tendo em vista a transmissão desses saberes, por meio de experiências cotidianas, considerando os aspectos culturais importantes que são preservados de geração em geração. E, como objetivos específicos: a) Identificar o processo histórico de resistência e luta dos afrodescendentes da comunidade quilombola do Umarizal; b) Compreender a relação entre os saberes tradicionais e a continuidade da cultura afrodescendente na comunidade quilombola do Umarizal; e, c) Discutir quais as formas de apropriação dos saberes tradicionais pela juventude quilombola que vive na comunidade do Umarizal.

O lócus de pesquisa é a comunidade do Umarizal, localizada em Baião-Pará. E como sujeitos de pesquisa apontou-se as lideranças, jovens e integrantes de famílias mais antigas da comunidade quilombola do Umarizal, numa escolha feita a partir dos seguintes critérios de seleção: 1. Família: famílias que moram no centro do povoado; 2. Liderança: lideranças que se reconhecem quilombolas, dentre as quais, quatro são jovens da comunidade; 3. individual: pessoa que não se considera quilombola; 4. Jovens: do ponto de vista das relações conjugais, pessoas que têm idade entre 20 e 35 anos e, que não tem formação familiar a partir de uma relação conjugal própria.

O artigo 215 da Constituição Federal de 1988 no § 1º estabelece a obrigação do Estado de proteger todas as manifestações populares, indígenas, afro-brasileiras e de todos os outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

---

<sup>3</sup> Pessoas que não se denominam quilombolas, porém vivem e fazem parte da comunidade de quilombo de Umarizal.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. (BRASIL, 2016).

Definindo o patrimônio cultural brasileiro como o conjunto de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, que seja portador de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, importando a categoria “Identidade coletiva” de um paradigma europeu. A esse respeito, Gohn diz que:

Na Europa, ela foi construída para o universo dos movimentos das camadas médias, sobre as problemáticas ambientalistas, de mulheres, estudantes etc. Na América Latina, foi utilizada para explicar os movimentos populares, principalmente os articulados pela matriz discursiva da teologia da libertação”. (GOHN, 2010, p. 266).

A Constituição Federal (1988) reconhece a história das comunidades quilombolas, expondo o seguinte: "Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos". (BRASIL, 2016). É importante ressaltar que, tratando-se da formação social dessas comunidades, os saberes são propagados através da transmissão de sua cultura, ainda que esses saberes tenham sofrido transformações em suas práticas. Esta pesquisa poderá ser considerada como mais um documento para a luta pelo território quilombola. Assim, para a história a "memória é razão" para transmissão de conhecimentos. (LE GOFF, 1990). A história, por meio da oralidade, em que a memória é importante para a continuação do conhecimento tradicional.

À vista disso, organizou-se este estudo da seguinte forma: O primeiro capítulo tratará sobre o histórico dos afro-brasileiros no Brasil, a comunidade e a sua identidade, o lócus de pesquisa, os procedimentos metodológicos e o perfil dos entrevistados. O segundo capítulo apresentará a cartografia dos saberes em Umarizal, pontuando seis dos saberes que chamaram mais atenção e se destacam dentro do Vilarejo. E o terceiro capítulo exibirá as análises das entrevistas, a partir da luz do referencial teórico utilizado como fundamentação, apresentando as análises sobre os saberes tradicionais na comunidade.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

Esta pesquisa será fundamentada por autores, como FREIRE (1981); LÚCIDE E KALIL (2010); MATOS E SENNA (2011); MALINOWISK(1978); GEERTZ (1989, 1997); BAKHTIN (2006); SANTOS (2012), e outros que contribuem diretamente para o

desenvolvimento da pesquisa de campo, discutindo a história oral, método de coleta de dados que sustenta esta investigação de caráter histórico, sociológico, etnográfico e antropológico, relacionando os conhecimentos de pesquisa, realizados nessas áreas.

A memória registra, por meio da oralidade, os relatos dos indivíduos que portam esses saberes. Dessa maneira, a linguagem e os instrumentos de entrevistas são cruciais neste trabalho, que tem como método a história oral, em que são armazenadas as informações colhidas dos pesquisados e depois analisados à luz do referencial teórico supracitado.

A partir da abordagem qualitativa, cada fala gravada e momentos registrados foram interpretados, na busca de alcançar os objetivos propostos no referido estudo. Sendo assim, para que não se perca nenhuma informação no campo de pesquisa, utilizou-se uma organização sistemática que irá desde a coleta de dados à análise e apresentação dos resultados da pesquisa. Segundo Malinowski, o sucesso da pesquisa só pode ser obtido,

através de uma aplicação sistemática e paciente de um determinado número de regras de bom senso e de princípios científicos bem definidos e não através de qualquer atalho miraculoso que leve aos resultados desejados sem esforço ou problemas. (MALINOWSKI, 1978, p. 21).

Segundo Willis (1991), a realização de entrevistas coletivamente, por meio do recurso da história oral, é a melhor forma de interpretar as informações colhidas de fontes materiais ou orais. Vários autores tratam desse assunto cuidadosamente e de forma pormenorizada, dando segmento a outros sentidos de pesquisa. Para Geertz (1997), à luz do saber local de uma sociedade é que compreendemos as ações das pessoas e suas práticas singulares.

É importante se ter como base referências que possam colaborar com a compreensão do que é interpretado, por meio de observações. Como aponta Geertz, o estudo dos conceitos de cultura pode ser entendido em onze definições, a saber:

(1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história", e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz". (GEERTZ, 1997, p. 04).

Sobre os pontos a respeito dos conceitos de cultura, destacados acima, serão enfatizados três deles, os quais são cruciais para as análises dos dados colhidos, por meio das entrevistas e observações in loco e para a compreensão dessa transmissão ou absorção dos saberes dentro de uma comunidade; são eles: (2) o legado social que um indivíduo adquire de seu grupo social, transmitidos tradicionalmente, vindo dos mais antigos de um grupo ou daqueles que já morreram, em que são encontradas características identitárias que firmam a sua origem, através da permanência de alguns aspectos sociais. Entra aqui as análises desses legados, em que as observações das configurações da cultura do povoado são desfecho de uma tradicionalidade.

O ponto (6) um celeiro de aprendizagem, sendo a própria comunidade com as suas práticas do censo comum, as quais são absorvidas pela geração mais nova no uso das atribuições dos fazeres políticos, econômicos, preservação ambiental e outros, que levam aos pertencentes de uma comunidade a permanência ou a ampliação de conhecimentos tradicionais; (8) comportamento aprendido, aquilo que é encontrado já sendo praticados pela juventude de um grupo, ou seja, configurando, em Umarizal, características elementares de saberes tradicionais, levando ao entendimento da identidade cultural desse remanescente de quilombolas. Portanto, as observações inerentes aos pontos 2, 6 e 8, são indicadores que norteiam o conhecimento a respeito dos métodos de interpretar modos e costumes de um grupo para melhores análises de materiais de entrevistas, colhidos junto à comunidade de Umarizal.

Os conceitos sobre cultura ajudam a compreender a organização social e o comportamento do grupo investigado. Segundo Canclini (2006), a organização de uma cultura, sendo ela híbrida, mostra as variações de saberes de um povo, em que se encontram os conhecimentos e histórias sociais dos ancestrais. Na busca da memória de uma determinada história ou fato pode ocorrer alterações, por perda de materiais documentais e escritos, perda de parte de certo objeto, ou de uma gravação sonora ou Figura (SILVA e SILVA, 2006). A outra forma, também, é a passagem de informações contrárias a outra versão, já contado por alguém de forma oral. Para Lúcida e Kalil (2010), as distorções podem influenciar as versões coletivas no que concerne a relatos da memória, deixando de ser confiáveis e perdendo créditos para os historiadores tradicionais. O tempo é o fator principal para essas variações de informações da memória. Ao passar anos, décadas e até mesmo séculos, vão desaparecendo as memórias vivas, autênticas de uma sociedade.

A memória primária, ou seja, guardada por uma pessoa que teve experiência vivenciada no momento, ao ser passada a outrem, os relatos realizados pela oralidade vão

oscilando de acordo com o tempo em que essa memória é acionada e revivida. É aí que a memória tem mudanças significativas ao se tornar secundária, podendo ser acrescida de informações, ou (re)inventada, fugindo do contexto real da situação.

A cultura pode ser transmitida por meio de expressões, por meio da dança, música, monumentos, fotos, esculturas, documentos escritos, árvores e plantas, estruturas arquitetônicas e até mesmo pelas pessoas mais idosas ou lideranças. (HALBWACHS, 1990; BURKE, 1992; LÚCIDE e KALIL, 2010; MATOS e SENNA, 2011; SANTOS, 2012).

Em uma pesquisa realizada em meio a uma comunidade tradicional, observou-se que a presença da memória é muito forte, no que se relaciona aos saberes tradicionais, mas é preciso que haja os guardiões da memória para a preservação e conhecimento da mesma. Assim, como a história precisa da memória para ser história, a memória precisa de meios para ser preservada e se tornar um conhecimento.

A história oral pode ser entendida como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (MATOS E SENNA, 2011, p. 97).

A história oral é presente ao fazer a memória ser escoada, em que relatos ganham vida, através de um cenário repleto de informações do passado, entrelaçadas no presente. Aquilo que pode ser tão singular para o pesquisador, pode ser para o indivíduo residente do campo de pesquisa, algo de muito valor, por se tratar de uma lembrança relacionada a uma pessoa ou uma história local. Portanto, por meio de um estudo antropológico, as imagens contempladas pelo pesquisador podem servir de reforço, no que diz respeito, metodologicamente, à história oral.

Há dois pontos importantes para se destacar, a saber, o diálogo do pesquisador com o pesquisado e os mecanismos usados para a realização da entrevista no campo de pesquisa ou fora dele. Esses dois fatores são fundamentais para toda pesquisa realizada através das ciências sociais, em que o outro é sujeito da pesquisa, e o diálogo, fundamental para a troca de conhecimento.

A confiança do grupo no pesquisador é crucial para que este se aproxime dos indivíduos, participantes de um determinado grupo social. O pesquisador tem que se tornar parte desse grupo que deverá pesquisar. E isso só é possível por meio do laço de estreitamento com as pessoas que o recebem em suas casas, no seu trabalho, nos lugares de lazer e entretenimento, locais de rituais religiosos e outros integrantes da cultura social. No contato

por meio do diálogo, uma ferramenta importante na história oral, vai se tornando natural essa confiança de transmissão de dados documentais, que só é possível por meio da oralidade. Tais discussões se tornam o canal para a tomada dos conhecimentos gravados na memória e participação direta do indivíduo, podendo expressar-se de forma parcial, ou como um todo nos atos de informações precisas.

Para Bakhtin (2006, p. 08), "a fala está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais", fazendo a transmissão de informações a outras pessoas da comunidade e fora dela, ou seja, os remanescentes de quilombolas não perdem o contato dos saberes guardados na memória coletiva, sendo transmitidas por meio das falas dos mais velhos para com os mais novos, mantendo sempre vivos os conhecimentos históricos do povoado. Assim, esse instrumento de comunicação foi constantemente usado como um dos métodos para esta pesquisa.

A metodologia de pesquisa, por meio da história oral, não faz distinção dos quilombolas moradores de Umarizal. Jovens e adultos foram analisados no desenrolar deste trabalho. A valorização de cada gesto, sotaque linguístico, gírias, palavreado, adágios populares, recitações de poemas e provérbios, letras musicais, símbolos culturais (GEERTZ, 1997; SANTOS, 2012), foram os recursos oferecidos pela oralidade. Somente por meio dessa metodologia, ou seja, a história oral, foi possível chegar ao conhecimento dessas pessoas e à importância dos saberes tradicionais para a comunidade.

O segundo ponto dessa metodologia, os mecanismos de entrevista em uma pesquisa, são os instrumentos usados para o arquivamento das informações colhidas pelo pesquisador. Foram usados aparelhos eletrônicos de gravação de áudios e de fotografia, assim como de filmagens, em que manter a fala de um entrevistado em uma fita, em um aparelho digital, em um cartão de memória e num papel (LÚCIDE, KALIL, 2010) é conservar a autenticidade da oralidade. Para Jurandir dos Santos (2012), esse armazenamento de dados é importante para serem fontes de informações a outros pesquisadores (MATOS e SENNA, 2011). São, também, materiais de comprovação da realização da pesquisa e acervo de banco de dados que podem ser utilizados em outros trabalhos.

Segundo Lúcida Kalil (2010), nem toda entrevista se caracteriza em história oral. Pois há informações que são encontradas em gravações feitas por pesquisadores, as quais não apresentam nem um relato factual apontado de forma histórica, fugindo da metodologia aplicada pelo entrevistador, que busca das testemunhas resultados historiográficos, através da oralidade. Já, Matos e Senna (2011), para o seguimento metodológico da história oral, o pesquisador responsável pela entrevista deverá se atentar para não ocorrer a incoerência de

seu trabalho sobre a testemunha, ou seja, o sujeito pesquisado, uma vez que as intervenções que surgem durante uma entrevista podem alterar o percurso da temática da pesquisa ou interferir na fala do entrevistado.

De forma natural, essa entrevista deve ocorrer em lugares tranquilos, onde o indivíduo envolvido nesse trabalho possa, com segurança, expressar-se conforme as perguntas do entrevistador. Portanto, gravações e perguntas fazem parte, comumente, dessa metodologia da história oral, em que há os relatos de pessoas que guardam ainda em suas memórias algo contado pelos seus ancestrais ou vivenciados por eles mesmos. (LÚCIDE e KALIL, 2010; MATOS e SENNA, 2011).

Sendo assim, este trabalho se caracteriza pela abordagem qualitativa (SANTOS, 2012). Tanto para Santos quanto para Brandão, a qualidade da pesquisa depende de um desfecho de informações do sujeito quando entrevistado, em que o olhar analítico fará a comparação com algo já dito, ou juntamente às documentações em mãos como fonte documental, havendo uma análise sobre os materiais, levando a uma interpretação dos contextos colhidos durante esta pesquisa. A observação participante se caracterizou pelo “contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. (MYNAIO, 2001, p. 60).

Os sujeitos que fizeram parte desse quadro de entrevistas foram selecionados por faixa etária. Conseqüentemente, caberá o posicionamento interpretativo do pesquisador sobre os dados coletados à luz do saber do indivíduo (BRANDÃO, 2001), levando em conta a liberdade de expressão dos sujeitos participantes deste trabalho.

Ademais, discutindo os determinados autores que debatem sobre a abordagem qualitativa de pesquisa, que acordam com Moreira e Calefe (2011), esta se caracteriza pela exploração das peculiaridades dos indivíduos e os cenários que, dificilmente, são descritos através de números. "O dado é frequentemente verbal e coletado pela observação, descrição e gravação". (MOREIRA; CALEFE, 2011, p. 73). Segundo Mezzaroba e Monteiro (2008), através da abordagem da pesquisa qualitativa tornar-se-á possível a compreensão das informações de forma mais íntegra, privilegiando o contexto; [...] "o que vai ponderar sempre é o exame rigoroso da natureza, do alcance e das interpretações possíveis para o fenômeno estudado e (re)interpretado de acordo com as hipóteses estrategicamente estabelecidas pelo pesquisador". (MEZZAROBA; MONTEIRO, 2008, p. 110).

Como mais um instrumento de coleta de dados, optou-se pela observação participante in loco, que é "[...] uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos

participantes do estudo, com o objetivo de observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo". (MOREIRA; CALEFE, 2011, p. 201).

A observação participante colabora para que o pesquisador tenha uma melhor visão da mais fidedigna realidade social. Segundo Moreira e Calefe (2011), esses registros só poderão ser analisados rigorosamente se forem compilados de forma mais detalhada do que as anotações, pois estas não oferecem tantos detalhes como os registros de transcrições de dados gravados por meio eletrônico. Assim, no Quilombo de Umarizal os registros foram feitos em um diário itinerante, por gravações e, posteriormente, transcrições. Contudo, as anotações momentâneas, durante a entrevista, não deixaram de existir nos momentos necessários do uso da caneta e do papel, quando na ausência dos aparelhos eletrônicos juntos aos entrevistados.

## CAPÍTULO I

### 1. FORMAÇÃO TERRITORIAL, CULTURAL E ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO UMARIZAL

Neste capítulo, apresentar-se-á a comunidade de Umarizal e os aspectos sociais que caracterizam o povoado pelas suas práticas de trabalho, suas festas, suas crenças, sua luta engajada, seu giro econômico e outros, que dinamizam esse remanescente, em que, muitas dessas atividades são impulsionadas pelos costumes dos ancestrais, ou seja, pelos saberes tradicionais que formam uma cultura, característica típica do vilarejo de Umarizal. Tratar-se-á, também, a respeito de sua identidade que não está marcada somente pelos costumes e modos da comunidade, mas pela territorialidade e pela historicidade alimentada pela memória dessa gente quilombola, numa luta que não é diferente da luta dos demais quilombos encontrados nas mais distintas regiões do Brasil.

Para um melhor entendimento acerca da formação histórica dos remanescentes de quilombolas de Umarizal, o cotidiano dos quilombolas no vilarejo, as práticas do dia a dia no âmbito trabalhista e os relacionamentos sociais e culturais, que são conhecimentos de saberes tradicionais, enraizados em seus ancestrais africanos, que são transmitidos através de uma dinâmica peculiar a esse povo, tornando a transmissão desses saberes tradicionais objeto desta investigação, consolidou-se um trabalho por meio da imersão no campo de pesquisa, das análises e interpretações dos dados colhidos antes, durante e depois das entrevistas com os quilombolas.

Como recurso de coleta de dados, a história oral foi apoiada em teorias de autores que discutem sobre as técnicas e procedimentos de investigação para um bom trabalho de pesquisa de campo, junto aos equipamentos de entrevistas, os cuidados para com os materiais e a maneira de abordar os entrevistados, de forma mais precisa para a qualidade interpretativa no momento das análises sobre o conteúdo coletado. O perfil dos entrevistados também se destacará ainda neste capítulo, dando a entender quais os sujeitos participantes deste trabalho, os quais, em sua maioria, consideram-se quilombolas.

#### 1.1. CARACTERIZAÇÕES DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO UMARIZAL

A escravidão negra foi disseminada no território brasileiro e perdurou por mais de três séculos. Um dado relevante é a presença significativa dos escravos negros no total da população, com início no século XV e final do século XVII. (...), em 1583, tinha "uma população de cerca de 57.000 habitantes. Desse total, 25.000 eram brancos; 18.000 índios; e,

14.000 negros". (...), em 1818, quando a população passou a ser de 3.870.000, com 1.930.000 escravos. Em 1867, os escravos caíram para 14,17% do total (eram 1.400.000 contra 9.880.000 homens livres). (TRECCANI, 2006).

No período imperial no Brasil, também foi mais marcante o fortalecimento desses grupos formados de maneira isolada, mostrando resistência ao sistema escravocrata, aos quais deram o nome de mocambo, sendo este, "a formação de quilombo" (MONTEIRO; GARCIA, 2012). Também era denominada de terra de preto, segundo Peres, onde os indivíduos viviam como guardiões dessa terra. (PERES, 2000).

O conceito de quilombo, estabelecido pelo Conselho Ultramarino Português de 1740, mostra que a definição se baseia em cinco elementos: 1) a fuga; 2) uma quantidade mínima de fugidos; 3) o isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma "natureza selvagem", que da chamada civilização; 4) moradia habitual, referida no termo "rancho"; 5) autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na Figura do pilão de arroz, o qual chegou a denominar de terra de pretos. (ALMEIDA, 2000).

Segundo Diegues:

Os quilombolas são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários. Apesar de existirem, sobretudo após a escravatura, no fim do século passado, sua visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura. A Constituição de 1988 garantiu seu direito sobre a terra da qual vivem, em geral de atividades vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, segundo as várias regiões em que se situam. Assim, os quilombos da Amazônia, muitas vezes situados ao longo dos rios e igarapés, garantem sua subsistência com a pequena pesca, o extrativismo e a pequena agricultura. Em outras regiões, as atividades são quase exclusivamente agrícolas (DIEGUES, 2000; p.60).

Sendo mantida, até os dias de hoje, uma boa parte da formação dos grupos no interior das florestas brasileiras, um dos fatores importantes para a manutenção das relações sociais e a resistência e a sobrevivência do grupo, para a formação e a manutenção desses quilombos, era necessária a troca de conhecimento entre os componentes que formavam o aglomerado de negros em lugares distantes ou próximo de onde viviam como escravos.

Em suma, os grupos afro-brasileiros ou remanescentes de quilombolas têm características culturais semelhantes em todas as regiões, "assim como sua mobilização e o contexto de disputas no qual estão inseridos, [...]" (PERES, 2000), onde viviam com seus sistemas políticos, religiosos e econômicos para a manutenção do grupo.

Sendo uma espécie de cidadelas, essas comunidades tornaram-se símbolos de representatividade de luta aos direitos humanos nas últimas décadas, os quais levantam

bandeira, juntamente com outras forças de lutas sociais para o reconhecimento de direitos e respeito religiosos, artes, culinárias e outros caracteres identitários sociais. Pois, "para o movimento negro, a raça é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação". (DOMINGUES, 2007). Esses movimentos travam lutas pela garantia do direito de serem reconhecidos por meio de seus saberes representados pelas práticas culturais, exercidas conforme os seus rituais. O movimento negro se mostra por meio de,

[...]todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como "clubes de negros"], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos "centros de pesquisa"] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e 'folclóricos' – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro". (DOMINGUES, 2007 p.103).

Nem todos os povoados sobreviveram para que pudessem se tornar comunidades, muitas surgiram de maneira momentânea, foram duramente reprimidas pelas forças militares no período colonial. E, outras foram apenas ponto de encontro para as fugas realizadas, por meio de estratégias feitas nesses pequenos agrupamentos (SILVA, 2003; MONTEIRO e GARCIA, 2012), deixando, mais tarde, para trás essas áreas.

As comunidades quilombolas não são formadas somente por negros, mas, desde o princípio das formações desses quilombos, outros grupos se agregaram aos quilombos, como índios aculturados, mestiços, brancos, pobres, pessoas marginalizadas e outros, que também faziam parte dessas sociedades alternativas, assim como aqueles que, muitas vezes, se revoltavam com o sistema político da época. "Esses locais, segundo a antropologia cultural, podem ser considerados suas propriedades" (SILVA, 2003), onde ganhavam forças por se tornarem grupos organizados e chamavam atenção pela resistência às opressões escravistas, tornando-se sociedades perigosas ao governo da época, quebrando regras e desobedecendo as leis que beneficiavam os escravistas e latifundiários.

## 1.2. LÓCUS DE PESQUISA

### 1.2.1. A Comunidade Quilombola do Umarizal

O campo de pesquisa, a saber, a Comunidade Quilombola do Umarizal, encontra-se no lado sudeste do município de Baião, no Estado do Pará, localizado entre os municípios de Tucuruí e Oeiras do Pará, a 520 quilômetros da capital de Belém, via BR por Tucuruí. O acesso para Umarizal, via terrestre, somente pela BR 422, e, via aquática, pelo rio Tocantins, este remanescente às margens desse rio. Segundo Pinto (2004):

Este município é constituído pelos distritos de Baião, sede do município, Joana Peres, Ituquara, Araquembaua e Umarizal, cuja criação se deu no dia 23 de abril de 1993, com a aprovação do Projeto de lei n° 001/93. De acordo com este projeto, lê-se no artigo 1º, que institui o distrito de Umarizal o seguinte: "Fica criado o distrito de Umarizal, no município de Baião, nos termos da Lei Orgânica Municipal e da Lei Estadual n° 5.584 de 18 de janeiro de 1990: Parágrafo Único - O Distrito que se refere o artigo 1º terá sede na localidade de Umarizal, à margem esquerda do rio Tocantins, que por força dessa lei terá categoria de Vila". Após a instalação do distrito de Umarizal, seus limites ficaram assim demarcados: ao norte, município de Mocajuba; a leste, a cidade de Baião e a ilha de Bacuri; a oeste, os limites do município de Baião com o município de Oeiras do Pará; ao sul com a calha do igarapé Paritá. (PINTO, 2004, p. 53).

O Território é o elemento de construção da identidade étnica, que é o ponto mais importante da estrutura social. A permanência na terra não se faz regulado por categorias formais de propriedade, mas, sim, pelo próprio grupo que determina, através do "direito costumeiro", as regras que orientam todos os planos da vida social. As formas de acesso à terra incluem as dimensões simbólicas e as relações sociais. A estreita relação do grupo com a terra representa uma relação social bastante complexa e aponta para a existência da terra como território. No caso da Comunidade de Umarizal, o território é entendido como resultante de elementos étnicos que se manifestam nas relações construídas com e no território. Trata-se da reinvenção e reafirmação de elementos étnicos-culturais que conduzem os modos de vida e dão significado de pertencimento ao lugar, que marcam a identidade coletiva, pois a identidade étnica dos remanescentes de quilombos é recriada pela memória das lutas de seus antepassados.

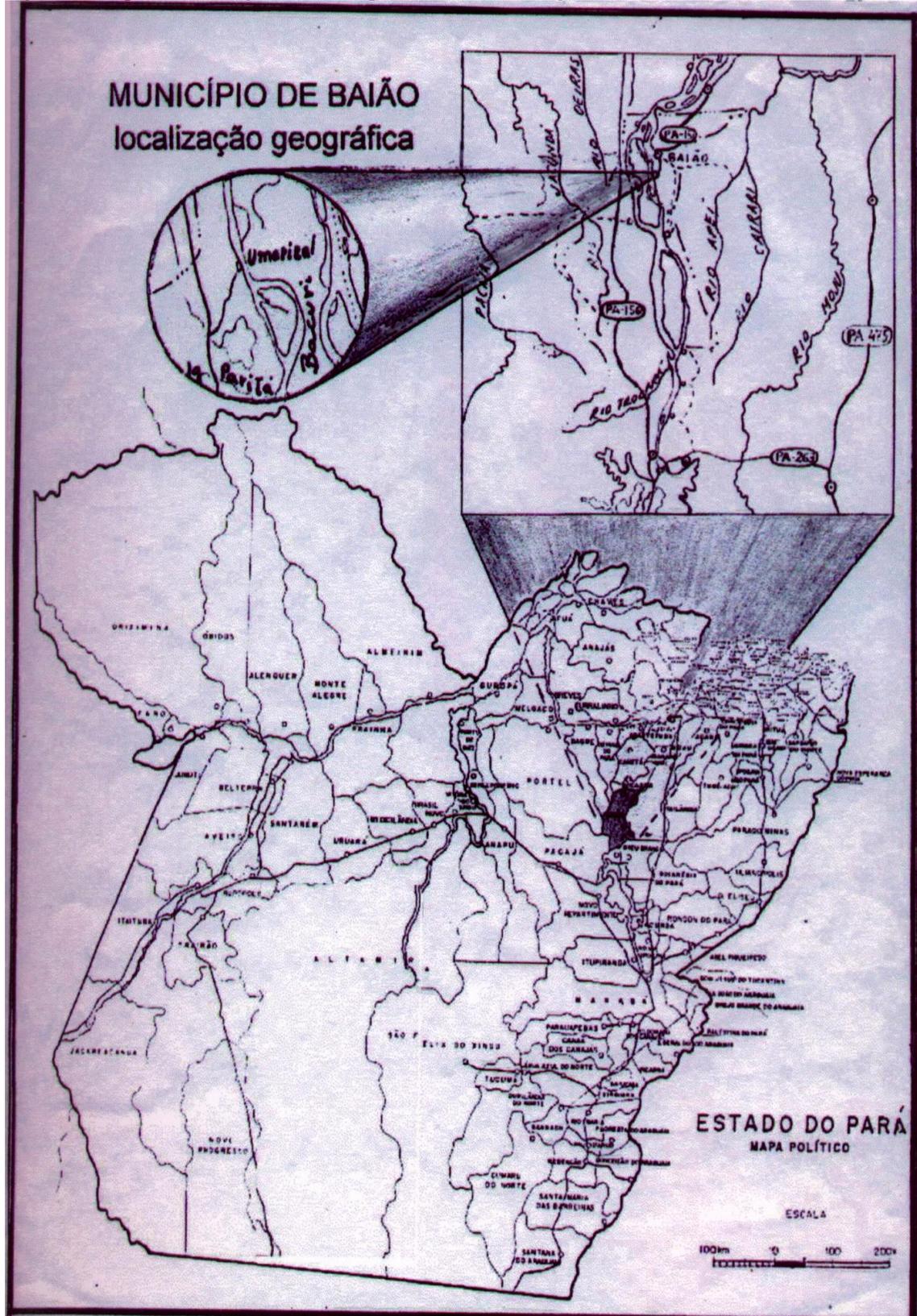
Como se observa nas Imagens 1 e 2, acima, a comunidade está situada no município de Baião, no Pará, às margens do rio Tocantins, sendo este um dos grandes afluentes dos rios amazônicos. O povoado de remanescente de quilombolas que forma a comunidade de Umarizal é mais um agrupamento de negros causado pelos reflexos escravistas no Brasil.

Tendo um pouco mais de cento e trinta e três (133) anos de existência, essa comunidade é mais um remanescente formado por negros nas margens do baixo Tocantins. Composta por negros livres e fugitivos, essa comunidade passou a existir, de fato, depois de

um reagrupamento nas proximidades de outro quilombo extinto chamado de Paxibal (PINTO, 2004).



Figura 2: Mapa de localização do Município de Baião - Montagem de B. Celeste Pinto e José Danúzio Pompeu.



Fonte: (PINTO, 2004, p. 34)

A comunidade Umarizal se originou da organização de escravos livres e fugitivos de outras localidades, mas que vieram para o município de Cametá, mais precisamente para o Putiri. Como esse lugar era de fácil acesso, eles acharam por bem ir para uma outra localidade chamada Novo Destino, que era de difícil acesso aos senhores, proporcionando-lhes um melhor esconderijo, uma vez que o igarapé desse lugar não era central, mas apenas um braço de igarapé. Mas como este, porém, veio a secar, eles tiveram que sair de Novo Destino e ir morar num lugar chamado Paxibal.

O nome Paxibal se originou devido haver no local da pequena povoação, que estava se formando, grande quantidade de uma árvore chamada de paxibeira – uma espécie de palmeira. A povoação de Paxibal, segundo descrição dos nossos informantes, tinha um formato semicircular, constituído por casas de moradia, casas de farinha, barracão de festa e um arraial – o centro livre da povoação, que se localizava às margens de um igarapé. As casas eram cobertas com palhas de palmeiras. (PINTO, 2004, p. 60).

Como eles não resistiram aos ataques indígenas, na época, procuraram a margem esquerda do rio Tocantins, onde se localiza uma ilha chamada Bacuri, onde todos os dias eles pegavam a canoa, atravessavam o rio, utilizando o lado da terra firme para chegar até o lugar denominado Paxibal.

Entre os negros fundadores são citados os nomes de Manoel Rosa, Antônio Pinto e principalmente Sinfrônio, um cativo que havia sido libertado por ter participado como soldado da Guerra do Paraguai, em fins dos anos 1860. O povoado foi crescendo e o número de seus moradores aumentando – tanto a partir de mais negros fugidos como depois da Abolição, com a chegada de libertos – porém, devido aos constantes ataques de indígenas, estes tiveram que migrar para as várias “ilhas” da região, quando finalmente puderam, nos anos 1920, se estabelecer propriamente nas margens do rio Tocantins. (GOMES, 2006, p. 288).

Em Paxibal, os negros trabalhavam na lavoura. Era um trabalho fatigante, porque todos os dias tinham que fazer esse percurso de cinco quilômetros. Então, acharam melhor fixarem residência ali às margens do rio Tocantins, num lugar que denominaram de Umarizal, em homenagem a uma fruta chamada umari. Ao receber o nome de uma árvore denominada de umari, deu-se a substituição, pela existência na região que se encontra hoje nas proximidades de Paxibal, à comunidade de Umarizal.

Atualmente, esse remanescente quilombola conta com mais de dois mil habitantes dentro do vilarejo, legalmente reconhecido como remanescente de quilombo, através da certidão de autorreconhecimento, assinada pelo presidente da Fundação Cultural de Palmares, Ubiratan Casto de Araújo, em 03 de outubro de 2006.

Figura 3: Certidão de autorreconhecimento de Umarizal



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de Agosto de 1968

**Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO**

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n. 7.668 de 22 de Agosto de 1968, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, artigo 322 da Constituição do Estado do Pará, e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Umarizal**, localizada no município de Baixo, Estado do Pará, registrada no Livro de Cadastro Geral n. 007, Registro n. 703, fl. 14, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n. 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n. 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, é **REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS**.

Declarante(s): Deumélia de Farias da Silva Vilhena  
 Presidente da Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal   
 CNPJ n. 01.611.662/0001-60

Eu, **Miriam Caetana de Souza Ferreira** (Ass. )  
 Diretora-Substituta da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a levi e a extraí Brasília, DF, 03 de outubro de 2006.

O referido é verdade e dou fé

  
**UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

BRN Quarta 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70640-904 – Brasília – DF – Brasil  
 Fone: (0 XX 61) 3424-0106(0 XX 61) 3424-0127 – Fax: (0 XX 61) 3204-0242  
 E-mail: chefe@gabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

"A Felicidade do negro é uma liberdade genuína" (Wally Solente)

Fonte: Associação de Umarizal

Esse documento foi indispensável para provocar um efeito de reconhecimento do território dos remanescentes de quilombo de Umarizal e outros remanescentes vizinhos que, em busca de seus direitos, lutam e resistem aos adventos impostos pela sociedade.

Uma pesquisa realizada por Pinto (2004) esclarece a respeito da origem de Umarizal:

Ao revisitar a memória de velhos e velhas habitantes de Umarizal, através do relato oral e das histórias de vida, emerge o mito de origem e a reconstituição histórica desse povoado negro rural, originário do antigo-quilombo do Paxibal, um reduto de negros livres e escravos fugidos que, refugiados na mata, na época da escravidão, aí se estabeleceram. Hoje, Paxibal é apenas, "uma tapera", como dizem os velhos e as velhas com os quais conversei. O senhor Dico Vilhena, por exemplo, conta que a primeira povoação se constituiu no Paxibal e tinha como líder o "Negro Sinfrônio", isso em meados do século XIX[...] A ida de Sinfrônio para a guerra representou para o seu senhor, segundo os relatos orais, uma maneira que este encontrou para castigar um escravo pela insolente rebeldia, o que significava uma afronta a sua honra; não tendo mais como castigá-lo e, também no impasse de não poder matá-lo, pois fazia parte dos seus bens, resolveu castigar o escravo pela sua empáfia mandando-o como recruta para a Guerra do Paraguai - em fins da década de 60 do século XIX. Seria uma solução viável, pois punia o negro escravo rebelde dando-lhe como castigo a participação em uma guerra, que possivelmente significaria a sua morte; com isso o dono ainda levaria lucro, pois estava sendo conivente com o Império, já que estava enviando negro para engrossar as fileiras dos combatentes da Guerra.[...] Como condição de entrada, alforriavam-se os escravos, o que também representava um bom negócio para os senhores, indenizados ao fornecer esse tipo de "voluntário" [...]. Os descendentes do "Negro Sinfrônio" afirmam que a sua rebeldia, e ao mesmo tempo valentia, valeu-lhe a vida, pois após a sua participação na guerra voltou livre da escravidão e com o título de capitão. Mas ele não queria a liberdade só para si, queria também a liberdade da sua família e do seu povo. Assim sendo, estabeleceu morada nas matas e, na medida do possível, acolhia seus irmãos escravos, que tentavam se livrar da escravidão, fugindo dos seus senhores. Sinfrônio e seu irmão Feliciano Pinto, acompanhados das negras Leonor, Virgilina, Maximiana, Clementina passaram, assim, a liderar um pequeno quilombo nas matas da região Tocantina. (PINTO, 2004, pp. 54; 58).

O início da formação da comunidade de Umarizal ficou marcada por lutas e, até na atualidade, segundo relatos, lutam pela sobrevivência e continuidade de um povo que conquistou seu território historicamente. Desde então, as mudanças no modo de vida foram ocorrendo, mas, ainda hoje, existem alguns traços, danças, utensílios, entre outras características que o identificam como remanescente de quilombo de Umarizal.

Atualmente, as Casas de Umarizal possuem diversos adjetivos arquitetônicos, o que traz um cenário misto ao local. Como se observa nas imagens abaixo, Umarizal vem se modificando sem deixar que suas raízes se percam pelo caminho.

Figura 4: Cenário misto de casas na Comunidade Quilombola de Umarizal.



Fonte: Figura produzida pelo pesquisador, 2017.

As imagens acima foram produzidas durante a pesquisa e demonstram a diversidade estrutural das residências. Atualmente, são encontrados no remanescente pequenos prédios, deixando de lado as construções rústicas. A chegada de conhecimentos sobre novidades de engenharias, aos poucos foram substituindo as antigas casas de taipa, que são as "casas de barro" (Pinto, 2004), pelas casas de alvenaria. Antigamente, a formação das moradias da povoação de Umarizal eram casas construídas com cobertura de palha de ubim, paredes de barro, e distantes umas das outras. Hoje, são poucas casas construídas dessa forma.

As casas que construídas de palha, são as que são usadas para vigilância do plantio, onde os pequenos agricultores precisam habitar para tomarem de conta da lavoura.

Figura 5: Casa antiga do Vilarejo, construída de barro.



Fonte: arquivo da associação.

Construções rústicas foram sendo deixadas de lado, sendo estas as primeiras engenharias tradicionais perpassadas por saberes dos ancestrais, que usavam matéria prima local – barro, madeira e palha, juntamente com cipó – para realizar tal construção. Também são encontrados outros tipos de moradia ainda em Umarizal, que são as casas de madeira feita com tábuas, ripas, caibros e vigas, com coberturas de telhas presas com pregos e parafusos, sendo, muitas vezes, coberta com telhas de madeira, denominada de cavaco. Essa é uma construção intermediária, ficando entre as duas engenharias; geralmente ambas têm pisos de barro e banheiros. O banheiro ficava separado da casa, assim como as fossas cépticas denominadas privadas, sendo um pouco mais longe.

O vilarejo tem suas casas de forma organizada, uma parte numa espécie de quadra e outra de maneira aleatória, sendo uma boa parte delas com quintais amplos, contendo algumas árvores frutíferas, e algumas cercadas com madeiras, mas a maioria ainda em espaço aberto, onde os relacionamentos sociais tornam-se mais fortes, devido ao contato direto de vizinho para com vizinho, não somente em frente às suas casas, mas também pela lateral delas, por conta de aberturas laterais e na parte posterior de cada residência, não havendo barreiras arquitetônicas que poderiam causar bloqueios de relacionamento entre as pessoas. Porém, o

respeito territorial de cada família, na sua maioria, é nítido nos comportamentos de cada grupo dentro da comunidade. Isso leva à familiarização de todos, ao se encontrarem não só nas ruas do vilarejo, mas na comunicação visual e verbal em seus quintais, gerando os seus espaços sociais.

As relações dos grupos familiares estão limitadas nas fronteiras no imaginário de cada território de suas residências, levando em consideração as divisórias, mesmo não havendo muros e cercas entre um lote e outro. Isso leva ao entendimento das ligações de afetividade entre um vizinho e outro, ficando bem claro a ligação fortalecida pelas plantas plantadas nos quintais, sendo muitas vezes cuidadas pelo vizinho, quando o dono não se encontra presente. (observe-se na Figura 6, abaixo).

Figura 6: Casas vizinhas sem separação de muros ou cercas



Fonte:

*Figura produzida pelo pesquisador, 2017.*

A criação de animais como cachorros, galinhas, gatos e outros têm livre acesso de transitarem entre as casas da comunidade, sem se perdem dos seus donos, uma vez que a maioria desses animais é conhecida pelos moradores do vilarejo, por conta das relações entre os moradores desse remanescente. (Note-se na Figura 7, abaixo).

Figura 7: criação de galinhas para subsistência familiar



Fonte: Figura produzida pelo pesquisador, 2018.

Numa perspectiva da subsistência alimentar, os moradores de Umarizal se desdobram na organização, tanto no que condiz à agricultura, à pesca, como na criação de animais dentro de seus quintais, fator relevante que caracteriza essa comunidade.

Na Figura abaixo, pode-se observar o trabalho de uma moradora na criação de porcos que, segundo relatos, não são criados para venda, mas para consumo familiar, trazendo mais uma vertente de subsistência.

Figura 8: Criação de porcos



Fonte: Figura produzida pelo pesquisador, 2018.

A produção de imagens atuais, trazidas para a pesquisa, influenciam na formação memorial da descrição do cotidiano Umarizalense, comprovando e identificando os membros da comunidade como autênticos proprietários do território quilombola. Esse poderio territorial é “feito por meio de um verdadeiro apego à região, às pessoas e aos saberes e fazeres que se constitua o próprio teor cultural do local. (MEDEIROS, 2017). Quase todos se conhecem no povoado de Umarizal; sempre alguém sabe quem é quem. E, nesse conhecimento um do outro, surgem os vulgos apelidos, que são frequentes entre os moradores da comunidade.

Apelidos de infância, depois de adolescente, ou até mesmo depois de adulto; alcunhas que são características elementares no tratamento afetivo entre as pessoas. Pelas calçadas das casas de Umarizal, muitas feitas pelos próprios habitantes, já gastas pelo tempo, os moradores se reúnem, nos finais de tarde, para atualizar as conversas do dia corrente; assuntos de trabalho, esportivo, familiar, viagens e outros de seus interesses, mantendo a memória coletiva das tradições.

Sem muitos pontos comerciais, os moradores se encontram nos poucos bares existentes na comunidade, para tornar seus finais de semana dinâmicos, realizando festas no vilarejo e nos arredores da comunidade. Esses festejos se confundem com eventos religiosos cristãos e seculares, levando às mais diversas variedades de simbolismos musicais e de danças. Ainda, no que se refere aos festejos, outros eventos, como o festival dos quilombolas de Umarizal, ocorrido no final do mês de setembro de cada ano, revela, com expressividade, a identidade da cultura negra dentro desse povoado, trazendo suas origens para um contexto real de suas tradições, em que reafirmam as raízes afrodescendentes, fortalecendo laços de pertencimento do grupo.

As músicas com letras e ritmos peculiares; as danças e movimentos místicos para representações religiosas ou artísticas; a culinária com sabores tradicionais, criados ou trazidos pela cultura africana e outros, relacionados à história social desse povoado, são importantes eventos dentro da comunidade que se tornaram uma tradição local.

Há um monumento levantado no meio da única praça da comunidade; é um obelisco que representa mais um elemento que caracteriza o centro desse vilarejo, um memorial, sendo construído por um quilombola de Umarizal, vulgo Saci, quando foi prefeito do município de Baião, entre os anos de 2008 e 2016, simbolizando a tradição desse povo (ver Figura 6).

A faixa etária das pessoas encontradas em aglomerações nos eventos diários e temporários suscita curiosidades, pois são momentos importantes de participação das diferentes gerações, propiciando o cruzamento de informações de conhecimentos, no que se refere a laços de pertencimento cultural (observar Figura 9, abaixo.).

Figura 9: Obelisco levantado em meio à praça de Umarizal.



Fonte: Figura retirada do Google.

Ainda, acontece um encontro diário de sistematização familiar, em que as pessoas da comunidade, entre elas, crianças, jovens e adultos, vão, nos finais de tarde, ao único campo de terra, com um pouco de grama, assistir ao futebol, em que os times são compostos pelos próprios moradores, tornando-se uma parte da diversão desse povoado, mais uma programação crucial para o encontro de todos, um dos acontecimentos dentro de Umarizal.

A forma de falar, de vestir, o estilo de música, as danças, as roupas, os objetos e outras características fazem parte desse contexto social. Outro elemento que compõe também essa comunidade se refere ao setor comercial, que movimenta economicamente o vilarejo, e que gira em torno de produtos produzidos, em sua maioria, na própria comunidade. Farinha, mandioca, porcos, galinhas, frangos, arroz, feijão e milho são produtos plantados e cultivados nos arredores do vilarejo. Peixes, castanha-do-pará e outros produtos naturais, ou silvestres, ainda praticam o extrativismo nas áreas ainda preservadas, sendo que poucas ainda restam nesse povoado, uma vez que os moradores utilizam áreas mais distantes do vilarejo para plantarem suas roças.

"Sua população sobrevive, na sua maior parte, da agricultura de subsistência, mediante roças de mandioca, milho e arroz. A pesca artesanal é outra atividade muito usual nesse povoado, que devido a sua localização às margens do rio

Tocantins, facilita essa prática a ambos os sexos e a gente de todas as idades". (PINTO, 2004. p.82).

A necessidade de manter um grupo que proporcione o seu próprio sustento possibilitou aos negros uma organização nos interiores das florestas brasileiras, "desenvolveram ali um modo de vida, uma territorialidade ajustada à exploração de recursos florestais e à pequena agricultura" (DA SILVA e DO NASCIMENTO, 2000, p. 24), onde os quilombolas se apropriaram de recursos que lhes garantiram o poder territorial, trazendo parte das características de sua comunidade, a saber, o extrativismo natural.

Destaca-se aqui, novamente, a importância dos saberes tradicionais para essa organização sustentável de Umarizal. Neste estudo, tomar-se-á o conceito apresentado por Diegues, afirmando que o "conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração". (DIEGUES, 2000, p. 33). Logo, as práticas de trabalho ainda têm vestígios das formas mais tradicionais de organização da produção, assim como o modo de preparar principalmente as suas atividades de subsistência que marcam as populações tradicionais na Amazônia. E, essas culturas tradicionais.

[...] estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução cultural e social como também percepções e representações em relação ao mundo natural, marcadas pela ideia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos. Culturas tradicionais, nessa perspectiva, são aquelas que se desenvolvem do modo de produção da pequena produção mercantil. (DIEGUES, 1983, p. 32).

Essas culturas se distinguem daquelas associadas ao modo de produção capitalista em que não só a força de trabalho, como a própria natureza, se transformam em objeto de compra e venda (mercadoria). (DIEGUES, 2000, p.21).

A mudança nas práticas agrícolas tradicionais foi determinada pela influência das ações dos fazendeiros e outros moradores, sendo eles pequenos latifundiários, com outros modos de produção agrícolas e agropecuárias, diferentes dos quilombolas. Portanto, os moradores de Umarizal, muitas vezes, fazem contatos comerciais com esses vizinhos, encontrados nos arredores da comunidade, modificando, assim, suas práticas agrícolas.

Os quilombolas criam um pouco de gado bovino, mas se abastecem desses animais dos poucos criadores e de fazendas não pertencentes à área preservada do quilombo, ou seja, fora da comunidade de Umarizal. Como foi citado neste trabalho, poucos comércio são

existentes na comunidade, apenas pequenos mercadinhos e uns dois pequenos pontos de lanches e dois restaurantes movimentam os finais de tarde e os inícios de noite.

No pequeno porto de concreto, algumas embarcações saem e chegam com pessoas de viagens das regiões vizinhas, trazendo produtos como: peixes do rio que serve de fonte de sustento para a comunidade. As embarcações são poucas, apenas algumas canoas e barcos pequenos movidos a remos e motores, denominados de *rabeta*<sup>4</sup>.

Nesse mesmo rio, próximo do porto, há uma praia artificial, feita em uma ressaca, onde se estreitam mais uma vez parte dos moradores de Umarizal, mais movimentada nos meses de férias, ou seja, meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro. Nesse espaço de lazer e entretenimento, são mais frequentes os jovens quilombolas vindos de férias das cidades onde estudam e/ou trabalham, ficando longe da comunidade a maior parte do tempo.

Em Umarizal, há também uma escola, onde são discutidas as formações das pessoas moradoras do quilombo. Mesmo sendo uma escola quilombola, ainda não incorporou no cotidiano escolar a identidade étnico-racial, pois o reconhecimento da identidade étnica implica tanto as ações internas quanto as externas, ou seja, tanto elementos internos quanto externos que contribuem para a reafirmação da identidade quilombola, visto que há uma invasão de modismos que chegam aos estudantes por meio das tecnologias.

Essa escola quilombola tem dificuldades de seguir os artigos propostos pela resolução nº 08 de 20 de novembro de 2012, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica e a Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática – História e Cultura Afro Brasileira II – e dá outras providências. Assim, a resolução estabelece que:

Art. 35. O currículo da Educação Escolar Quilombola, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas para todas as etapas e modalidades da Educação Básica, deverá: I - garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil, o protagonismo do movimento quilombola e do movimento negro, assim como o seu histórico de lutas; II - implementar a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96, na redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e da Resolução CNE/CP nº 1/2004; III - reconhecer a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana; IV - promover o fortalecimento da identidade étnico-racial, da história e cultura afro-brasileira e africana ressignificada, recriada e reterritorializada nos territórios quilombolas; (BRASIL, 2003).

---

<sup>4</sup> Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou **barcos**, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções

A resolução acima citada se refere a uma educação digna para os remanescentes de quilombolas no Brasil, possibilitando a valorização da cultura afro-brasileira. No entanto, os segmentos de ensino encontram dificuldades por falta de profissionais qualificados, demandas administrativas, estrutura predial e outros, oferecendo uma educação defasada do ensino infantil ao ensino médio dessa comunidade.

A educação formal do remanescente de quilombo de Umarizal não tem de fato uma configuração relacional com a identidade quilombola, visto que os alunos recebem uma formação fora de sua realidade social. Em virtude, por exemplo, da falta de formação específica dos docentes que atuam na escola (muitos professores têm formação mínima para atuar), que, por mais que se esforcem, não conseguem, em suas práticas docentes, minimamente abarcar com o que é exigido pela legislação brasileira, no que tange à formação cultural dos quilombolas. E, por vezes, acaba “imitando” as escolas no âmbito geral. “Podemos inferir que a educação escolar desenvolvida na comunidade é um reflexo da reprodução de ideologia da classe dominante” (MEDEIROS, 2017, p. 86), pois as práticas docentes, o currículo e os objetivos estão, de uma forma geral, voltados para a lógica de mercado.

O artigo 215, da Constituição Federal de 1988, prevê que "o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais". (BRASIL, 2016). Nesse sentido, estabelece em seu § 1º que "o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional". (IDEM). Já o artigo 216, CF/88, ao referir-se ao patrimônio cultural brasileiro, dispõe, em seu § 5º, que "Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos" (IDEM), representando, desta forma, o avanço na História do país, no que diz respeito aos aspectos de reconhecimento dos direitos culturais e direitos fundiários. No entanto, a efetivação desses direitos tem enfrentado barreiras descomuns no que tange à educação.

Destaca-se ainda na Lei 10.639/2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Essa lei encaminha o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana e a política de educação diferenciada para territórios quilombolas, a partir de um amplo conjunto de temas que devem ser estudados na educação. Segue o conteúdo:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003).

Assim, traz para o ambiente escolar a proposta de repensar os currículos escolares e as práticas pedagógicas, a partir de uma reflexão crítica da história e cultura afro-brasileira e africana a serem trabalhadas no currículo oficial dos diferentes níveis de ensino no Brasil.

A Lei nº 11.645, de 08 de março de 2008, acrescenta a inclusão da educação indígena, integrando os “diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil”. (BRASIL, 2008). Por meio dos artigos citados acima, pode-se perceber a relação do conhecimento para com a formação social com base na tradição local ou provinda de um grupo ancestral.

Frente a essas questões postas sobre a educação escolar na Comunidade do Umarizal, é importante destacar que existe a associação dos moradores<sup>5</sup>, em que encontrou-se registros importantes da comunidade, como: os eventos ocorridos no vilarejo, por meio de fotos e filmagens, documentos de projetos para a comunidade, documentos de sócios e outros sobre a existência do grupo social de Umarizal (analisar Figura 10).

Essa associação é responsável pelas programações dos eventos da comunidade, em que se engloba a historicidade da cultura negra. Também é responsável pela organização das lutas em prol da melhoria da vida social dos moradores, com as demandas de: moradia, saúde, educação, lazer e entretenimento entre outros. A Ata de fundação da associação traz ao remanescente de quilombo de Umarizal legalidade por meio desse documento, propiciando abertura nas conquistas do território. A mesma associação conta, atualmente, com mais de setecentos e sessenta (760) sócios, mas alguns deles não residem exatamente em Umarizal, pois outras comunidades são agrupadas nessa instituição para facilitar a organização e a luta pela garantia de direitos dos povos de convívio tradicionais. Entende-se, aqui, que

---

<sup>5</sup> A Associação quilombola do Umarizal foi registrada em agosto de 2005. O prefeito reconheceu a comunidade como quilombola em outubro de 2005 e a FCP em julho de 2006, mas somente em 2006 é que foi criado o número de CNPJ para a associação.

São Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Vale destacar que as associações quilombolas reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal da posse de suas terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas culturais, crenças e valores considerados em sua particularidade (MONTEIRO e GARCIA, 2012, p. 72). A reserva quilombola não só está associada às terras, mas a toda vegetação encontrada dentro dela, ou seja, ao território que são os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária (BRASIL, 2007). Deste modo, é tudo que se encontra, como: residências, portos, praias, praças, pontos comerciais, áreas esportivas, igrejas, escolas, e qualquer coisa imbuída nesse cenário, formando um contexto comunitário.

Figura 10: Ata de fundação da Associação das comunidades de quilombo Umarizal -centro, Umarizal-beira, Boa vista, Paritá miri e Balieiro, ACORQBU.

  
 Ata de fundação da Associação  
 das Comunidades Remanescentes de  
 Quilombos Umarizal Centro,  
 Umarizal Beira, Boa Vista,  
 Paritá Miri e Balieiro (ACORQBU)

Aos doze dias do mês de outubro de mil novecentos e noventa e nove, as dez horas da manhã, no salão Comunitário da Santíssima Trindade, na Vila de Umarizal Beira (município de Baião - Pará) reuniram-se em assembléia as comunidades Remanescentes de Quilombos Umarizal Centro, Umarizal Beira, Boa Vista, Paritá Miri e Balieiro. O Sr. Narciso Viera Ramos abriu os trabalhos lendo o convite para a participação na Assembléia de fundação da Associação das comunidades Remanescentes de Quilombos Umarizal Centro, Umarizal Beira, Boa Vista, Paritá Miri e Balieiro. Em seguida foi explicado o que significa Remanescentes de Quilombo. Posteriormente foi lido e aprovado o Estatuto da Associação das comunidades Remanescentes de Quilombos Umarizal Centro, Umarizal Beira, Boa Vista, Paritá Miri e Balieiro (ACORQBU). Em seguida foi realizada a escolha da Coordenação e do Conselho Fiscal da ACORQBU tendo sido eleitos os senhores: Narciso Viera Ramos (Coordenador Geral - efetivo) e José Maria dos Santos (Coordenador Geral - suplente); Divaldo Vieira (Coordenador de Secretaria - efetivo) e Manoel Maria Neri da Silva (suplente); Raimundo Sales Moreira (Coordenador de Finança - efetivo) e Benedito Pinheiro (suplente); Altino da Trindade (Coordenador de Patrimônio - efetivo) e Mateus Teixeira (suplente); Victor Medeiros (Coordenador de Articulação - efetivo) e José Danilo Medeiros (suplente); Gilson Nunes C. da Costa (Coordenador de Cultura - efetivo) e José Antônio Rocha (suplente); André Pinheiro Gomes (Coordenador de Preservação do Meio Ambiente- efetivo) e Raimundo Vieira (suplente). Como membros do Conselho Fiscal foram eleitos os senhores: Raimundo Ferreira, José Ribamar Carvalho, Nasson Garcia Ramos, Inácio Gonçalves, Alcindo Vieira Cruz, Eulália Serrão, Valter Ferreira (efetivos) e os senhores Joel Arthur da Rocha, Isauro Vieira, Antônio Erdes Gonçalves da Conceição, Raimundo Nonato, Deuzarina Lopes da Trindade, Amilton Dias, Damásio Pinheiro (suplentes). Após a eleição da Coordenação e do Conselho Fiscal da Associação o Senhor Raimundo Melo Silva deu posse aos eleitos. Compareceram cento e vinte nove sócios que fizeram parte deste ato de fundação da ACORQBU. A presente ata foi elaborada assinada por mim, Raimundo Melo Silva e pelo senhor

Coordenador Geral  
 Unico Office *Raimundo de Melo e Silva*  
 Cartório Amadeu Santos  
 Unico Office *Narciso Viera Ramos*  
 OFICINA DIMIZ 2º OFICINA DE NOTAS  
 NAZARÉ, 339 - 85 - EM PARÁ  
 01-21-2653312-1248-FAX 2212 701  
 COPIA PRESENTE CONFORME  
 A MIN APRESENTADO E DOU 12

CARTÓRIO " AMADEU SANTOS " - Unico Office  
 Reconhecimento  
 Recebido a ( S ) Firma ( S )  
 por ( S ) *Suzana*  
 e dor te.  
 Em Testemunho *[assinatura]* de

FIRMA REGISTRADA  
 Cartão

Fonte: Associação quilombola de Umarizal.

A comunidade é formada, também, pelas ações sociais culturais, em que os grupos tramitam entre si os saberes tradicionais, sendo estes elementos fundamentais para a continuação, mesmo havendo evolução de ritos religiosos, práticas de curandeirismo, artes corporais, fabricação de objetos, como utensílios, instrumentos musicais, a prática de parteira, remédios com plantas medicinais e outras atividades, sendo perpassadas pelas pessoas do remanescente de quilombo (PINTO, 2002, 2004 e 2011). Portanto, a transmissão de saberes no remanescente se torna um meio indispensável à sua continuidade, contribuindo para a manutenção da cultura local.

### 1.3. INFORMANTES

Os entrevistados são moradores da comunidade, em especial os que têm maior participação na organização comunitária, havendo também uma atenção à juventude, tratada aqui como uma corrente classista que discute a unicidade do conceito de juventude e sugere o tratamento distinto desse fenômeno, de acordo com a distinção das trajetórias singulares conferida pela estratificação social (BOURDIEU, 1983), no que diz respeito ao processo de transmissão de conhecimento e de saberes tradicionais que fazem parte da organização cultural da comunidade. Também uma pessoa que se diz individual, ou seja, o que não se considera quilombola, e famílias que são, e outras que não são ligadas às instituições e pessoas envolvidas às políticas públicas do vilarejo, foram entrevistadas a respeito da temática tratada dentro deste texto.

Para o desenvolvimento deste trabalho, têm-se como informantes as famílias, os jovens e as lideranças quilombolas, que serão entrevistados de acordo com critérios de envolvimento e participação ativa na comunidade, assim como disponibilidade para colaborar na pesquisa.

#### 1.3.1. Perfil dos Entrevistados

Entre lideranças e pessoas de famílias mais antigas da comunidade quilombola do Umarizal, como: uma pessoa que se considera individual; famílias ligadas às lideranças na comunidade; famílias não ligadas às lideranças, mas que têm participação nas práticas dos saberes; lideranças da Associação Quilombola e jovens que são também liderança na comunidade, e jovens que não são liderança, foram escolhidos quatorze (14) informantes que, num momento posterior, farão parte do corpo deste trabalho (notar quadro de informantes, abaixo).

Nome dos entrevistados	Idade	Local de nascimento	Função na comunidade
Romualdo da Conceição Miranda	66 anos	Boa Vista, vizinhança de Umarizal (mora em Umarizal há 55 anos).	Individual, Professor aposentado da Secretaria de Estado de Educação
Narciso Vieira Ramos		Nascido em Umarizal.	Presidente da Associação do Remanescente Quilombola de Umarizal
Aldenora Moraes Garcia. (Marciana)			Parteira, produtora de remédios caseiros
Antonete dos Santos	47 anos	Nascida no Umarizal, Bailique (mora há 30	Professora do quilombo

Miranda		anos em Umarizal beira). Casada com Hélio de Sousa Vieira.	
Eugênia	65 anos	Igarapé-Preto (mora em Umarizal há 64 anos).	Integrante do samba de cacete.
Mauro Corrêa Lopes	75 anos	Casado com dona Eugênia, tem 8 filhos e 8 netos.	
Adonai Corrêa Pereira Lopes	35 anos	Nascido em Umarizal.	Morador, pescador.
Hélio de Sousa Vieira	44 anos	Nascido em Itaquara, (mora há 20 anos em Umarizal), casado com Antonete, pai de Railúcia e Ronaldo. Tem toda a família afro-descendente.	Professor de Geografia do ensino fundamental; coordenador de finanças da associação, há 1 ano e 6 meses.
Ronaldo Rodrigues de Freitas Júnior	20 anos	Nascido em Umarizal, filho de Jane.	Morador, juventude do quilombo e DJ.
Luís Gustavo da Silva Arnould	33 anos	Nascido em Umarizal	Professor da comunidade.
Luís Augusto da Silva Arnould	33 anos	Nascido em Umarizal,	Piloto de lanchas escolares do quilombo.
Fredson Viana Gonçalves	25 anos	Nascido em Umarizal, 4ª geração de Sinfrônio, que foi um dos fundadores de Paxibal.	Estudante do curso de pedagogia pela UFPA.
Inaelson Viana Gonçalves	32 anos	Nascido em Umarizal, 4ª geração de Sinfrônio, que foi um dos fundadores de Paxibal	
Railúcia Miranda de Freitas	24 anos	Nasceu em Goianésia (mora em Umarizal há 24 anos).	Estudante de Enfermagem na UFPA, Belém. Vaga garantida pelas cotas para quilombola.

Fonte: adaptação produzida pelo pesquisador, 2018.

Destaque-se, aqui, que foi realizada a observação participante e registro diário da vida comunitária de todos os entrevistados e analisadas as entrevistas com base nos referenciais teóricos, colocando a parte histórica e aspectos sociais do povoado de Umarizal, em que leva a refletir a forma identitária cultural dessa sociedade quilombola, que tem o seu espaço

territorial demarcado com os seus direitos políticos e econômicos, e uma estrutura básica residencial, estando no município de Baião, no Estado do Pará.

Contou-se, também, ainda neste capítulo, como metodologia, as formas de fazer pesquisa, e, como ponto crucial, a história oral sobre os entrevistados, no total de nove pessoas que residem dentro do povoado do remanescente de quilombola de Umarizal, e que se consideram quilombolas. Esse desfecho de informações contribuiu para o entendimento da formação cultural, tendo como elementos os saberes tradicionais como pontos transitórios de uma estruturação de identidade de Umarizal, através da tradicionalidade. Também a permanência de um grupo em um determinado lugar, denominado como território conquistado pelos laços de pertencimento, não só geográfico, mas de um conjunto de fatores que contribuem para o sustento de um grupo social.

## CAPÍTULO II

### 2. CARTOGRAFIA DOS SABERES TRADICIONAIS EM UMARIZAL E DIÁLOGO TEÓRICO-CONCEITUAL

Este capítulo foi reservado às apresentações dos saberes tradicionais da comunidade de Umarizal, mediante cartografias, interligados aos conceitos e teorias propostos pela pesquisa. Os saberes são encontrados evoluídos ou em evolução, que ocorreu durante as transmissões de geração em geração. Portanto, os valores dessas tradições se perpetuam, apontando suas características quilombolas, mantendo a sua cultura, a sua identidade e a sua territorialidade.

A cartografia foi utilizada como método de mapeamento dos saberes que, para Oliveira e Mota Neto (2011, p. 173), “se revelou como uma *práxis* de pesquisa intercultural, um caminho investigativo para dar conta da inter-multiculturalidade rural-ribeirinha” dos sujeitos amazônicos. Tendo em vista a prática social estabelecida na comunidade, a cartografia ajudou a experimentar, durante a pesquisa, como os saberes se aplicam no cotidiano quilombola.

Serão pontuados cinco (05) dos saberes como pontos chave, a saber: 1 – a atividade de parteira; 2 – a produção de remédios medicinais naturais; 3 – a lavoura agrícola; 4 – o extrativismo natural; 5 – o samba de cacete; pois, são diversos os saberes tradicionais, em que se confundem com as atualizações inseridas no cenário social. Até mesmo costumes que são tradicionais e não são percebidos pela população atual de Umarizal.

#### 2.1. ATIVIDADE DE PARTEIRA

Dentre muitos papéis desenvolvidos pela mulher na sociedade, está inserido o ato de reproduzir. Esse papel, o de reprodução, é considerado o mais importante, visto que, somente por esse meio se dá continuidade à prole. Atualmente, existem diversos recursos que dão apoio à mulher durante esse ato. No entanto, há lugares longínquos em que esses recursos são tolhidos, restando às mulheres buscar alternativas que contribuam com o ato de gerar.

Segundo Pinto (2004):

As mulheres rurais do povoado de Umarizal, no Pará, compactuando com as demais, que vivenciam e testemunham o isolamento, o abandono e a pobreza de lugares longínquos do imenso território brasileiro, ainda continuam criando e recriando alternativas próprias, tecendo teias de resistência para sobreviver. A elas também

recaem os cuidados com a saúde e, em consequência disso, a luta pela vida. Como, biologicamente, o ato de reproduzir está inserido social e culturalmente no cotidiano das mulheres, são elas que assumem, nos seus espaços simbólicos, os rituais advindos do nascimento. Além do ato de gerar, está em suas mãos o poder de "fazer vir ao mundo", de "pegar". Assim, as parteiras, que "também são parideiras", são exemplos típicos das experiências históricas e cotidianas das mulheres rurais no desafio pela perpetuação da vida. (GRAHAN, 1998 apud PINTO, 2004, p. 178).

A atividade de parteira é uma prática utilizada com frequência pelas “parideiras” de Umarizal. As parideiras de Umarizal, longe dos recursos de atendimento médico e sem condição financeira de se locomover da comunidade, tinham a alternativa de realizarem o parto em casa, com a ajuda de uma parteira que, por intermédio de suas experiências, puderam contribuir com o ato de perpetuação da vida ( Figura 11).

Figura 11: Dona Aldenora, parteira com mais experiência dentro do Vilarejo.



Fonte: Figura produzida pelo pesquisador, 2018.

Segundo relatos de Dona Aldenora, a transmissão dessa prática se restringe, apenas, a duas das mulheres que residem na comunidade, a mais nova com 47 anos. Quando perguntou-se sobre a delegação desse saber de parteira, a entrevistada respondeu que encontra dificuldade para a prática desse ofício.

Tô tentando, tô tentando porque eu falo pra elas, né, que o trabalho de parto... Eu já fiz uma reunião, né? – Ah, eu não tenho coragem, ah eu tenho nervoso, eu não dou conta de fazer isso. É assim que eles levam né, a história. – Não, vocês têm que caminhar, vocês têm que trabalhar comigo. Eu trabalho assim, eu trabalho na

comunidade com as reuniões, né, com as reuniões das parteiras. (DONA ALDENORA, Umarizal, 2018).

Acredita-se que, atualmente, por encontrarem maior facilidade de deslocamento, as mulheres se restringem da atividade de parteira, mas ainda se encontram parideiras que preferem “dar à luz” na comunidade. Essa atitude induz à continuidade desse saber que há muito vem estabelecendo uma identidade cultural na comunidade de Umarizal. Muitas mulheres se sentem desencorajadas, mas conforme os relatos da parteira de Umarizal, não há uma idade para se tornar parteira. Algumas começam ainda muito jovens, no momento em que sentem necessidade de ajudar outras mulheres. Dona Aldenora, no relato abaixo, conta como iniciou essa atividade:

Comecei por uma necessidade, de uma sobrinha minha, mulher do meu sobrinho. A mãe dela era parteira dela. Ele (o sobrinho) foi me buscar era três horas de viagem a remo, veio me buscar pra ir fazer o chá, a comida pra ela [...] quando nós chegemo lá na casa, ela tava com a dor. E sabe o que aconteceu? Naquele tempo, eles compravam muita bebida, né, quando o filho nascia, bebida, pistola, essas coisas, e a velha (mãe da sobrinha) sentu, bebeu, ficou porre e se jogou lá no chão. [...] eu era sequinha sabe, gitita, porque eu não sou grande mesmo. Eu disse: – e agora? E a comadre lá tá enrascada, primeiro filho. Aí eu fiquei olhando pra ela [...] o filho tava atravessado. Ela fazia força, mas o filho não tinha por onde nascer. Eu disse: – Jorge, vem cá. Tu é grande e eu vou fazer aqui um trabalho pra nós fazer essa mulher ter o filho agora, senão ela vai morrer. Bora acordar a velha. E eu rolava a velha...eu disse, não tem jeito, bora ver o que a gente faz. E eu muito sequinha, sem sustância, bem magrinha mesmo que era. Aí eu disse: – Olha, eu vou virar ela de lado, tu sacode a perna dela, eu vou virar ela pra consertar a criança, pra consertar a criança, pra criança nascer. Agora o resto vamos ver. Ajeitei ela lá e virei ela de lado, ai ela tumbu. – Tá, aí sacode a perna dela assim, ensinei pra ele, ele sacudiu, tá. Aí a criança ficou no jeito, aí a criança deu um puxo, aí a criança nasceu. Agora, eu tinha visto uma criança numa rede, né, que a mulher tinha feito o parto e tava lá, eu passei e vi a criança assim na rede e, só tava um paninho assim na bundinha dela, mas não tinha nada, tava amarrado um negócio aqui, né (cintura), aí eu fiquei olhando assim. Mas criança aquele tempo tudo era escondido de criança. Criança não via parto, criança não via nada. Só se for um, assim um acaso mesmo, eu disse mas eu vi uma vez da Bena, eu vou já fazer. – Cadê Jorge, cadê o balaio dela, aí eu peguei a tesoura e fui pra lá puxando um fio de pano de rede sabe, hoje em dia é tudo no luxo, mas naquele tempo não tinha, né, enrolei o fio e amarrei bem apertadinho e foi dois laços. – Cadê o andiroba? Cadê o azeite, né? Tá, peguei uma lamparina, naquele tempo era lamparina, né ,ai torci o fio, molhei no azeite e queimei bem o umbigo do pirralho, aí ela falou assim – cumadre a senhora nunca viu fazerem, cortar umbigo, amarrar umbigo. Eu disse. – eu não cumadre, e era o primeiro dela. Então nós temo tudo enrolado, aí eu vou fazer do meu jeito. – tá, faça comadre. Tá, aí ajeitei, ajeitemo. Ele amarrou a rede, botou ela pra lá e eu cuidei do bichinho lá. Fui assim que eu fez o primeiro parto [...] até hoje, tô com 250 partos [...] diz a minha irmã que eu tava com dez anos. (DONA ALDENORA, Umarizal, 2018).

No relato, observa-se que, através de uma casualidade, dona Aldenora, aos dez anos de idade, fez seu primeiro parto. Percebe-se que o quesito idade não é obstáculo para o aprendizado. No entanto, é necessário possuir, segundo dona Aldenora, coragem, fato que

aprouve a Dona Aldenora como detentora desse saber, e transmitir às demais parteiras do remanescente de quilombo.

## 2.2. REMÉDIOS CASEIROS COM PLANTAS MEDICINAIS

Desde muito cedo, os moradores do remanescente quilombola de Umariza já manifestavam suas aptidões por diversos tipos de trabalho, que eram acumulados através da vivência com situações que os levavam a sobressair-se em meio às dificuldades que eram obrigados a enfrentar. Desse modo, os saberes transmitidos de geração em geração tornaram-se um fator contributivo para a sobrevivência dos quilombolas do remanescente de Umarizal.

Figura 12: Aprendizes e dona Aldenora separando as ervas para o preparo dos remédios.



Fonte: (MEDEIROS, 2017, p. 66).

Desde muito cedo, os moradores do remanescente quilombola de Umariza já manifestavam suas aptidões por diversos tipos de trabalho, que eram acumulados através da vivência com situações que os levavam a sobressair-se em meio às dificuldades que eram obrigados a enfrentar. Desse modo, os saberes transmitidos de geração em geração tornaram-se um fator contributivo para a sobrevivência dos quilombolas do remanescente de Umarizal.

Fatores como distância, falta de atendimento básico de saúde, falta de farmácia no vilarejo, dentre outros, influenciam o consumo de ervas medicinais para tratamento de doenças. Esse saber é característico de classes populares pobres, pois constitui-se um meio pelo qual as doenças são curadas. E, como em um ritual, as plantas são escolhidas com muito cuidado, pois, segundo relatos, há plantas que curam e há plantas que matam.

A concepção das doenças como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as induzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de curas indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (DEL PRIORE, 1997 apud PINTO, 2004, p. 04).

A busca pela cura, através das plantas, tem provocado intenso movimento dentro da comunidade de Umarizal. Conforme Neto e Caetano (2005, p. 03), “o ser humano tem empregado plantas como fonte de medicamentos para os males que o assolam, sendo bastante difícil ser encontrada uma civilização da antiguidade que não tenha se utilizado do grande poder de cura de diversas plantas”. Os saberes tradicionais sobre remédios caseiros configuraram-se na pesquisa como o saber com maior ênfase dentro da comunidade de remanescente de quilombo de Umarizal. Praticamente, todos os entrevistados confirmaram que o remédio caseiro faz parte do cotidiano dos moradores da comunidade.

Eu faço para mim tomar, algumas pessoas vêm aqui pedir para mim fazer o chá, eu faço. [...] Olha, tem muito remédio para colocar no chá, né. [...] Aí a gente pega hortelã, manjericão, pariri, a forssangue, terramicina, aí tem o boldo também nós colocamos. A casca do jatobá, do miriri, tem a casca do caju-açu, da castanheira. Tudo isso a gente vai fazendo aquele chá, cada um tem o seu, a sua posição, né, de fazer o chá. aí a gente faz [...] não, ela (a mocinha de São Paulo) tá pegando os nomes para aprender. Ela quer aprender, ela vem para aprender, né? (EUGÊNIA, Umarizal, 2018).

Esse saber, o de produzir remédio caseiro, foi o que mais se falou durante as entrevistas, por conta de sua utilização constante para a própria saúde. Utilizam-se de diversos tipos de plantas, a saber, antibióticos como: pirarucu, terramicina, arruda, sena, entre outros. Essa prática milenar de cura pela natureza é expressada em cada relato. Os curandeiros eram quem faziam as produções dos remédios caseiros, através das plantas. Desde então, as pessoas no povoado foram aprendendo e as receitas foram sendo transmitidas de geração em geração, perpetuando esse saber característico do remanescente de quilombo de Umarizal.

São realizados cursos dentro da comunidade para perpassar o saber sobre plantas medicinais. As moradoras possuem, em seus quintais, diversos tipos de plantas que são usadas como medicamento. A esse respeito, diz-se, ainda, que

a compreensão dos conceitos de medicina tradicional, em geral, e de suas práticas médicas em particular, pode ser útil na gênese de verdadeira inovação nos paradigmas de uso e desenvolvimento de drogas psicoativas. (ELAINE ELIZABETSKY, 2004 apud CUNHA, 2007, p. 81).

E isso, segundo Carneiro, não se trata de “validação de resultados tradicionais pela ciência contemporânea, mas do reconhecimento de que os paradigmas e práticas de ciências tradicionais são fontes potenciais de inovação da nossa ciência”. (CUNHA, 2007, p. 81). Isso significa que não se pode descartar os saberes, antes se deve utilizá-los em benefício próprio, desde de que se faça de forma sustentável.

A maioria dos moradores da vila conhecem e sabem os procedimentos para a produção de remédios. Seja para dor de barriga, seja para infecções severas, há sempre alguém que indica determinada planta para cura das doenças que assolam a região.

### 2.3. PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Uma das práticas tradicionais usadas para manter a subsistência familiar é a produção agrícola, que é um dos elementos que caracterizam o remanescente de quilombo, que desde os primórdios já vinha praticando esse tipo de atividade. É desse trabalho agrícola que os moradores da vila retiram sua base alimentar, em destaque, a farinha e o arroz. O produto que excede o consumo “é vendido para os marreteiros que vão até o povoado de Umarizal para efetuar a compra, ou então, nas cidades de Baião, Cametá e até mesmo em Belém do Pará”. (PINTO, 2004, pp. 69-70). Com o dinheiro da venda dessa produção, são comprados os demais utensílios que supram as necessidades.

Os produtos agrícolas produzidos pelos remanescentes quilombolas de Umarizal, assim como em outras vilas vizinhas, são comercializados, tanto dentro da vila quanto em outras cidades.

Na região tocantina denomina-se de marreteiro a pessoa que se desloca do seu lugar de origem para outros lugares com algumas variedades de objetos para serem vendidos ou comercializados. É uma versão mais atualizada do antigo regatão. Nas suas negociações, é bastante comum a troca de mercadorias com a produção do lavrador, como por exemplo, a troca de uma determinada mercadoria ou objeto por uma quantidade estipulada de farinha de mandioca, conforme o preço da mercadoria. Observei, durante a pesquisa, que os pequenos comerciantes de Umarizal, em média de cinco, também trabalham na agricultura de mandioca, milho e arroz; além de serem dependentes de comerciantes de fora de Umarizal. Na maioria das vezes os comerciantes locais "compram" a produção das roceiras e roceiros de Umarizal, trocando por mercadorias. (PINTO, 2004, p. 84).

Figura 13: Plantação de arroz.



Fonte: Figura produzida pelo pesquisador, 2018.

Essa escoação feita por marreteiros é que compõe a renda familiar dos remanescentes de quilombolas. A forma de cultivo ainda é rudimentar, como discorre seu Narcísio, liderança da comunidade:

Nós temos a questão da agricultura, por exemplo, ainda não é agricultura moderna. Ela é ainda rudimentar. Ainda é tradição assim como aprendemos no nosso passado, ainda mantém. Sabemos que se a gente mecanizar a agricultura isso vai render muito mais, mas infelizmente não temos ainda condições econômicas, apoio político, apoio técnico pra que a gente possa transformar essa agricultura ferrenha numa agricultura mais avançada. (NARCÍSIO, Umarizal, 2018).

Dessa maneira, o pequeno agricultor não possui meios que possa subsidiá-lo. Esses meios técnicos, mecanizados, de melhorar a produção agrícola na comunidade, já foram buscados através de aliança política. No entanto, o apoio financeiro governamental, para esse fim, ainda é superficial no que diz respeito à efetivação desse suporte. Portanto, o pequeno agricultor do remanescente de quilombo de Umarizal se vê na “obrigação” de dar continuidade às suas práticas na agricultura, ainda que essa produção seja “insuficiente para o sustendo familiar”. (PINTO, 2004, p. 115). Mesmo que, de forma rudimentar, tem-se a necessidade de produzir para garantir o sustento familiar.

O remanescente de quilombola de Umarizal tem suas raízes na produção artesanal, em que não se utiliza maquinários para auxílio da produção, sendo que, a “monocultura como sistema de produção inserida na dinâmica do agronegócio, busca a produção em grande escala”. (ANDRADE, 2016, p 116). Já o modo de produção artesanal, descrito pelos pequenos agricultores do remanescente, revela que a produção da agricultura familiar, realizada numa configuração artesanal, caracteriza-se pela “reprodução, a biodiversidade, a predominância do trabalho familiar e a produção em pequena escala”. (WELCH & FERNANDES, 2008 apud ANDRADE, 2016, p. 116).

A produção agrícola de Umarizal é baseada na lavoura branca, que é a plantação de milho, arroz, maniva entre outros, um dos saberes que foram sendo transmitidos pelos ancestrais no remanescente, que, até na atualidade, se mantém. Um dos relatos reproduz uma curiosidade sobre a plantação do arroz:

O arroz, olha, ele tá parindo, que nós chama parindo, tá botando cacho e, também nesse período nós não podemos capiná, porque a tradição, nós aprendemos como nossos avós, nossos pais, que se entrar com facão, machado qualquer coisa de ferro, estraga o arroz, por isso a gente não entra, nesse período, com facão lá, pra não manchar o grão do arroz. Ele fica preto se entrar com facão, empreta tudinho os grão, até o cigarro não pode entrar senão estraga a lavoura do arroz. (ANTONETE, Umarizal, 2018).

Essa prática, que vem passando pelas gerações do remanescente de quilombo em Umarizal, é exercida de forma rigorosa. No roçado, encontra-se outras curiosidades que também fazem parte do cotidiano, como, por exemplo, os donos dos roçados constroem casas próximas ao roçado para vigiarem a plantação, que, segundo narrações, há casos de furtos na lavoura. Os animais (cachorros) domésticos também contribuem com a vigilância da plantação (ver Figura 14).

Nessas casas, enquanto houver plantação no ponto de colheita, os donos as ocupam dia e noite para proteção da lavoura. Os afazeres diários, todos são feitos nessas casas, inclusive a comida (Figura 15).

Figura 14: casa de palha construída para dar suporte aos donos das plantações, e animais domésticos que ajudam na vigilância da plantação.



Fonte: produzidas pelo pesquisador, 2018.

A organização dos afazeres domésticos ainda se dá de forma rudimentar, em que os utensílios utilizados para dar suporte à estadia dos donos da plantação ainda reproduz, segundo os relatos dos moradores, a vida vivida pelos quilombolas. De acordo com as imagens abaixo, pode-se perceber essas formas de vivência, pois os utensílios, como pote de barro que serve para armazenar água, as redes, as casa feitas de palha, a casca do miriti, dante usado como bacia, hoje utilizam para colocar os alimentos dos animais.

Figura 15: Moradora preparando o almoço na casa de palha



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2018.

Figura 16: Estutura interna da casa de palha.



Fonte: Produzidas pelo pesquisador, 2018.

Figura 17: Pote de armazenar água.



Fonte: Produzidas pelo pesquisador, 2018.

Figura

18:

Fogão.



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2018.

Figura 19: palha de inajá.



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2018.

Esses utensílios, dantes eram muito usados, e, ainda hoje, fazem parte do cotidiano no remanescente. No entanto, foram encontrados outros que manifestam a modernização como o rádio, que é usado para manter-se informado, trazendo o que foi vivido anteriormente e a atualidade (constatar Figura 20, abaixo).

Figura 20: Rádio.



Fonte: Produzida pelo pesquisador, 2018.

Esses utensílios, dantes eram muito usados, e, ainda hoje, fazem parte do cotidiano no remanescente. No entanto, foram encontrados outros que manifestam a modernização como o rádio, que é usado para manter-se informado, trazendo o que foi vivido anteriormente e a atualidade.

#### 2.4 EXTRATIVISMO NATURAL

O extrativismo, atualmente, no quilombo de Umarizal, ainda se constitui saber tradicional transmitido de geração em geração, uma vez que essa prática é exercida pelos moradores do remanescente desde o início do processo de formação do quilombo. A extração de castanha era um dos principais movimentos que ocorriam dentro da comunidade, onde vários moradores iam à mata fazer a coleta do fruto. Assim como a castanha, a seringa era outro produto que assegurava o sustento das famílias do quilombo, mas pode-se elencar outros tipos de extração como: tapioca<sup>6</sup>, tucupi, látex, uxi<sup>7</sup>, bacuri<sup>8</sup>, piquiá<sup>9</sup> e, açai<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> Da mandioca ralada extrai-se o sumo: o tucupi, que em repouso por algumas horas, deixa assentar a tapioca. Da tapioca se faz a farinha de tapioca, cujo processo para sua feitura dá-se a partir da extração da tapioca, lavagem ou descoloração, secagem ao sol, granulamento e cozimento ou torragem no forno, em temperatura amena, ou seja, não tão quente. É comum a mistura de castanha-do-pará moída na tapioca, adequada para a fabricação da farinha de tapioca. Além de se fazer um delicioso mingau com essa farinha, ela também é muito utilizada na região do Tocantins como acompanhamento de café e chá. (PINTO, 2004).

<sup>7</sup> Fruto do uxizeiro, é de formato ovóide, meio alongado, de cor verde-amarelo, com uma casca externa dura, mas bastante quebradiça e fina. Seu caroço é envolvido por uma polpa gordurosa, saborosa e muito aromática. Quando este fruto não está maduro essa massa é dura, amargosa e um pouco travosa. (PINTO, 2004).

<sup>8</sup> Fruto do bacurizeiro (*Platonia insignis*), são de tamanhos grandes, redondos, tem casca grossa, resinosa e polpuda, muito utilizada na feitura de compotas e doces, isso após fervê-la para tirar-lhe a resina. A polpa desse fruto tem sabor agridoce, de cheiro e paladar agradáveis, muito utilizado na região na fabricação de cremes sorvetes, sucos, compotas, doces etc. (PINTO, 2004).

<sup>9</sup> Fruto do piquizeiro (*Caryocar villosum*) é do tamanho de uma laranja comum, possuindo casca espessa e carnuda, a qual envolve de uma a quatro sementes em formato de rim, recoberta por uma polpa muito gordurosa e às vezes amarga. Essa polpa é comestível, depois que as sementes são cozidas. A polpa por

Na Amazônia, a extração e exportação da borracha ou látex, extraído da seringueira (*Hevca brasiliensis*) teve sua fase áurea nas primeiras décadas do século XX. As capitais, principalmente Belém e Manaus, foram embelezadas por praças, jardins, grandes lojas de luxo, teatros (como o teatro da Paz em Belém e o Teatro Amazonas em Manaus). Os membros da elite local não acreditavam que as sementes contrabandeadas para a Inglaterra fossem garantir o sucesso dos ingleses e a derrocada da borracha brasileira com a inundação do mercado com uma produção do látex mais barato e de melhor qualidade. Durante a extração da borracha na Região Amazônica, os donos de seringais recebiam altos financiamentos pelas grandes casas exportadoras de borracha, sediadas sempre nas capitais, enquanto os seringueiros se endividavam dia após dia, presos a intermináveis dívidas no barracão (uma espécie de cantina, que fornecia gêneros alimentícios de primeira necessidade, a preços arbitrários aos seringueiros) do proprietário do seringal, cuja técnica e diferenciação de cortes elas lembram muito bem. Quando os "seringais dos centros" (em matas de terra firme), por serem longe, eram cortados (riscava-se o tronco da árvore com facões apropriados), o leite da seringueira era aparado em tigelas. Os "seringais da beira" (localizados nas ilhas), por serem mais perto, eram cortados com machadinhas e o leite era aparado na casca de uruá, coladas nos troncos das seringueiras (PINTO, 2004, p. 145).

Esse recorte do texto de Pinto (2004), retrata como era feito o extrativismo no início da formação de Paxibal. É muito comum as pessoas que moram em Umarizal se utilizarem desses conhecimentos para adentrarem na mata e fazerem a coleta desses frutos, que complementam a alimentação na comunidade. Atualmente, por conta do desmatamento indevido, há a preservação das castanheiras (sobre a preservação dos castanhais será melhor abordado no capítulo III). No entanto, esse saber da extração e/ou coleta da castanha ainda é transmitido, não como dantes, mas à medida de suas necessidades.

## 2.5 SAMBA DE CACETE

O estilo de dança de samba de cacete é uma “prática da cultura paraense que conecta religião e diversão com símbolos e ritos importantes de afirmação de identidade”. (MEDEIROS, 2017, p. 123). No entanto, é considerado pelos moradores do vilarejo de Umarizal como sendo uma tradição deixada por seus ancestrais afrodescendentes.

---

pressão quente também fornece um azeite, que pode ser usado na alimentação ou para saboaria. No interior das sementes ou amêndoas há uma banha de cor branca e fina, excelente para a perfumaria. (PINTO, 2004).

<sup>10</sup> Fruto, cujo suco misturado com farinha de mandioca se torna um complemento básico na alimentação da população da região do Tocantins. Atividade esta, praticada por ambos os sexos e todas as idades. No entanto, observei que são mais as mulheres, juntamente com as crianças, que se ocupam da coleta dos frutos da mata. (PINTO, 2004).

Hoje o que a gente vê muito é o samba de cacete, né? Que isso ainda tá ainda bem, é que é a dança que vieram dos nossos antepassados, né, aí muito de nós aí ainda praticam, né? Alguns não praticam, mas é nossa cultura, né? (GUSTAVO, Umarizal, 2017).

O samba de cacete recebe esse nome “porque os únicos instrumentos musicais são dois troncos de pau com, aproximadamente, um metro e meio de comprimento escavados no interior – os tambores – tendo em uma das extremidades um pedaço de couro”. (PINTO, 2004, p. 98).

Figura 21: demonstração do samba de cacete.



Fonte: Associação do remanescente quilombola de Umarizal.

Durante a festividade da Santa Trindade, na comunidade, o samba de cacete é muito praticado. Além dessa participação na festa da Trindade, os integrantes do samba de cacete são levados a outros lugares para fazer demonstrações de suas danças.

Dona Eugênia descreve como se dava os encontros dos moradores para festejarem e praticarem o samba de cacete.

As pessoas eram convidadas pra plantar as roças. Primeiro era roçar, depois derrubar, depois vairava e depois plantava. Quando chegava na casa, eles já vinham bebendo já de lá, né, aí chegava aqui, aí tem uns que sempre gostam de dançar, né, aí começavam a bater umas latas, umas caixas, era o samba de cacete. Ainda não era o tambor, era as latas. Porque cada um tem um dom, né? Eles batiam, as mulheradas dançavam pelo terreiro, depois de virem da roça. Aquele tempo não era quase mermo assim, era tupé. Aí butava os pratos tudo mundo sentava, cumia e, tinha cachaça mermo, aí eles bebia e o “pau quebrava”, dançava até tarde, só iam pra casa de tardita (no final da tarde), pra casa deles mermo, né? (EUGÊNIA, Umarizal, 2018).

Ainda hoje, essa prática do samba de cacete está viva na comunidade. “As festas constituíam, para os escravos, momentos de ruptura com a vida cotidiana. Oportunidade em que vestiam os seus melhores trajes” (SAMPAIO, 2011, p. 199). Os jovens, os mais velhos e as crianças se organizam em torno das festividades que acontecem dentro do remanescente e fazem suas danças, suas músicas, e transmitem suas práticas de geração em geração.

No momento do samba, os batedores ou caceteiros, em número de 4, sentam-se em cima dos tambores, um de costas para o outro; o que fica do lado que tem couro, batuca com as mãos e o que fica da outra extremidade, bate com os cacetinhos. Os batedores ou caceteiros cantam as estrofes, enquanto os dançarinos e as dançarinas, em tons unissonantes, fazem o coro. A melodia, assim como a dança, começa em ritmo lento e vai evoluindo até tornar-se alucinante. A dança é solta, as mulheres geralmente giram em torno de si mesmas, gestualizando, conforme a letra da música, se esquivando para que os cavalheiros não consigam tocá-las. Estes, por sua vez, gingando ao ritmo da música, tentam, sem sucesso, tocar os pés das damas. O Samba de Cacete também é conhecido na região do Tocantins como Siriá, devido ao fato de sua música mais "tradicional" intitular-se "Siriá". O traje dos dançarinos são roupas comuns, usadas no seu cotidiano e inspiradas nas roupas simples dos escravos do eito no Brasil pré-abolição. As mulheres vestem, de preferência, saias franzidas, bem rodadas para facilitar os gingados, com estampas floridas de cores quentes e vibrantes, blusas de cores mais suaves, soltas, com grandes decotes, deixando à mostra o colo. Os homens vestem camisas estampadas, como as saias das damas, presas na frente só por um nó, que faz a junção da camisa, uma espécie de abotoamento e calça, sem opção alguma. (PINTO, 2004, p. 98).

Durante a pesquisa, esse saber, do samba de cacete, foi um dos mais relatados. “Eram momentos em que as origens africanas se manifestavam, e novas identidades culturais se constituíam”. (SAMPAIO, 2011, p. 198). A festa da Trindade, que, segundo relatos, se tornou o festival quilombola, realizado todos os anos, no mês de setembro, é um evento que reúne a comunidade, pesquisadores e visitantes, possibilitando a transmissão dos saberes, a saber, o samba de cacete.

## CAPÍTULO III

### 3. DESDOBRAMENTOS SOBRE OS SABERES

Neste capítulo, foram entrevistados alguns moradores da comunidade, de acordo com critérios de envolvimento e participação ativa na mesma, assim como disponibilidade de participação na pesquisa, em especial aqueles que têm maior participação na organização comunitária, havendo também uma atenção à juventude, no que diz respeito ao processo de transmissão de conhecimentos e de saberes tradicionais que fazem parte da organização cultural e da construção identitária do povoado.

Também foi entrevistada uma pessoa que não se denomina quilombola, sendo este considerado individual, e uma família que se põe à parte das atividades políticas da associação da comunidade de Umarizal.

E para o desenvolvimento deste trabalho, obteve-se como informantes: duas famílias, duas lideranças comunitária, uma pessoa individual e jovens lideranças quilombolas, todos de dentro da comunidade. As famílias, abordadas durante esta investigação, participantes desta pesquisa, são apenas algumas das demais encontradas em Umarizal. No entanto, todos os moradores do remanescente são responsáveis pela absorção, conservação e propagação dos saberes tradicionais do povoado de Umarizal.

Além da família de três integrantes que levam uma vida comum no povoado (não ligada à liderança), mais um grupo se destaca no vilarejo por participarem das discussões políticas de Umarizal – a família ligada à liderança. E, entre os quatro participantes dessa família investigada, o patriarca é membro da associação dos quilombolas de Umarizal, contribuindo com a sua participação enquanto um dos líderes da comunidade, exercendo o cargo de diretor de finanças.

A matriarca, esposa do diretor de finanças da associação e ex-integrante da antiga diretoria dessa associação, teve uma contribuição de fundamental relevância, descrevendo, em palavras, o trabalho de parteira, que herdou de sua mãe, um dos saberes muito praticados pelos seus antepassados. Os filhos do casal também fizeram suas contribuições, enquanto jovens da comunidade, alvo do sincretismo do mundo globalizado, no que tange às tecnologias invasivas de fronteiras territoriais comunitárias, algo bem presente nas pessoas jovens de Umarizal; costumes da atualidade que quebram laços tradicionais de uma comunidade, ocultando valores de uma identidade cultural.

O presidente da Associação da comunidade de Umarizal também foi peça importante nesta pesquisa, por participar de discussões direta de desenvolvimento no remanescente, em que o mesmo defende os direitos do grupo social desse vilarejo de forma constante e por muito tempo. Além da participação do presidente da associação, foi entrevistada a esposa dele, sendo considerada uma das parceiras mais ativas da comunidade, e por ser fabricante de remédios caseiros com ervas medicinais, encontradas nas vegetações dos arredores do povoado. E, por se tratar de diversas participações sociais nesse remanescente, um senhor descendente dessa comunidade se encaixa como indivíduo desse grupo de maneira diferente, sendo considerado individual, a saber, não quilombola, mesmo sendo descendente de um quilombo.

Outras pessoas da juventude de Umarizal foram entrevistadas. Estas fazem parte de um grupo em que todos se consideram lideranças. São jovens participantes do movimento UNERT (União Estudantil da Região Tocantina), e o perfil de cada um, suas participações na comunidade, posição social e elementos característicos dos mesmos, estão detalhados no desenvolvimento desta pesquisa.

### 3.1. SABERES TRADICIONAIS E A CONTINUAÇÃO DA CULTURA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO UMARIZAL

A análise dos saberes tradicionais que caracterizam a comunidade quilombola do Umarizal, tendo em vista a transmissão dos saberes por meio de experiências cotidianas que marcam a identidade desse povo, considerando aspectos culturais importantes que estão sendo levantados, mapeamento sobre estudos e dados de documentos históricos da formação quilombola do Umarizal/Pa, traz à tona o conhecimento do que já foi levantado como material produzido para pesquisas ou acervos que contribuiriam para esta investigação.

Os saberes tradicionais da cultura da comunidade do Umarizal podem ser encontrados em cada ponto do povoado, pois as raízes socioculturais negras exprimem-se em suas práticas cotidianas. Monteiro e Garcia (2012) deixam claro que "estudos científicos demonstraram que esses grupos apresentam a existência de uma identidade social étnica compartilhada, a antiguidade da ocupação de suas terras, bem como de suas práticas de resistência na preservação e reprodução de seus modos de vida, característicos de um determinado lugar". (MONTEIRO e GARCIA, 2012, p.73).

Pode-se constatar, nas falas e na pesquisa observacional realizada que o remanescente de quilombo de Umarizal possui características que o identificam como tal. A continuidade dos

saberes se prolifera, mesmo com interferências da globalização. No que diz respeito às questões tradicionais, Umarizal está longe de perder sua identidade, uma vez que muitos resquícios ainda são encontrados.

### 3.2. OS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DO UMARIZAL: RESISTÊNCIA E LUTA

A territorialidade, como um princípio de Direito, permite estabelecer ou delimitar a área geográfica em que o Estado exercerá a sua soberania. Para os quilombolas, a garantia do território é símbolo de resistência não somente pela preservação de sua identidade, mas, também, para a seguridade geográfica desses remanescentes, representando ordem consolidada de um grupo e estabilidade social.

A coletividade do uso da terra se torna a base de uma sociedade que tem caráter oposicionista aos regimes escravocratas no Brasil, "a terra não é e não pode ser objeto de propriedade individual [...]" (RAMOS, 1986 apud LITTLE, 2002, p. 09), havendo uma ordem política local regida por lideranças negras, conforme as ideologias políticas de governabilidade de um grupo, muitas vezes seguindo as sistematizações afros.

Essas comunidades quilombolas, não só conquistaram espaços geográficos com uma nova sistematização política, mas, também, implantaram uma forma de vida fraterna e livre de preconceitos e desrespeitos. Bandeira (1991), afirma que:

O controle sobre a terra se faz grupalmente, sendo exercido pela coletividade que define sua territorialidade, com base em limites étnicos fundados na afiliação por parentesco, coparticipação de valores, de práticas culturais e principalmente da circunstância específica de solidariedade e reciprocidade desenvolvidas no enfrentamento da situação de alteridade proposta pelos brancos. (BANDEIRA, 1991 apud LITTLE, 2002, p. 10).

Vale ressaltar, que a formação das comunidades quilombolas é resultado não só de fugas dos negros escravizados, mas, também, por terras compradas por negros alforriados, pelas ocupações de fazendas abandonadas pelos fazendeiros falidos, que não davam conta de sustentar os seus escravos e a manutenção de sua produção, pela abertura de pequenos grupos em lugares isolados pelos escravos livres, pós-guerra do Paraguai, encerrada em 1870, optando por viver longe de seu antigo escravizador.

Assim sendo, a noção de quilombo não se restringe aos casos de fuga em massa e refúgio de escravos, mas refere-se, sim, à formação de grupos familiares que,

buscando uma produção autônoma e livre, baseada na cooperação, faziam frente ao sistema escravocrata. (CARVALHO, LIMA, 2013 p. 331).

Ainda se referindo à territorialidade, os saberes da comunidade são reflexos de uma resistência à cultura europeia, em que os costumes afros são perpetuados, mesmo com os sujeitos longe de sua terra natal. Os negros foram trazidos das etnias africanas entre os séculos XVI e XIX, durante o período colonial na América. Por mais que os colonizadores europeus tentassem aculturar os negros africanos, o sincretismo religioso cristão implantado sobre os negros no Brasil não extinguiu as suas práticas religiosas, ocorridas nos terreiros das fazendas e nas senzalas, "particularmente o candomblé, tomado como principal guardião da fé ancestral" (DOMINGUES, 2007, p. 116), assim como a religiosidade, a culinária, a fabricação de objetos, vestimentas, modos linguísticos de comunicação e outras características pertencentes às comunidades quilombolas, também têm aspectos de resistência à cultura europeia. Entretanto, quando se aborda os costumes tradicionais nos remanescentes de quilombo, percebe-se que nem todos os saberes provêm da África.

Atualmente, muitos desses saberes foram reinventados, adotando uma nova vivência social. Para Moreira (2013):

A inserção de novos hábitos não impede que este espaço se qualifique como lugar, mas ameaça as práticas culturais tradicionais, construídas historicamente com o lugar em que vivem. Os saberes tradicionais que foram repassados de geração em geração por meio da oralidade podem ser esquecidos, na medida em que deixarem de ser reproduzidos. (MOREIRA, 2013, p. 12).

No entanto, ainda fazem uso do que encontram nas florestas e nos sertões brasileiros e, conforme as necessidades de uso de objetos para utensílios, construções de moradias, preparo da terra para cultivo de alimentos, a caça e a pesca, novos modos de sobrevivência foram sendo inventados e explorados por esses desbravadores, negros que formavam esses remanescentes, apresentando uma sociedade cheia de reflexos enraizados em costumes afros. Quanto mais envolvidos nas características afros, mais resistência ganhavam, evidenciando a força negra que lutava pelo seu reconhecimento identitário e pela autenticidade de sua cidadania.

A questão das comunidades quilombolas está posta e se faz presente tendo visibilidade por meio dos movimentos sociais negros, desvendando que não foram poucos os quilombos formados durante o tempo em que perdurou o regime escravista. Segundo estimativas de organizações negras, existem mais de 4.000 comunidades quilombolas localizadas em todas as regiões brasileiras. O quilombo está, portanto, presente no debate sobre a questão agrária, e responde a um processo

de luta política, substancialmente de conquistas e reivindicações dos movimentos negros organizados. (MONTEIRO E GARCIA, 2012 p. 69).

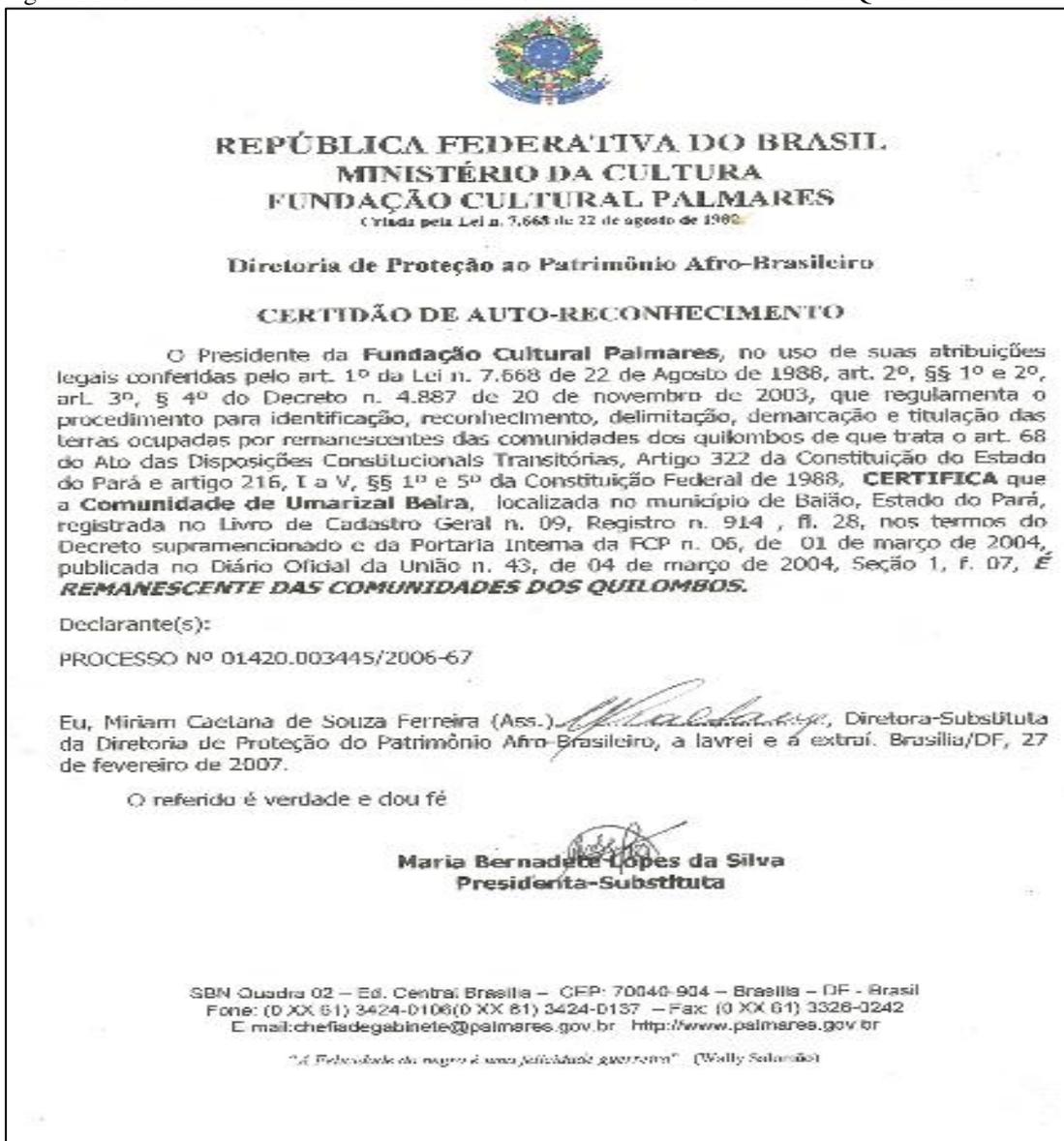
Assim como vários remanescentes quilombolas que se estabilizaram no Brasil, a formação social e a preservação cultural da comunidade de Umarizal não foi diferente. A perpetuação dos saberes tradicionais, por décadas, caracteriza uma sociedade carregada de resistência e luta, desde a colonização portuguesa no Brasil. Essa resistência fluira de sujeitos com pensamentos ousados, que vislumbravam a conquista da liberdade e respeito. Esses indivíduos eram encontrados tanto nos grupos de negros que estavam nas fazendas ou nas fábricas que abasteciam o capitalismo português, como entre os indígenas e pessoas brancas marginalizadas pela coroa portuguesa e pelo império brasileiro.

Ainda que sofrendo retaliações no meio social, os índios e brancos (pobres), ao participar das formações desses remanescentes, seguiam os regimentos socioculturais inerentes aos costumes do grupo afro, integrando-se aos ritos e costumes da vida diária em atividades locais da comunidade. Esses novos integrantes somavam para o fortalecimento do grupo enquanto sociedade, e agregava forças às resistências e lutas da etnia afro, ao levantar bandeiras para direitos de reconhecimento de um povo ou de um grupo enquanto participantes de uma formação de uma nação.

Funes (1999) deixa claro em seu ensaio, intitulado "Áreas das Cabeceiras - Terras de Remanescentes: Silêncio, Matá, Castanhanduba, Cueuré, Apuí e São José", que nem todas as resistências partiram de negros maltratados pelos seus senhores, mas do desejo de ser um indivíduo autônomo em suas atividades trabalhistas e participar livremente de grupos que atuavam de acordo com os conceitos tradicionais culturais de sua raça. Assim, são encontrados vestígios semelhantes para a formação da comunidade quilombola de Umarizal, explicada pela historicidade do grupo, através da primeira liderança, na pessoa de Sinfrônio Gonçalves de Vilhena, ex-combatente da guerra do Paraguai. (FUNES, 1999, p 32).

A comunidade de Umarizal é parte desse cenário de resistência, através de sua organização social negra, que conserva as práticas que caracterizam sua identidade encontrada, não só nos eventos culturais e nos afazeres cotidianos, mas, também, na busca de seu reconhecimento identitário, pleiteada através de instituições que legalize e reconheça a comunidade como quilombo.

Figura 22: Certidão de Auto-Reconhecimento da Comunidade de Umarizal como Quilombo.





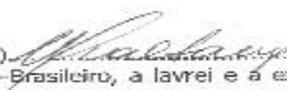
**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988.

**Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO**

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n. 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, Artigo 322 da Constituição do Estado do Pará e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Umarizal Belra**, localizada no município de Baião, Estado do Pará, registrada no Livro de Cadastro Geral n. 09, Registro n. 914, fl. 28, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n. 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n. 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s):  
 PROCESSO Nº 01420.003445/2006-67

Eu, Miriam Caetana de Souza Ferreira (Ass.) , Diretora-Substituta da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, 27 de fevereiro de 2007.

O referido é verdade e dou fé

  
**Maria Bernadete Lopes da Silva**  
 Presidenta-Substituta

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70046-904 – Brasília – DF – Brasil  
 Fone: (0 XX 61) 3424-0106/(0 XX 61) 3424-0157 – Fax: (0 XX 61) 3326-0242  
 E-mail: [chefiade gabinete@palmares.gov.br](mailto:chefiade gabinete@palmares.gov.br) <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Willy Salomão)

Fonte: Fundação Zumbi dos Palmares (FZP), 2014.

A certidão emitida em 08 de agosto de 2014, pela Fundação Zumbi dos Palmares, é mais uma conquista realizada pelos moradores de Umarizal. A aceitação e reconhecimento, como quilombo, em nível nacional, trazida por meio de registro da FZP, foi um marco para a comunidade de Umarizal, graças ao esforço da Associação, fundada dentro do vilarejo, onde a luta pelas condições de saúde, saneamento básico, educação e preservação ambiental dentro da territorialidade da comunidade faz parte das reivindicações sociais para o reconhecido quilombo.

A luta do movimento social negro pode ser compreendida em seus diversos aspectos, quando relacionados à discriminação e ao preconceito disseminado sobre as

comunidades e a cultura negra. Pereira (2011) discute sobre o direito à educação dos negros trazidos pela Lei Nº 10.639/2003, assim como, a autenticidade da importância do papel das comunidades afrodescendentes e suas ações para a formação social, econômica e cultural, em que o reconhecimento por uma cidadania de direitos iguais lhe são devidos em todos os espaços de qualquer comunidade. Portanto, faz parte da luta desses movimentos negros, a partir da década de 1970, a formação de professores e a implantação da história negra e sua cultura nos currículos escolares, como fatores contribuintes para o entendimento sobre a formação sociocultural, estruturação comunitária e econômica. Isso não se aplica, somente, nas atividades manipuladas pelos costumes urbanocêntricos, mas, também, nas atividades de práticas tradicionais encontradas nas comunidades ruralistas.

Segundo relatos dos entrevistados, coletados no quilombo de Umarizal, a Lei Nº 10.639/2003 vem, por meio da educação, explicitar a importância dos saberes tradicionais e o entendimento cultural de uma comunidade, enraizada para além das fronteiras de um quilombo, corroborados através de músicas, objetos, produtos agrícolas, produtos de extrativismo natural e outros, envolvendo as massas de comunidades vizinhas e as grandes metrópoles, onde, no contexto social, são fatores contribuintes para a formação de uma sociedade mista, enriquecida culturalmente.

Assim como outras comunidades negras encontradas nas zonas rurais, o vilarejo de Umarizal se apresenta como forte contribuinte entre os grupos negros que resistem às imposições das ações do homem branco em seu território comunitário, pois a luta não se restringe apenas ao reconhecimento racial, mas à existência do grupo, à efetivação da equiparação de direitos tanto dos que vivem dentro da comunidade, como dos que vivem fora dela. Portanto, as práticas tradicionais quilombolas, encontradas em Umarizal, se manifestam através da transmissão de seus saberes, praticadas nas roças, nas festividades, na culinária, nos ritos, nos mitos, na preservação ambiental, na crença, entre outras atividades referentes aos costumes negros.

As lutas divergem de grupo para grupo dentro da comunidade, a saber, grupo de religiosos, jovens estudantes, militantes sociais de causas sociais, causa ambiental do vilarejo, de produtores agrícolas e outros. Em cada parte do quilombo pode-se encontrar, de maneira estampada ou oculta, os saberes de uma geração, que se sustenta pela memória histórica de uma sociedade, fundada com propósitos de uma construção de um grupo com estabilidade em seus ideais políticos locais; logo, conforme os seus regimentos, com característica de conduta própria de sociedade, a comunidade sofre com os impactos da oscilação cultural, fazendo com que as atenções de vários quilombolas de Umarizal se voltem para os costumes tradicionais,

considerando sua preservação, mesmo ocorrendo fortes contatos fora dali, ou seja, nas comunidades circunvizinhas.

A conduta territorial do Estado-nação sempre foi acompanhada de conflitos e resistência de grupos sociais portadores de distintas lógicas territoriais, exigindo a visibilidade, por parte do Estado brasileiro, da existência de diversas formas de expressão territorial. Até hoje, tais grupos vêm demandando reconhecimento através de lutas sociais, principalmente na resistência ativa pelo direito a suas terras e na ressignificação (e não perda) de seus valores culturais e simbólicos. (CARVALHO E LIMA, 2013 p. 333).

Por mais que lutem para a preservação dos saberes tradicionais dentro de Umarizal, há, no decorrer do tempo, uma fragilidade, já que o contato com outros conhecimentos, em que a juventude quilombola adere às práticas e costumes, apresenta-se cada vez mais forte, e porque não dizer, enfraquecendo o laço de pertencimento, que foge do seu natural tradicional mediante a presença de tecnologias e costumes de outras sociedades, a partir de um contato externo com outros grupos e a facilidade de acesso às redes sociais.

Não se quer, aqui, condenar essas influências dos costumes atuais nesse remanescente, como algo prejudicial à cultura quilombola de Umarizal, uma vez que as pessoas desse mesmo quilombo utilizam tal ferramenta para a divulgação e a propagação de suas ações, canalizando, muitas vezes, para o entendimento da existência do povoado, os seus saberes e as suas lutas enquanto grupo sociocultural organizado, tentando se perceber dentro do reconhecimento de sua identidade cultural.

### 3.3. AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE UMARIZAL

A maioria das famílias que ocupam a comunidade Quilombola de Umarizal são originárias da própria comunidade, nascida e criada ali. Algumas delas, formadas a partir da interação entre comunidades quilombolas distintas, que encontraram em Umarizal a oportunidade de estabelecer moradia, mediante as oportunidades de qualidade de vida.

Para esta pesquisa, contou-se com a participação de uma família, formada pelo Hélio, 44 anos, professor de Geografia, tesoureiro da associação quilombola de Umarizal, oriundo de um quilombo em Itaquara, morador da comunidade há 20 anos; Antonete, esposa de Hélio, 47 anos, professora, aprendiz de parteira do quilombo, nascida em um quilombo próximo (Bailique) de Umarizal, ex-secretária da associação; Railúcia, filha de Antonete, 24 anos, nascida em Goianésia do Pará e criada em Umarizal desde o nascimento; e, Ronaldo, filho do casal, 20 anos, nascido e criado na comunidade, participante da juventude, mas sem participação ativa nas políticas da comunidade.

Há, também, o depoimento de outra família, que não tem influência política na comunidade. É formada pelo Mauro, 75 anos; Eugênia 65 anos, integrante do grupo de samba de cacete; e, Adonai, 35 anos, nascido em Umarizal, pescador. Além dessas duas famílias, teve-se a oportunidade de entrevistar uma pessoa que vive na comunidade, é descendente de quilombola, porém não se considera um quilombola por questões de posses territoriais. Entrevistou-se, ainda, quatro (04) sujeitos que lideram um grupo de preservação ambiental, ligada às castanheiras, no entorno da comunidade de Umarizal.

No que se refere ao aspecto educacional, constatou-se que todos os entrevistados chegaram a frequentar a escola. O nível de escolaridade vai desde a 4ª série do ensino fundamental até o ensino superior. Entretanto, percebeu-se que o ingresso ao ensino superior foi possível somente através de legislações específicas<sup>11</sup>, que dispõem vagas em processo seletivo para a inserção de quilombolas nas instituições de ensino superior.

No que tange à economia e geração de renda, Umarizal abarca diversas atividades que contribuem para a manutenção financeira das famílias da comunidade. As principais fontes são: agricultura familiar (produção principalmente de farinha, que se configura como a base econômica de toda a comunidade, uma pequena produção de arroz, milho, feijão; extração da castanha do Pará, em que há uma reserva preservada pela juventude); benefícios sociais: bolsa família, seguro defeso, aposentadoria; funcionalismo municipal e atividade comercial.

Para a família entrevistada, os saberes tradicionais têm importância por seu fator contribuinte na transmissão de conhecimentos, como garantia de preservação da identidade cultural do quilombo. Neste sentido, Dona Antonete relata que os saberes tradicionais

são aqueles saberes, aqueles costumes que nós adquirimos, né, dos nossos pais, dos nossos avós. Que hoje, graças a Deus, mesmo com luta, com a chegada da tecnologia, tem muita coisa que eu vejo que ainda tá sendo preservado, né? [...] as ervas medicinais [...] as "benzeções", que ainda temos mulheres que trabalham. Aquela história, que a criança tava bonitinha, aí, de repente, alguém deu um sorriso, não sei o quê, aí a criança ficou "mufina". Aí, leva pra aquela senhora, aí ela benze, aí tira o quebranto que eles falam, né? Também é puxar, fazer o parto tradicional, que eu também sou parteira tradicional. Já fiz vários partos, trabalhamos com as mulheres em casa, as mulheres ficam à vontade, nós fazemos aquele parto normal, sem precisar tá cortando, através da conversa, através da fomentação do chazinho, do chá verde. Tudo isso são saberes que nós adquirimos [...] é muito bom esses saberes, tem outras pessoas que trabalham com saberes tradicionais, é tecendo paneiro, né, e fazendo abano. É pouco, mas ainda tem alguém que tá com esses saberes que adquiriu do papai do vovô, né? A pesca artesanal, pescar de anzol, ainda continua, temos aqui na

---

<sup>11</sup> Legislação sobre políticas públicas de distribuição de cotas para quilombola. A saber, a vaga Universitária pelas cotas garantidas aos quilombolas, pautada na Lei Nº12.711/2012, regulamentada pelo Decreto Nº 7.824/2012, cursando enfermagem na cidade de Belém/PA.

nossa comunidade, mesmo evitando, mas ainda a gente vê, no inverno, menino fazendo aqueles carrinhos de lata de sardinha de lata de leite, pra andar aí na rua. (ANTONETE, Umarizal, 2017).

Como se pode observar, segundo relatos da dona Antonete, mesmo com a chegada da tecnologia, um dos fatores que dificulta essa transmissão de saberes, as práticas tradicionais ainda estão muito presentes no quilombo, porém, com um desgaste, uma desvalorização desse conhecimento, da transmissão desses saberes que, ainda

[...] acontece [...]. Só que, hoje, eu analiso a nossa juventude, que eles, muitas coisas eles não creem mais como era antigamente, né? Aí, eles não têm essa crença, eles não acredita. Um dia desses tava me perguntando: Porque era que, antigamente, a minha vó, e os meus tios contavam histórias que aconteciam no passado com nossos povos? Alguém tinha filho de cobra e outros de sapo, e se encantavam e, hoje, a gente não vê mais essas coisas. Eu não sei, até mesmo porque a palavra de Deus tá mais divulgado, tá mais claro, aí não crê nas lendas da cobra Norato, da Matinta Perêra e muita coisa que caiu, mas ainda existe. (ANTONETE, Umarizal, 2017).

Ainda na fala de dona Antonete, observa-se uma certa tristeza, ao discorrer que a crença em Deus também levou as pessoas a não mais acreditarem nas lendas, contadas pelos antigos; ela diz que não há mais encantamento nas histórias dessas personagens lendárias. A fala de dona Antonete é bastante incisiva e cheia de significados. Reflete as experiências arriscadas, criadas e recriadas pelos quilombolas através das aberturas culturais. Experiências arriscadas por conta da elevada probabilidade de se perder a tradicionalidade, uma vez que, às práticas cotidianas tradicionais são incluídos fatores externos, como, por exemplo, os costumes cristãos e/ou a inserção de aparatos tecnológicos na comunidade, preocupando expressivamente as famílias que se apoiam nos saberes tradicionais para perpetuar a cultura de um povo.

O relato da jovem Railúcia representa, de certa forma, a oscilação dos costumes:

No meu ponto de vista, tem muito jovem que valoriza, mas a maioria não tão valorizando[...], esses jovens daqui não tão se interessando, né, na cultura daqui, nos saberes. (RAILÚCIA, Umarizal, 2017).

Segundo o ponto de vista das famílias quilombolas, essa desvalorização acontece pelos fatores acima citados, trazendo constantes perdas dos costumes quilombolas, porém são encontrados com o passar do tempo com novas configurações. Inaelson revela que o abandono do costume tradicional quilombola se dá até na alimentação:

Nós, na verdade, nós abandonemos nossa cultura, desde a alimentação, a brincadeira. A alimentação hoje é tudo importada, tudo aqui vem do sul. Paramos de plantar nosso arroz, feijão. Tudo aqui, tudo é importado. (INAELSON, Umarizal, 2017).

A transmissão dos saberes ocorre por meio do repasse do conhecimento dos ancestrais, perpetuando-os de forma que a cultura, o solo, as pessoas, a fauna, a flora, entre outros elementos que constitui a territorialidade do quilombo, tenha significado diante da representação da comunidade. Neste segmento, Diegues (2000, p. 33) define conhecimento tradicional como "o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração".

Assim, pode-se analisar, através dos relatos e observações realizadas no quilombo, que ainda acontece essa transmissão por meio da oralidade, por meio das atividades (ver Figura 23).

Figura 23: Lanche da tarde em Umarizal.



Fonte: Figura produzida pelo Pesquisador, 2018.

Por mais que muitos dos remanescentes de quilombolas resistam a essa transmissão, trocando os saberes tradicionais pelos saberes científicos, ainda há muita tradicionalidade na comunidade, inclusive na alimentação observada na Figura acima. Cunha (2007) distingue um saber de outro quando fala que

o conhecimento tradicional opera com unidades perceptuais. Opera com as assim chamadas qualidades segundas, coisas como cheiros, cores, sabores... No conhecimento científico, em contraste, acabaram por imperar definitivamente unidades conceituais. (CUNHA, 2007, p. 79).

Assim, o lanche registado na Figura traduz muito da tradição, pois é feito pelas famílias umarizalenses de forma artesanal, desde o cultivo da mandioca até a produção da farinha de tapioca, do biju de farinha d'água e o café. Quando perguntados sobre quais os saberes tradicionais que caracterizam a comunidade quilombola do Umarizal, a família

entrevistada respondeu, quase que unanimemente, que o manejo, o arado da terra, a confecção de "paneiro" e o extrativismo da castanha estão entre as atividades no quilombo.

As culturas que eles deixaram, samba de cacete, os costumes deles fazerem remédios de plantas medicinais que passaram pra gente e, também, mexer com lavoura as roças plantações[...] (RAILÚCIA, Umarizal, 2017).

Além da produção do remédio caseiro, né? E o plantio da mandioca é pouco, mas fazem ainda o plantio do milho, a lavoura branca, é pouco, mas fazem ainda, a mandioca, o arroz, poucos também a pimenta. Algumas pessoas também o açaí, eles tão cultivando agora, mas também são poucos, não é aquele cultivo intenso, é pouco. (HÉLIO, Umarizal, 2017).

É, tem algumas coisas que ainda se encontram aqui na comunidade, assim como remédio caseiro, tem pessoas que ainda fazem. (JÚNIOR, Umarizal, 2017).

Portanto, é percebido fortemente que a lavoura de subsistência em Umarizal e comunidades vizinhas (também quilombolas) é uma prática comum, um saber adquirido no dia a dia, por meio da necessidade obrigatória de seus subordinadores escravistas, voltados para o capital, que nos séculos XVI, XVII e XVIII, trouxeram para os povoados de quilombos saberes que são considerados tradicionais, por conta do enraizamento na ancestralidade.

Essas comunidades, formaram-se, originalmente, a partir da fuga de negros das fazendas, da região que tinham como produto principal a mandioca para a produção de farinha, o que a fez tornar-se, ao final do século XVIII, a principal abastecedora dessa mercadoria (PERES, 2009, p. 02), principalmente entre os quilombos formados desde o regime escravocrata no Brasil.

Como se pode notar, a comunidade de Umarizal está cercada de atividades que a caracterizam como quilombo. Sabe-se, contudo, que as influências externas tendem a sufocar esses saberes. Por exemplo, a ausência de interesse que a maioria dos jovens apresenta pela aquisição desse saber-fazer, deve-se à falta de capital gerado por essa atividade. Neste contexto, alguns jovens optam por deixar a comunidade e procurar trabalho na cidade, em busca de melhores salários e condições de vida.

Outro fator que leva os jovens a migrar para a cidade é a ausência de uma estrutura educacional adequada na comunidade. Todavia, há, também, jovens que desistem de ascender numa educação formal e decidem permanecer no quilombo, influenciados por uma força interior que, de modo sutil, leva à perpetuação dos saberes da ancestralidade; até porque, segundo relatos de dona Aldenora,

nossos saberes, dos nossos quilombos é importante porque nós moramos numa comunidade sem, digo assim, carente de médicos. Não temos enfermeira [...] e muitas

das vezes uma "doencinha", até mesmo uma dor de barriga, que nós podemos resolver com uma erva medicinal e, a gente tendo esse conhecimento, a gente já vai lá no quintal, pega, ferve, faz aquele chazinho, já resolve o "pobrema". Às vezes uma mulher fica até enrascada pra ter um filho, aí a gente vai lá, fez o pré-natal? A gente pergunta logo o que o médico disse. – Não, pode ter normal. Então vamos fazer. Já evita aquela despesa de ir pra Tucuruí ou Cametá. Então, acho muito importante esses saberes, esse conhecimento que dentro da comunidade convivemos no quilombo, sem acesso com a medicina. É muito importante nós ter esses saberes, muita coisa a gente resolve aqui sem precisar sair do nosso quilombo. (ALDENORA, Umarizal, 2017).

Isto posto, através das observações e relatos, pode-se constatar a caracterização de uma comunidade quilombola no território de Umarizal, estabelecendo relação com seus ancestrais através de conhecimento tradicional, que, por sua vez, oferece sustentação às práticas naturais no cotidiano, dentro do remanescente quilombola. Portanto, não foi possível, durante esta pesquisa, verificar jovens aprendizes sobre a prática de parteira na comunidade, havendo somente pessoas com idade mínima, relacionadas com essa prática, a da entrevistada, conforme destacou-se acima.

Apesar dessa atividade de parteira ser ainda existente em Umarizal, não há, no momento, interesse por parte da juventude umarizalense, de acordo com os relatos também de Dona Marciana, sendo ela uma das mais velhas das parteiras que perpetua o parto tradicional no vilarejo.

Dona Aldenora, além de exercer a prática de parteira, leva consigo outro valor muito característico das comunidades de quilombolas no Brasil. Tem como prática comum, natural, preparar remédios com plantas nativas da região da comunidade. Sendo uma das poucas pessoas, dentro do vilarejo, a fabricar remédios caseiros para entregas dentro e fora de Umarizal.

Dentre tantos indivíduos que compõem o quadro de sujeitos desta pesquisa, procurou-se por alguém que, em meio a tantas características afrodescendentes, não se considerasse parte integrante da identidade quilombola. Conseguiu-se, então, uma entrevista com seu Romualdo da Conceição Miranda, de 66 anos, nascido em Boa Vista, vizinhança de Umarizal, mas morando no remanescente de quilombo de Umarizal há 55 anos. É professor aposentado pela Secretaria de Estado de Educação do Pará – SEDUC/PA.

Em seu relato, seu Romualdo, que se considera um individual<sup>12</sup>, diz que decidiu se tornar individual por questões pessoais:

---

<sup>12</sup> Individual é aquele indivíduo que mora na comunidade, vive o cotidiano e as atividades, mas ainda assim, não se considera parte integrante da identidade quilombola. Tal conceito só pode ser discutido, se o indivíduo se considerar um ser fragmentado, adquirindo “contradições no seu interior que têm que ser negociadas” (DA SILVA, 2000, p. 14).

É porque imaginei assim: o quilombola, pensando primeiro na agricultura, né, eles fazem um título pra todo mundo, né? É um título coletivo, que todo mundo pode perceber dos valores dele, né, mas dá um trabalho pra pegar uma declaração, um negócio assim. Se eu tô em Belém, por exemplo, pra fazer um negócio com o meu lote, eu não vou poder, tem que vir aqui, com a presidência pegar uma declaração, provar que eu sou quilombo, né? Eu imaginei isso, aí eu pensei ter um título só meu pra me dirigir, né? Entendeu?

E, até certo tempo, aqui no Bailique-centro, eu tive título definitivo de individual, né, deram o coletivo e saíram também muitos individuais, né, mas quando chegou aqui, pra gente que ainda não foi titulada a área até hoje, já tive certas combinações pelo Iterra. Eles decidiram que quem está em território quilombola, não podia mais titular, entendeu, individualmente. Então, eu tô assim, eu já tava aí como individual e fiquei assim, continuei como individual, não vou ter o título da minha área, mas eu vou ter o direito da onde eu tô cultivando, né? Ficar com elas até o resto da minha vida. Eu posso vender também, não tem problema, não a terra, mas eu posso vender o que eu fiz na terra, por exemplo, as benfeitorias, né? Valoriza e faz o valor e vende. O território é quilombola, né, quando for titulado, né, no momento ainda é do estado, né, é do governo. (ROMUALDO, Umarizal, 2018).

Percebeu-se, no relato acima, que o que torna seu Romualdo um individual está relacionado apenas às questões burocráticas, das posses de terras, mas quando pergunta-se sobre suas atividades, sobre sua participação nas atividades da comunidade de Umarizal, ele responde que participa como se não fosse um individual, e que as pessoas que o conhecem não se dão conta dessa divisão.

Eu me sinto bem aqui, eu tenho uma casa que é minha, né? Eu tenho duas aí, que é do monte, porque eu e a mulher, nós se separamos aí há três anos atrás, e até hoje ninguém dividiu nada, né? [...] os quilombolas, como eu lhe falei, todo mundo é meu amigo, o que eu puder ajudar, eu ajudo, né? Eu nunca parei de ajudar, né? Não sou vereador, não sou prefeito, não sou nada, politicamente. Eu sou político, né, eu tenho vínculo no PSC, inclusive eu sou o primeiro secretário do partido, mas eu não sou, por exemplo, excluído, né? Todo mundo gosta de mim, não tenho nenhum rival, graças a Deus. (ROMUALDO, Umarizal, 2018).

Seu Romualdo participa das atividades no remanescente de Umarizal, sem divergências com outros moradores, está secretário do partido PSC e já foi vereador em Baião. E, segundo relatos, fez benfeitorias na comunidade. Acredita, ainda, que os saberes quilombolas se fazem presentes no cotidiano do remanescente de quilombo de Umarizal. Pode-se perceber, em seus relatos, que esses saberes são importantes para a continuidade das características do referido remanescente, incorporando a identidade quilombola.

Aqui no Umarizal, tá, porque sempre eu assisto por lá, né, a gente vê mocinha de 12, 10, 15, 14 anos, rapazinho também lá no meio, né? Fazem a vestimenta delas, eles tão lá, entendeu? Estão se adaptando, porque no futuro são eles que vão ficar, né? Então, aqui no Umarizal, não sei nas outras comunidades, que tem nos calados no igarapé preto, tem na baixinha, parece que tem, não sei lá se eles tão fazendo esse serviço, aqui no Umarizal eles tão, eu já vi várias vezes. (ROMUALDO, Umarizal, 2018).

Em suas narrações, seu Romualdo evidencia o saber do samba de cacete, que é visto como principal atração no festival quilombola. Nessas apresentações do samba de cacete, há a participação de indivíduos de diversas idades, que vai desde a infância até a terceira idade. O entrevistado diz que quem não participa dançando, vai assistir às apresentações.

Nessas informações e nas observações realizadas, notou-se que, na realidade, o que torna seu Romualdo um individual é apenas a questão territorial. Pois, influencia e é influenciado pela cultura do remanescente de quilombo de Umarizal, onde se apresenta como morador ativamente articulado com as questões quilombolas e, ainda, busca melhorias para a comunidade.

#### 3.4. ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO UMARIZAL

Ainda nesta pesquisa, foi entrevistado também uma liderança da comunidade, o senhor Narcísio Vieira, atual presidente da Associação (ACORQBU), de onde demandam ações por meio de discussões levantadas pelos diretores e sócios dessa instituição, em prol da comunidade. A associação desse quilombo também é responsável em promover atividades econômicas em seu território quilombola, e acompanhar práticas esportivas, educação escolar, eventos dentro da comunidade, como o festival quilombola, que ocorre há sete anos, no mês de setembro, sendo uma variação de um evento religioso da própria comunidade, aspectos já citados anteriormente. A associação é, também, canal de viabilização de benefícios do estado e do governo federal para os seus sócios e comunidade em geral, tratando-se de investimentos agrícolas.

A instituição vai de encontro, também, aos interesses identitários, pois o reconhecimento do remanescente como quilombola deixa claro a continuidade de um grupo, de uma cultura, de uma raça e de um território, sendo características de pertencimento como elementos básicos defendidos pela associação de Umarizal (verificar Figura 24, abaixo).

Figura 24: Associação das Comunidades Remanescentes Quilombola do Umarizal.



Fonte: Figura produzida pelo pesquisador, 2017.

A associação desse remanescente é patrimônio comunitário não somente de Umarizal, mas, também, atrelada a outras comunidades vizinhas, sendo elas quilombolas, a saber, as comunidades de São Florestão, Igarapé Preto, Bailique, Santa Luzia e Joana Peres, onde formam uma sociedade generalizada em busca de recursos destinados às comunidades situadas nas zonas rurais.

Essas entidades associativas de quilombolas incorporam, fortemente, características do remanescente de Umarizal, por ter a sua diretoria formada pelos próprios quilombolas umarizalenses, e por estar a sede no próprio povoado de Umarizal. Isso trouxe para esta pesquisa o interesse de compreender melhor que essa entidade pode, sim, ser influenciada pelos saberes tradicionais da comunidade, onde são encontradas forças para a preservação dos hábitos quilombolas tradicionais, por meio de lutas unificadas desses povoados.

O movimento social não tem fronteiras bem delimitadas, mas percebemos sua expressão principalmente através das entidades organizadas, como é o caso da CONAQ que, de certa maneira, representa, a nível nacional, a mobilização das comunidades quilombolas. Essas entidades auxiliam na observação de uma mobilização social, facilitando a compreensão das estratégias de ação do movimento e suas formas de organizar para a luta. Mas, sabemos que o movimento não é restrito ao lócus institucional, ou seja, da organização prévia da entidade. O movimento quilombola acontece em cada disputa local, em cada pronunciamento público de quilombolas referente à sua luta e em cada novo direito legal instituído. (PERES, 2009, p. 07).

A associação, além de se tornar um elo de ligação entre as comunidades quilombolas aos arredores de Umarizal, também é uma instituição defensora de seus interesses econômicos, sustentada por meio dos recursos extraídos da natureza, podendo negociar com os quilombos vizinhos, sendo uma prática comum, desde o período das formações dos primeiros quilombos no Brasil.

E, ainda sobre o referido saber tradicional, presente em Umarizal, o senhor Narcísio Vieira, enquanto presidente da associação quilombola, traz à tona, em virtude das eventualidades existentes na comunidade, a tentativa de resgatar os valores culturais, já quase esquecidos pelas gerações mais novas, ou seja, a juventude de Umarizal, a prática de rito, trabalho na roça, serviço em casa, movimentos estudantis, festividades e outros que identifiquem facilmente o atrelamento e a importância dessa instituição para os cuidados de preservar a memória ainda encontrada em objetos, pessoas, arquitetura e em qualquer parte onde se possa encontrar informações relacionadas à historicidade dessa comunidade para a atualidade desse povoado, no referido contexto dos saberes tradicionais.

Os cuidados para com as políticas de direitos, por parte da associação quilombola de Umarizal, procuram se alinhar com novas informações nas instituições municipais, estaduais e federais a respeito dos direitos dos quilombolas, que escoam pelos benefícios propostos por Leis, decretos e regulação aos remanescentes de quilombos e outros, trazendo aberturas de direitos sociais aos negros que compõem a sociedade brasileira, fortalecendo a luta da causa negra, numa contextualização de práticas ancestrais nas comunidades específicas, relacionado à territorialidade conquistada e defendida por uma organização política, através de uma instauração institucional moderna, tendo esta como entidade de organização civil, a associação.

Com todos os esforços da diretoria do remanescente de quilombo de Umarizal, na tentativa de mostrar a todos os benefícios da entidade para com a população do vilarejo, ainda há pessoas dentro do quilombo que não se consideram quilombolas, pois não querem se enquadrar nas regras instituídas pela associação.

### 3.5. MOVIMENTOS DE MANUTENÇÃO DAS IDENTIDADES QUILOMBOLAS

A juventude de Umarizal experimenta novas oportunidades em diversas áreas do conhecimento, desde o saber tradicional até o científico. Enquanto alguns desses jovens optam pelas práticas tradicionais dentro do quilombo, outros, em sua maioria, enveredam pela busca do saber científico. Ingressam em Universidades pelo Brasil, no intuito de construir um

futuro cheio de oportunidades inovadoras, porém, sem deixar de lado sua identidade quilombola. Outros, ainda, vão em busca de melhoria para a comunidade, através de instruções adquiridas por meio de estudos realizados nos diversos campos de conhecimento, transformando o meio em que vivem.

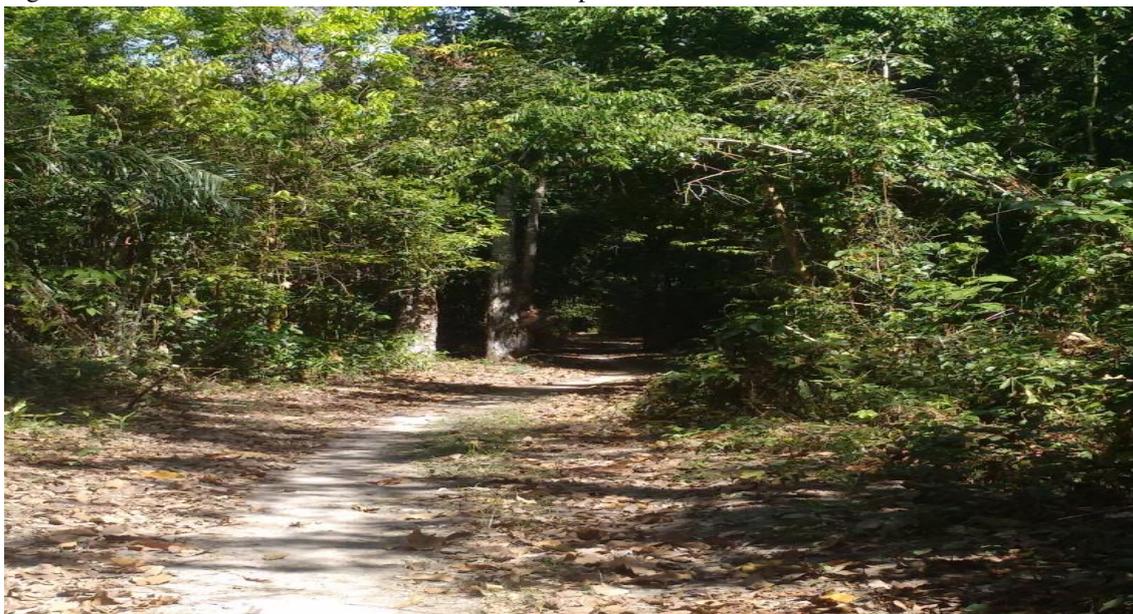
Esta pesquisa contou com a participação de quatro (04) sujeitos que lutam pela melhoria do quilombo. Gustavo, de trinta e três (33) anos de idade, professor do quilombo, líder do grupo de jovens que defende uma reserva de castanheira dentro da comunidade; Augusto, trinta e três (33) anos, funcionário público, trabalha no transporte escolar; Fredson, vinte e cinco (25) anos, cursa pedagogia pela UFPA, no campus de Cametá; e, Inaelson, trinta e dois (32) anos, nascido e criado no quilombo; esses dois últimos são fruto da quarta geração de um dos fundadores do quilombo "o Paxibal", conhecido como Sinfrônio.

Durante alguns anos, esses quatro jovens fazem parte de um grupo de preservação que luta pela conservação de uma reserva de castanheira, localizada dentro de Umarizal. O grupo é formado por cerca de vinte (20) jovens, representados pelos quatro citados acima, que faziam parte da extinta UNERT, como relata Gustavo:

A UNERT, a gente peguemo essa sigla porque, antigamente, era a União dos Estudantes da Região Tocantina, né? Mas ela foi extinta, ela acabou, né, é o movimento estudantil aonde se reunia cada município desse, né? Baião, Mocajuba, Cametá e Oeiras. E aí reunia, fazia eventos, né, pra reunir os jovens pra debater sobre a educação pra jovem, né? Aí, como foi extinto, né, a gente pegou esse nome porque já fazia parte, a gente adotou esse nome pra continuar o movimento aqui, né? A gente pegou esse movimento em prol das castanheiras, né? E aí a gente não quis mudar. Como entrou no documento que a gente fez em prol da câmara de Baião, né, se tornou lei aí, o nome ficou UNERT, né? A gente não quis mudar, permaneceu a UNERT. (GUSTAVO, Umarizal, 2017).

Como observado no relato, havia uma participação da juventude que lutava em prol de uma educação para jovens do interior. A partir dessa participação, houve o interesse pela proteção ambiental dentro do quilombo. A ambição de melhoria de vida da população de Umarizal os fez entrar nessa luta em defesa do castanhal que, em tempos atrás, fez parte da fonte de renda da comunidade em geral (analisar Figura 25, abaixo).

Figura 25: Entrada para reserva do castanhal.



Fonte: produzida pelo pesquisador, 2017.

A reserva das castanheiras tem sido motivo de preocupação para os moradores de Umarizal. Os representantes da UNERT lutam e relutam para que a mata não seja disseminada, pois:

Essas comunidades historicamente sempre procuraram conviver harmoniosamente com a natureza, fazendo das matas o seu espaço de liberdade. E como estas comunidades ocuparam um ambiente costeiro, mantendo suas tradições no uso deste espaço, vê-se o quão importante foi para a preservação local. (SILVA, 2003, p. 03).

Assim como em Umarizal, nos povoados vizinhos e em outros espalhados pelo Brasil, é notória a dependência pelos recursos naturais até hoje. Porque "essas comunidades viviam, em grande parte, da plantação de subsistência ou da extração de recursos naturais para seu sustento". (PERES, p. 2). Isso traz à discussão uma certa preocupação por parte de uma clientela jovem, ainda interessada em mergulhar nos conhecimentos tradicionais através do meio ambiental, cuja territorialidade marca fortemente a identidade desses quilombolas, sendo dependentes de um espaço para a manutenção da prática de seus saberes, caracterizando a sua própria cultura.

É uma herança, que, antigamente era forte. Era um dos meios de economia, né, além da cultura da roça que era mermo bem forte aqui, todo mundo tinha roça, e outra fonte de renda era o castanhal, né? Desde criancinha, a gente, os pais da gente, já bora pro castanhal. Saía cedo, e aí ia 5 horas. Como era muita gente, toda essa área aqui era praticamente castanhal. Eu falo que eu, hoje, eu vou no castanhal, assim, pra fazer uma vistoria, né, na área, né, e a gente não vai mais pra ajuntar castanha pra vender, não. Vai, às vezes, tá com vontade de comer, né, mas não mais aquela influência, né, como cultura. Naquela época, todo mundo ia pro castanhal, aí a gente se encontrava

um monte de gente, era uma cultura, né, e era a economia, né? (GUSTAVO, Umarizal, 2017).

O castanhal, que um dia foi fonte de renda para muitos moradores do remanescente de quilombo de Umarizal, agora corre um sério risco de ser extinto. No entanto, através das lutas desses sujeitos, essa devastação poderá ser minimizada. A preservação do castanhal, segundo os relatos, também constitui um modo de disseminação da identidade quilombola que está enraizada na personalidade desses jovens. Quando indagados a respeito de suas características identitárias, responderam com veemência que se consideram quilombolas, não apenas porque nasceram no quilombo, mas sim pelo fato de pertencerem a uma linhagem quilombola.

Sim, me considero quilombola pela razão da minha raiz, né, que foram todos quilombolas. A gente já veio dessa linhagem, né, os pais da gente, os avós, antepassados que eram quilombola, né, e hoje nós somos descendentes dessa linhagem, né? Então eu me considero quilombola, sou registrado como quilombola, então eu faço parte dessa linhagem aí. (GUSTAVO, Umarizal, 2017).

Considero-me quilombola, aqui é nossa raiz né, nossos avós descendentes, a gente defende nossa raça, nossa cor. A gente sempre tá debatendo. As pessoas querem criticar e a gente vai e diz: - Não, quilombola é isso, isso e isso. (AUGUSTO, Umarizal, 2017).

Falar que é quilombola é muito fácil, né, mas ser quilombola não é só falar em quilombola pra ser quilombola, tem que defender sua origem, manter a cultura [...] ser quilombola, falar que é quilombola, agora, agir, defender sua natureza é meio complicado. (FREDSON, Umarizal, 2017).

Verifica-se, nas falas dos entrevistados, que, além de pertencerem à comunidade, esses sujeitos defendem suas raízes como sendo um legado. Geertz (1997), em uma de suas onze definições sobre cultura, versa a respeito do “legado social que o indivíduo adquire do seu grupo”, que é um dos elementos que os constituem como grupo. Dentro desses elementos que os caracterizam como parte do quilombo, estão os saberes tradicionais e, quando se tece comentários a respeito de saberes perpassados de geração em geração, entende-se que os jovens precisam ter ciência desse conhecimento. De outro modo, os saberes caem em desvalorização, descrédito, impedindo a transmissão e perpetuação do saber-fazer.

Para os jovens entrevistados, esses saberes foram perdendo o sentido, e atribuem esse fato à falta de interesse da juventude pela cultura que foi deixada por seus antepassados, à transformação tecnológica, à mudança de hábitos, além da tímida participação dos pais em repassar os saberes.

Não nos interessamos mais, né, pelo que eles aprenderam, pelo que eles viveram, o que eles deixaram pros nossos familiares repassarem pra cada um de nós, né? Porque, dentro de uma cultura, nós temos que repassar de um pra um, né? Como o colega falou, somos de uma geração da quarta geração, já dos nossos antepassados, onde nós pegamos poucas coisas, poucos costumes que eles deixaram, né, pelo fato de as famílias não nos ensinarem como era que eles viviam, então. E hoje, quer dizer não totalmente, mas a maioria das culturas que vieram, né, foram se perdendo por esse fato, né, por a gente não se interessar pelos costumes que eles tinham antigamente, né? Então, a nossa comunidade aqui, como nós jovens, né, a linhagem que nós se interessamos mais um pouco, buscamos essa cultura, levar ela aos jovens, né, esse interesse de não perder essa linhagem pelo fato de nós sermos quilombolas. (GUSTAVO, Umarizal, 2017).

Aqui, muitas culturas aqui que foram se perdendo, de primeiro a gente via a cultura. Aqui, quando eu era criança, a gente fazia dessas mangas peca, né, fazia aqueles boizinhos pra brincar, cortava essa forquilha, fazia boneca, botava cabelo, e de lata, cortava e fazia carrinho. Hoje em dia, é muito difícil a gente ver uma criança tá brincando assim, eles brincam com carrinho assim que compra na loja, então um barquinho aqui e fazia, pegava aquele gerador de som quando bandalhava, fazia a palhetinha de plástico, pegava um isopor, fazia, corria na água, assim bacana. Agora a gente não vê, muito difícil, agora são só internet, celularzinho avançado, aí a cultura vai se perdendo. (INAELSON, Umarizal, 2017).

O que eles falaram aí é de boa importância, mesmo com a chegada da internet os nossos adolescentes, as nossas crianças, daqui, ficaram bastante fragilizadas. Eu ainda sou da época que eles disseram aí, do barquinho, do carrinho de lata flutuante, o barquinho com gerador de som. O gerador era um motorzinho, a gente pegava a palmeira do miriti e fazia barquinho e hoje, a gente já não vê mais isso, acabou mesmo a ligação. As redes sociais facebook, WhatsApp e aí tá levando as pessoas também a ficarem muito sedentárias, pararam de praticar esporte, jogar pelada, só alguns ainda frequenta, o resto é Playstation e outras dádivas da tecnologia. (AUGUSTO, Umarizal, 2017).

Nas narrações acima, pode-se observar o ponto de vista dos entrevistados, em que, para eles, há uma interferência nas práticas e também na transmissão desses saberes. No entanto, permanecem essas práticas, esses saberes, com suas modificações, de forma reorganizada para adaptação do meio. Ainda que isso tenha sido relatado, aparecem, entre uma fala e outra, algumas ações praticadas por seus antepassados, constituindo-se em saberes tradicionais, por exemplo: produção de farinha, plantio da mandioca, confecção de artesanato como paneiro, abanos, entre outras atividades características do cotidiano quilombola que, ainda que pouco frequentes, são práticas observáveis.

Se a gente não tiver cultura, a gente não é nada, aí, tem que cultivar a cultura pra continuar forte. Se nossos pais não repassassem pra nós, eu não sabia de onde surgiu, né, como foi pra surgir o Paxibal, porque surgiu [...], isso, nós vamos passando pra todos os que vão nascendo, futuramente, ele vai passar pra frente. Agora, se ele vai querer seguir o que nós seguimos é uma questão dele. A gente tenta repassar pras outras pessoas o que aconteceu, como surgiu o Umarizal, o Paxibal, porque foi que surgiu. Porque não adianta a gente ser quilombola por benefício que o governo dá. Tem que ser quilombola pelo que aconteceu com nossa história, identidade. (INAELSON, Umarizal, 2017).

Como qualquer comunidade quilombola, dá pra ver um cantinho da África. Só que, aqui e em outros lugares, está fragilizado por causa da tecnologia [...], aqueles traços afros. Talvez aqui, o que resistiu a sociedade foi o modo de fala ainda é o mesmo costume de fala, "boca da noite", por exemplo, falamos "buca da noite", ainda é um traço razoável, que a gente ainda tem, só pequenas linhas resistiram. (FREDSON, Umarizal, 2017).

Nesse contexto, a realidade da juventude de Umarizal envolve, de uma maneira geral, uma interrupção das práticas e também da transmissão dos saberes tradicionais, de maneira mais consistente, levando à perda de muitos desses conhecimentos, de acordo com as falas dos jovens entrevistados. Porém, não são escassos esses conhecimentos, e sim oscilantes com o passar do tempo, levando novas práticas carregadas com a essência tradicional. E é exatamente essa essência cultural que os torna seres, culturalmente, envoltos em suas práticas, com identidade própria.

Todos os seres são classificados em [espécies]. Cada [espécie] é definida segundo sua [natureza] particular e código [comportamental] e esses são considerados inseparáveis um do outro. Como consequência dessa premissa cultural [...]. (GEERTZ, 1997. p. 44).

Ressalta-se que, durante as observações realizadas, pode-se perceber a presença de várias práticas remanescentes de quilombola que ainda influenciam a juventude, por exemplo, o samba de cacete, resgatado pela comunidade como forma de recuperação da identidade afro, porém não têm o mesmo rito como realmente acontecia entre os fundadores do vilarejo. Portanto o samba de cacete é, sim, uma tradição do remanescente, recebendo a configuração quilombola, mesmo tendo perdido parte de suas práticas.

Durante a chamada festa da Trindade, realizada pela comunidade católica do quilombo, demonstram-se nas danças, nas comidas típicas do quilombo, entre outros saberes tradicionais, o resgate dessa identidade afro, partindo para uma variação, que já acontece há seis anos, sendo conhecido como o festival quilombola de Umarizal. Esse festival se tornou o principal evento dentro da comunidade, atraindo várias pessoas de vilarejos circunvizinhos e de outros municípios, significando, para muitos, uma tradição da comunidade.

A religiosidade cristã é a predominante prática religiosa pelos umarizalense, em que as aplicações do catecismo católico, no período da colonização portuguesa no Brasil, foi a principal motivação das mudanças de ritos espirituais dos negros a seguirem outros conhecimentos religiosos, levando-os ao ponto de práticas afros serem quase imperceptíveis em Umarizal.

Durante esta pesquisa, não foi possível detectar atividades religiosas afros, ligadas a grupos, ou de forma individual, que ocorresse dentro de suas casas ou em terreiros, sendo praticadas por parte dos moradores desse povoado. No entanto, nos objetos, nas crenças, no falar das palavras, nas rezas e outros, confundem-se com ritos afros ligados à religiosidade, encontrados também no preparo de banhos de simpatia e outras crenças, misturando-se com a miscigenação;

[...] como acontece com as parteiras e benzedoras ou experientes, que aglutinam ao seu redor a gratidão daqueles, os quais ajudou nascer ou "vim ao mundo" ou ainda daqueles que com chá de alguma erva ou casca de pau medicinal curam-lhe o mal do corpo ou então, mediante benzeção, conseguem aliviar o peso do espírito e afastar as forças do sobrenatural. Fatos estes que acabaram delegando a essas mulheres um certo misto de saber e poder. (PINTO, 2004 p. 78).

Foram identificados apenas dois grupos, a católica e a evangélica, levando à intriga concepção sobre esse contexto, por se tratar de um remanescente de quilombo.

Como tradição, carregada pela maioria da comunidade de Umarizal, a festa de Nossa Senhora da Trindade, sendo esta padroeira do quilombo, conta-se como uma das maiores programações desses quilombolas. É seguido de procissões, feitas por água e por terra, em que muitos seguidores, devotos da santa, acompanham todos os anos esse evento, não sendo apenas de Umarizal, mais de outros quilombos, às proximidades do vilarejo.

Conclui-se, aqui, este capítulo, manifestando que os saberes de uma comunidade recebem injeções de mecanismos, criados com o passar do tempo, já citados aqui, a saber, a globalização por meio de novidades tecnológicas e a chegada de novas ideologias culturais e identitárias. Percebe-se, ainda, nos relatos dos entrevistados, que mesmo aquilo que é considerado tradicional, no sentido dos costumes dos remanescentes quilombolas em Umarizal, são fatores oscilantes, deixando de se tornar cem por cento rústico tradicional.

Ateve-se, aqui, em analisar "o comportamento e, com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento - ou mais precisamente, da ação social - que as formas culturais encontram articulação". (GEERTZ, 1989, p.27). Assim, encontrou-se os saberes presentes nos objetos de pesca, nos brinquedos, nas lavouras agrícolas, nas festividades e outros, onde estão imbuídas as práticas dentro e fora das casas desse remanescente de quilombolas.

Para melhor compreensão do contexto de transmissão e, fazendo uma comparação no âmbito bioantropológico, no sentido de permanência, mesmo ocorrendo fusões de elementos distintos no meio, diga-se que, assim como a miscigenação entre os indivíduos altera no seu genótipo e no seu fenótipo, o filamento do DNA não perde o seu direcionamento do seu caminho de permanência e continuidade, característico de uma espécie; assim é também a

tradição de saberes, ao se fundir com novas configurações culturais, havendo contribuições positivas ou negativas em um grupo social, podendo desenvolver novos comportamentos identitários em cada sujeito participante desse grupo.

No âmbito social da comunidade de Umarizal são encontrados saberes transmitidos de geração em geração, sem que até mesmo os mais jovens da comunidade percebam que a ancestralidade de sua linhagem está ali, presente, na sua vivência social, em seus “costumes”.

O dano causado pela palavra “costumes” na antropologia, onde seu uso fez com que os produtos do pensamento passassem a ser simplesmente considerados “hábitos”, só pode talvez ser superado pelo dano que causou na história do direito, onde os produtos do pensamento eram vistos como “práticas”. (GEERTZ, 1997. p. 65).

O tempo se encarrega de evoluir ou substituir práticas, conforme as necessidades dos indivíduos, de maneira facilitada nas atividades rotineiras de um grupo social humano, onde a criatividade lapida cada parte observada nos itens oferecidos pelos relatos, segundo as análises, também, dos trechos de imagens das fotos e vídeos, de documentos, nos objetos de uso pessoal e de parte do cenário local do vilarejo de Umarizal. Mas:

Necessitamos, no final, algo mais que saber local. Precisamos descobrir uma maneira de fazer com que as várias manifestações desse saber se transformem em comentários umas das outras, uma iluminando o que a outra obscurece. (GEERTZ, 1997. p. 90).

Portanto, a herança cultural, percebida nos saberes, deixados pelos ancestrais de Umarizal, não mais é encontrada preservada de forma intocável e inalterável, mas preservada conforme o tempo a permite existir sob as necessidades atuais da comunidade, na observância da importância da manutenção da identidade cultural do quilombo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou, à luz dos teóricos levantados, assuntos pertinentes aos saberes presentes no remanescente de quilombo de Umarizal, numa discussão analítica sobre os saberes tradicionais, que não são só encontrados nos costumes e nos objetos imbuídos no âmbito social, mas, também, na territorialidade de pertencimento da comunidade. E apoderar-se desse território é, para a comunidade de Umarizal, a consolidação de uma tradição que marca o grupo desses remanescentes como quilombo, num contexto de territorialidade onde o grupo é identificado culturalmente pela demarcação identitária, carregada de aspectos tradicionais, como cultura, religião e costumes, em que os saberes se configuram na transmissão de geração em geração, sem o risco de serem extintos pelas novidades da globalização.

É importante frisar que esta investigação se fortaleceu por meio de um estudo a respeito da história dos povos tradicionais afros no Brasil, carregada de lutas e resistências durante o período escravocrata na colônia portuguesa, nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX; uma povoação que desenvolveu mecanismos de sobrevivência em meio a sertões e matas atlânticas brasileiras. E, assim, às margens de igarapés e rios, surgiram os grupos quilombolas, tentando resgatar, por meio de ritos, mitos, culinária, construções de casa e objetos, parte de sua cultura afro-brasileira, que, de forma fundamental, foi de suma importância para a existência desses remanescentes de quilombolas, que estruturaram o seu cotidiano com base em seus saberes tradicionais.

Averiguou-se que os saberes tradicionais da comunidade Quilombola do Umarizal, objeto desta pesquisa, são encontrados na medicina natural, como nas plantas e raízes usadas para remédios caseiros; nos trabalhos de partos realizados em casa; nas danças e músicas com instrumentos da cultura afro-brasileira; no preparo da terra para a agricultura de subsistência; na culinária, etc.

Sobre a juventude quilombola da Comunidade do Umarizal, há de se ressaltar que esses jovens são responsáveis pela retomada dos saberes de seus ancestrais, salvaguardando todo um legado cultural, que, apesar da globalização cultural e de toda uma oscilação da cultura dos povos tradicionais, vêm se mantendo num processo histórico de resistência e luta dos afrodescendentes da comunidade quilombola do Umarizal.

Observou-se, durante a pesquisa, que os saberes são expressados através de diversas manifestações. Elencou-se, para este trabalho, cinco categorias de saberes que caracterizam a comunidade como sendo um grupo social que tem suas singularidades presentes no seu cotidiano. Ou seja, cinco saberes que são “os códigos simbólicos para interpretação e

negociação dos eventos da vida cotidiana” (MCLAREN, 1992 apud SÁ, 2014, p. 39), são eles: 1 – a atividade de parteira; 2 – a produção de remédios medicinais naturais; 3 – a lavoura agrícola; 4 – o extrativismo natural; e, 5 – o samba de cacete.

Por meio de outros trabalhos que inspiraram o desenvolvimento desta pesquisa, num entendimento melhor a respeito da formação histórica desse remanescente, o cotidiano dos remanescentes de quilombolas no vilarejo, as práticas do dia a dia no âmbito trabalhista e os relacionamentos sociais e culturais, que são conhecimentos de saberes tradicionais, enraizados em seus ancestrais afros, que são transmitidos através de uma dinâmica peculiar a esse povo, e tornando esses saberes tradicionais objeto desta investigação, consolidou-se um trabalho por meio da visita de campo, das análises e interpretações dos dados colhidos antes, durante e depois das entrevistas com os sujeitos quilombolas.

A metodologia usada para vitalizar esta pesquisa foi a história oral, apoiada em teorias de autores que discutem os mecanismos de trabalho para um bom procedimento de pesquisa no campo, junto aos equipamentos de entrevistas, os cuidados para com os materiais e a maneira de abordar os entrevistados de forma mais precisa para a qualidade interpretativa, no momento das análises sobre o conteúdo coletado.

Ao interpelar os saberes tradicionais de Umarizal, a temática se tornou bastante abrangente por se tratar de todos os saberes desse vilarejo. No entanto, o que está em foco é o relacionamento dos moradores, desses remanescentes de quilombolas para com esses saberes, ainda encontrados no povoado. A investigação trata especialmente dessa questão da transmissão desses conhecimentos num contexto geracional, a importância desses saberes tradicionais para a comunidade, através de práticas exercidas pelos moradores desse quilombo e de que maneira se trabalha a preservação e a manutenção dessa cultura.

Através desta busca, foram alcançados resultados relevantes para o entendimento da importância da transmissão dos saberes tradicionais e a sua preservação no remanescente quilombola de Umarizal, em que muitos desses conhecimentos ainda são presentes nos aspectos sociais, como no uso do cultivo da mandioca, milho, feijão, arroz, no preparo da farinha de mandioca, no preparo de remédios caseiros com o uso de plantas medicinais, no trabalho de parteira, na música e dança do samba de cacete, na caça e pesca, no extrativismo de frutos tropicais e outras atividades encontradas na vivência do povoado.

Também pôde-se constatar entre a comunidade, a preocupação de alguns quilombolas para a preservação desses saberes, como as famílias, as lideranças jovens e comunitárias, no sentido de dar continuidade ao processo de reconhecimento do quilombo e à importância de

sua cultura e identidade e aos costumes afros, mesmo estando flexível às oscilações culturais dos moradores desse remanescente.

Esta pesquisa identificou na população de Umarizal, que a transmissão de seus saberes tradicionais realmente acontece na vida diária dos indivíduos desse remanescente de quilombolas; hora ofuscada nos jovens, outrora bem presente, conforme as realizações das atividades ou eventos dentro da comunidade. Foi percebido, também, a preocupação dos mais velhos e da associação do quilombo, quanto à manutenção de seus costumes para com os mais jovens e até mesmo para com as crianças de Umarizal, havendo, em seus conhecimentos, a memória como um quesito fundamental para essa manutenção dos saberes, em que, várias pessoas mais antigas, e até mesmo os mais jovens, apontaram que a tecnologia presente nos itens eletrônicos dentro da comunidade, e outros costumes, está levando esses indivíduos a perder o contato com os saberes tradicionais de Umarizal.

Constatou-se, também, que a aceitação e aquisição das tecnologias, por parte da comunidade, não foi suficiente para que a mesma se sentisse responsável pelo desaparecimento de algumas práticas exercidas pelos ancestrais de Umarizal. Ao contrário, tais ferramentas tecnológicas se tornaram parte dos costumes da população atual do povoado, levando os saberes a uma oscilação cultural e identitária, conforme já foram discutidas neste trabalho, proporcionando o entendimento de que a perpetuação dos modos e costumes de grupos sociais passa por evoluções, e não por eliminação, quando se trata da chegada de tecnologias eletrônicas e absorção de identidade, por meio de novas configurações oferecidas pela globalização social e capital.

Ainda nos objetivos alcançados nesta pesquisa, identificou-se o empoderamento de seus direitos sociais e de territorialidade. São características herdadas em lutas, avanços, conquistas e garantias de seus saberes marcados por uma tradicionalidade, embrenhando-se, mata a dentro, em busca de liberdade ideológica e cultural de um povo. Portanto, a territorialidade é herança para as gerações quilombolas de Umarizal nos dias atuais, cravando, nesse espaço, a memória histórica e os feitos deixados pelos quilombolas mais antigos desse quilombo.

Em decorrência dos imprevistos e do próprio tempo ter deixado muito suspensas algumas buscas, para melhor aprofundamento desses saberes tradicionais, não foi possível identificar, detalhadamente, cada saber de forma específica, por conta da diversidade de informações encontradas na comunidade. Foram considerados apenas os saberes mais notórios, presentes no cotidiano dos quilombolas de Umarizal. No entanto, pelos saberes destacados nesta investigação, percebe-se a clareza da identidade e cultura desse

remanescente quilombola, somando-se com outros remanescentes existentes no território brasileiro, mantendo-se fortes em seus direitos e lutas para reconhecimentos da existência desses grupos sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo W. B. de. **Os quilombos e as novas etnias**. In. Fundação Cultural Palmares. Quilombos no Brasil. Revista Palmares 5. 2000.
- ANDRADE, Antônia Lenilma Meneses de **Mulheres Quilombolas do Cravo: Movimento, Lideranças e Identidade** Antônia Lenilma Meneses de Andrade- Cametá- PA: UFPA. Programa de pós-graduação em Educação e Cultura, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo E Filosofia Da Linguagem**. 12ª Edição 2006.
- BALÉE, W. **Biodiversidade e os índios amazônicos**, in Amazônia: etnologia e história indígena. Editado por E. Viveiros de Castro e M. C. Cunha, pp. 385-393. SãoPaulo: 1993 NHII-USP-FAPESP.
- BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra. Questões de sociologia**, 1983.
- BRANDÃO, Ana Maria. **Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica**. In: Configurações, n.º 3, 2007, pp. 83-106. 2001.
- BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil** : Texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a nº 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a nº 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRASIL. **DECRETO Nº 7.824, DE 11 DE OUTUBRO DE 2012**. Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm).
- BRASIL. **LEI Nº 5.584, DE 18 DE JANEIRO DE 1990**. Trata da criação de Distrito Municipal e dá outras providências. DOE, nº 26.663, de 19/02/1990. Acessado em <http://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/repositorio/1990/lo5584.pdf>
- BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena".
- BRASIL. **LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)
- BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acessado em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)
- BRASIL. **LEI Nº 10.639, DE 09 DE JANEIRO DE 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Acessado em [http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm)

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Acessado em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>

BURKE, Peter. **A História como Memória Social** In: O MUNDO COMO TEATRO - ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA HISTÓRICA. Lisboa. Difel. 1992.

CANCLINI, Néstor García In: **Dicionário de Conceitos Históricos** - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva - Ed. Contexto - São Paulo; 2006.

CARVALHO, R.M.A.; LIMA, G.F.C. **Comunidades quilombolas, territorialidade e a legislação no Brasil: uma análise histórica**. ISSN 0104-8015/ISSN 1517-5901(online) POLÍTICA E TRABALHO Revista de Ciências sociais, nº 39, outubro de 2013, pp.329-346.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**.4.ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2011, pp.17-59;229-248.

CUNHA, MANUELA CARNEIRO DA, **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. REVISTA USP, São Paulo, nº 75, pp. 76-84, setembro/novembro 2007.

DA SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 133 pp.

DIEGUES, Antônio Carlos, et al. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade e comunidade tradicional no Brasil**. São Paulo, fevereiro de 2000.

DOMINGUES, Petrônio: **Movimento Negro Brasileiro: Alguns apontamentos históricos**. 2007.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FUNES, Eurípedes Antônio. **Áreas das Cabeceiras - Terras de Remanescentes: Silêncio, Matá, Castanhanduba, Cuccé Apuí e São José**. Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. São Paulo, agosto de 1999.

GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**: tradução de Vera Mello Joscelyne. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 3ª ed., São Paulo, Ed. Loyola. 2010.

GOMES, Flávio. "No labirinto dos rios, furos e igarapés": camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XXI. História Unisinos 10(3):281-92, setembro/dezembro 2006.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques, **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica**. In: Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília 2002.

LÚCIDE, Dayse; KALIL, Tamar. **Evento: Semana Envolver - Cidade Jequitinhonha/MF. Oficina: Como realizar entrevista/História Oral.** Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/historiaoral/arq/Entrevista102.pdf> acesso em 27/04/2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos Historiæ**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MAZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Sevilha. **Manual de metodologia da pesquisa no Direito**. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MEDEIROS, Oberdan da Silva. **EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: Constituição de Lideranças e Práticas de Resistências na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará. Dissertação de Mestrado. UFPA Campus/Tocantins – Cametá, 2017.**

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, K. S.; GARCIA, M.F. **Propriedade da terra, trabalho e território: o processo de destruição e reinvenção dos territórios do povo negro na comunidade de Burugi, Paraíba**. Revista OCARA: Geografia em debate, v.6, nº 1, pp. 69-98, 2012, ISSN: 1982-3878 João Pessoa, PB.

MOREIRA, Herivelto; CALEFE Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. Ed. Rio de Janeiro: lamparina, 2011.

MOREIRA, Jorgeanny F. R. **Práticas e saberes populares no quilombo: a comunidade Kolunga do engenho II em Cavalcante, Goiás**. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e ideologia social. Natal RN. 22 a 26 de julho de 2013.

NETO, P.A.S.P.; CAETANO, L.C. **Plantas medicinais: do popular ao científico**. Ed. UFAL. Maceió, Alagoas, 2005.

OLIVEIRA E MOTA NETO, J. C. da. **A construção das categorias de análise na pesquisa em educação**. In: \_\_\_\_\_; MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E. (Org.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011. pp. 161-179.

PEREIRA, A. A. **A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na História do Brasil”**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, nº 17, 2º sem, 2011.

PERES, Ângela Domingos. **Movimento quilombola e capitalismo no Brasil**. 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/angeladomingos.pdf>. acesso em/19 do 11 de 2017.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos** / Benedita Celeste de Moraes Pinto. - Belém: Paka-Tatu, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Mulheres Negras Rurais: Resistência e Luta por Sobrevivência na Região do Tocantins (PA)** UFPA-Campus Universitário do

Tocantins/Cametá Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH · São Paulo, julho, 2011.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Vivências cotidianas de parteiras e experientes do Tocantins**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ano 10 448 2º SEMESTRE, 2002.

SÁ, Maria José Ribeiro de. **Saberes culturais Tentehar e educação escolar indígena na Aldeia Juçaral**. / Maria José Ribeiro de Sá. Belém, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2014.

SANTOS, Jurandir dos. **A Metodologia de História Oral**. Publicado no Jornal Primeira Página, São Carlos, Opinião, 12/01/12 acessível em <[www.jurandirsantos.com.br](http://www.jurandirsantos.com.br)>

SCHAAN, D. P. **Estatuetas Antropomorfas Marajoaras: O Simbolismo de Identidades de Gênero em uma Sociedade Complexa Amazônica**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: 2001.

SILVA, Joilson Cruz. **As comunidades remanescentes de quilombo e a preservação ambiental na região da Baía de Camamu/Baía**. Ecoturismo e Sustentabilidade: Uma perspectiva de desenvolvimento local na região da baía de Camamu. Dissertação de Mestrado. UFBA. 2003.

SILVA, SR, NASCIMENTO LK. **Negros e territórios quilombolas no Brasil**. Cadernos CEDEM, V.2012; 3(1):23-37. Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/view/2339/1962>. Acessado em 28 de fevereiro de 2018.

SILVA. Kalina Vanderlei; SILVA Maciel Henrique. (Coleção Repertórios). In: **Dicionário de Conceitos Históricos** - Ed. Contexto - São Paulo; 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de quilombo: Caminhos e entraves do processo de titulação**. Girolamo Domenico Treccani – Belém: Secretaria Executiva de Justiça, Program Raízes, 2006.

WILLIS, Paul. 1991. **Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

#### FONTE DOCUMENTAL

- Certidão de Autorreconhecimento da Comunidade de Umarizal como Quilombo.
- Ata de fundação.